



Jessica Brockmole

QUERIDA SUE

*Uma carta dá início a uma
história de amor que nem duas guerras
poderão apagar*





Março de 1912: Elspeth Dunn, uma poetisa de 24 anos, nunca viu o mundo além de sua casa na remota Ilha de Skye, na Escócia. Por isso fica empolgada ao receber a primeira carta de um fã, David Graham, um estudante universitário da distante América. Os dois começam a trocar correspondências – compartilhando os segredos mais íntimos, os maiores desejos e os livros favoritos – e fazem florescer uma amizade que, com o passar do tempo, se torna amor. Porém a Primeira Guerra Mundial toma a Europa e David se oferece como voluntário, deixando Elspeth em Skye com nada além de esperanças de que ele sobreviva.

Junho de 1940: É o início da Segunda Guerra Mundial e Margaret, filha de Elspeth, está apaixonada por um piloto da Força Aérea Real. A mãe a adverte sobre os perigos de se entregar ao amor em tempos de guerra, mas a jovem não entende por quê. Então, durante um bombardeio, uma parede de sua casa é destruída e, de dentro dela, surgem cartas amareladas pelo tempo. No dia seguinte, Elspeth parte, deixando para trás apenas uma carta datada de 1915. Com essa única pista em mãos, a jovem decide ir em busca da mãe e, nessa trajetória, também precisará descobrir o que aconteceu à família muitos anos antes. Querida Sue é uma história envolvente contada em cartas. Com uma escrita sensível e cheia de detalhes de épocas que já se foram, Jessica Brockmole se revela uma nova e impressionante voz no mundo literário.

Capítulo 1



Elspeth

URBANA, ILLINOIS, EUA

5 DE MARÇO DE 1912

Prezada senhorita,

Espero que não me considere atrevido, mas quis escrever-lhe para expressar minha admiração por seu livro *Do ninho da águia*. Admito que não sou chegado a poesia. O mais comum é me encontrarem com um exemplar cheio de orelhas de *Huckleberry Finn* ou com alguma outra coisa que envolva correr perigos mortais e escapar por um triz. Mas algo em seus poemas me tocou mais do que qualquer outra coisa em anos.

Estou hospitalizado e seu pequeno livro me animou mais do que as enfermeiras. Especialmente a que tem um bigode igual ao do meu tio Phil. Ela também me tocou mais do que qualquer outra coisa em anos, só que de um modo muito menos empolgante. Em geral, fico atormentando os médicos para me deixarem caminhar, de forma que eu possa voltar às minhas máquinas. Ainda na semana passada, pinteí de azul o cavalo do decano – e tinha esperança de fazer o mesmo com o terrier dele. No entanto, com seu livro na mão, fico contente em permanecer aqui, desde que continuem a me trazer gelatina de laranja.

A maioria dos seus poemas fala em trilhar os temores da vida e escalar o pico seguinte. Como a senhorita provavelmente imagina, são poucas as coisas que me abalam os nervos (afora minha enfermeira com pelos no rosto e seu insistente termômetro). Mas mandar uma carta a uma escritora como a senhorita sem que fosse solicitada parece ser de longe meu ato de maior ousadia.

Estou enviando esta carta à sua editora em Londres e vou cruzar os dedos para

que ela chegue até a senhorita. E, se algum dia eu puder recompensá-la por sua poesia inspiradora – pintando um cavalo, por exemplo –, é só dizer.

Com muita admiração,

David Graham



ILHA DE SKYE

25 DE MARÇO DE 1912

Prezado Sr. Graham,

O senhor deveria ter visto o rebuliço na nossa pequena agência do correio, com todos reunidos para me verem ler minha primeira carta de um “fã”, como diriam vocês, americanos. Creio que essas pobres almas achavam que ninguém de fora da nossa ilha jamais pusera os olhos em minha poesia. Não sei o que foi mais emocionante para elas – se o fato de alguém ter realmente lido um dos meus livros ou de esse alguém ser norte-americano. Vocês são todos bandidos e mocinhos, não é?

Eu mesma admito certa surpresa pelo fato de meus humildes livrinhos haverem escapado para um local tão distante como a América. *Do ninho da águia* é um de meus livros mais recentes, e eu não imaginaria que já houvesse tido tempo para sobrevoar o oceano. Como quer que o senhor o tenha obtido, alegra-me saber que não fui a única a lê-lo.

Agradecida,

Elspeth Dunn



URBANA, ILLINOIS, EUA

10 DE ABRIL DE 1912

Cara Srta. Dunn,

Não sei o que me deixou mais eufórico: saber que *Do ninho da águia* estava entre seus “livros mais recentes” ou receber resposta de uma poetisa tão

estimada. A senhorita, com toda certeza, vive muito ocupada, calculando a métrica ou compondo uma lista de sinônimos cintilantes (sinônimos brilhantes, reluzentes, deslumbrantes). Quanto a mim, passo os dias assaltando bancos com a Gangue do James e os outros mocinhos e bandidos.

Quem me enviou seu livro foi um amigo que se encontra em Oxford. Para meu choque e desolação, não vi seus textos impressos aqui nos Estados Unidos. Nem mesmo uma busca minuciosa na biblioteca da minha universidade resultou em coisa alguma. Agora que sei que a senhorita tem outros espreitando nas prateleiras das livrarias, terei de apelar a meu amigo para que me mande mais alguns.

Fiquei perplexo ao ler que minha carta foi sua primeira correspondência de um “fã”. Eu tinha certeza de que seria apenas um numa pilha, razão por que fiz tamanho esforço para tornar a carta fascinante e espirituosa. É provável que os outros leitores não tenham sido tão ousados (ou impulsivos, talvez?) quanto eu.

Saudações,

David Graham

P.S.: Onde fica a Ilha de Skye?



ILHA DE SKYE

1º DE MAIO DE 1912

Sr. Graham,

Então não sabe onde fica minha encantadora ilha? Que ridículo! Seria como eu dizer que nunca ouvi falar de Urbana, no Illinois.

Minha ilha fica na costa noroeste da Escócia. É um lugar selvagem, verde e pagão, de tamanha beleza que eu não me imaginaria vivendo em nenhum outro. Segue anexo um retrato de Peinchorran, onde moro, com meu chalé aninhado entre as montanhas que cercam o lago. Devo informar-lhe que, a fim de desenhá-lo para o senhor, tive de contornar o lago numa extensa caminhada, subir penosamente a trilha das ovelhas, na colina oposta, e encontrar um pedaço de grama que não estivesse coberto de arbustos nem de fezes de ovelhas.

Espero que o senhor faça algo parecido quando me enviar um retrato de Urbana, no Illinois.

O senhor leciona em Urbana? Estuda? Receio não saber o que os norte-americanos fazem na universidade.

Elspeth Dunn

P.S.: A propósito, é “Sra. Dunn”.



URBANA, ILLINOIS, EUA

17 DE JUNHO DE 1912

Prezada *Sra. Dunn* (queira perdoar minha suposição, por favor!),

A senhora desenha tão bem quanto escreve sua poesia magnífica? O retrato que me enviou é sublime. Não há nada que não saiba fazer?

Como não sei desenhar uma linha, estou enviando alguns cartões-postais. Um deles é do auditório da universidade; o outro mostra a torre do prédio da biblioteca. Nada mau, não é? É provável que Illinois seja tão diferente da Ilha de Skye quanto um lugar poderia ser. Não se avista uma única montanha. Quando saio do campus, são só milharais, até onde a vista alcança.

Suponho que faço o que faz qualquer universitário norte-americano: estudar, comer tortas em excesso e atormentar o decano e seu cavalo. Estou terminando meus estudos de ciências naturais. Meu pai espera que eu ingresse no curso de medicina e que um dia trabalhe com ele em sua clínica. Não tenho tanta certeza do meu futuro quanto ele parece ter. Por enquanto, apenas tento concluir meu último ano da faculdade com a sanidade intacta!

David Graham



ILHA DE SKYE

11 DE JULHO DE 1912

Sr. Graham,

“Não há nada que não saiba fazer?”, o senhor me pergunta. Bem, não sei dançar. Nem curtir couro. Nem fazer barris ou atirar com um arpão. E não sou especialmente boa na cozinha. Acredita que queimei a *sopa*, um dia desses? Mas sei cantar bastante bem, dar tiros certos com uma espingarda, tocar corneta (então todos não sabemos?) e sou uma espécie de geóloga amadora. E, embora não fosse capaz de preparar um carneiro assado decente, nem mesmo se minha vida dependesse disso, faço um maravilhoso bolo de Natal.

Perdoe minha franqueza, mas, por que dedicar todo o seu tempo (e sanidade) a um campo de estudo que não arrebatava sua alma? Se eu houvesse tido a chance de frequentar a universidade, não gastaria um só momento com um assunto que não me interessasse.

Adoro imaginar que passaria meus dias na universidade lendo poemas, já que não há melhor maneira de passar o tempo, mas, após tantos anos disfarçando-me de “poetisa de verdade”, é provável que agora não houvesse muito que um professor pudesse me ensinar.

Não, por menos feminino que pareça, eu estudaria geologia. Finlay, meu irmão mais velho, está sempre no mar e me traz pedras alisadas pelo oceano. Não consigo deixar de me perguntar de onde elas terão vindo e como chegaram às Ilhas Ocidentais.

Pronto, agora o senhor conhece os meus desejos secretos! Em troca, terei de tomar seu filho primogênito. Ou então, creio que poderia me contentar com um segredo seu. Se não estivesse estudando ciências naturais, o que estudaria? O que gostaria de poder fazer com a sua vida, acima de tudo?

Elspeth



URBANA, ILLINOIS, EUA
12 DE AGOSTO DE 1912

Cara Rumpelstiltskin,

Se a senhora me ensinar a tocar corneta, eu a ensino a dançar!

Não creio que haja nada de pouco feminino na geologia. Por que a senhora nunca fugiu de sua ilha para cursar a faculdade? Se eu vivesse num lugar

geologicamente mais interessante do que a região central do Illinois, talvez considerasse uma área semelhante. Sempre tive esperança de estudar literatura norte-americana – Mark Twain, Washington Irving e outros –, mas meu pai se recusou a pagar para que eu passasse quatro anos “lendo histórias”.

O que desejo fazer, acima de tudo? É uma pergunta fácil, porém não estou disposto a admitir a resposta. Receio que a senhora terá de aceitar meu primogênito, afinal.

David



ILHA DE SKYE

1º DE SETEMBRO DE 1912

Sr. Graham,

Bem, agora meu interesse foi atiçado! O que o senhor sonhava ser quando menino? Comandante de um navio? Acrobata de circo? Um caixeiro-viajante que vendesse perfumes? O senhor precisa me dizer, ou farei especulações. Afinal, sou poetisa e vivo entre pessoas que acreditam em fadas e fantasmas. Minha imaginação é muito fértil.

O senhor perguntou por que não fui para uma universidade em algum lugar fora da ilha, e tenho uma confissão a fazer. Bem, isto é bastante embaraçoso, entenda.

Deixe-me respirar fundo.

Em toda a minha vida, nunca saí de Skye. De verdade! A razão é... bem, tenho medo de barcos. Não sei nadar e tenho medo até mesmo de entrar na água para aprender. Sei que é provável que, de tanto rir, o senhor esteja caindo da cadeira da escrivaninha. Uma pessoa que mora numa ilha e tem profundo pavor de água? Pois é isso mesmo. Nem a sedução da universidade foi capaz de me convencer a pôr os pés num barco. Ah, eu tentei. De verdade! Até fiz planos de prestar um exame para obter uma bolsa de estudos. Cheguei a preparar a mala. Finlay e eu pretendíamos fazer uma tentativa juntos. Mas, quando olhei para aquela balsa... ah, ela realmente não parecia capaz de enfrentar o mar. Não

parece *certo* os barcos flutuarem na água. Não houve uísque capaz de me convencer a embarcar.

Pronto! O senhor já tem *dois* segredos meus. Sabe das minhas ridículas aspirações a respeito da geologia e do meu medo ainda mais ridículo da água e dos barcos. Agora, certamente há de se sentir seguro para me confidenciar seu segredo. Se não por outro motivo, o senhor pode confiá-lo a mim pelo fato de que não há mais ninguém (afora as ovelhas) a quem eu possa contá-lo.

Elspeth

P.S.: Por favor, pare de me chamar de “Sra. Dunn”.

Capítulo 2



Margaret

FRONTEIRAS ESCOCESAS

TERÇA-FEIRA, 4 DE JUNHO DE 1940

Querida mamãe,

Mais um grupo entregue! Juro que não deve ter restado uma só criança em toda a Edimburgo, considerando todas as que evacuamos para o interior, afastando-as dessas bombas. Essas três foram melhores que a maioria; ao menos se podia contar que assoassem direito o próprio nariz.

Tenho de acomodá-las e, em seguida, prometi à Sra. Sunderland que faria uma visitinha aos filhos dela em Peebles. Alguma carta do Paul?

Com amor e beijos,

Margaret



EDIMBURGO

8 DE JUNHO DE 1940

Margaret,

Você está atarefada demais; acabou de voltar de Aberdeenshire! A maioria das moças fica num lugar só, enrolando ataduras ou construindo navios de guerra, ou seja lá o que for que as jovens fazem hoje em dia. Mas aí está você, para cima e para baixo pelo interior da Escócia feito o Flautista Mágico, com todas essas pobres crianças correndo atrás. Elas não sabem que você é incapaz de diferenciar norte de sul numa bússola? E que só recentemente se pôde confiar em que *você* soubesse assoar o próprio nariz?

Mas não, minha querida, nenhuma carta do Paul. Tenha fé. Se há uma coisa que se pode esperar daquele menino é uma carta. E, depois, mais umas cem.

Cuide-se bem,

Sua mãe



AINDA NAS FRONTEIRAS ESCOCESAS

QUARTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 1940

Querida mamãe,

Se meu melhor amigo pode sair voando pela Europa com a Força Aérea Real, por que não posso vagar pela Escócia?

Mas você não teve notícias dele, teve? Ficam todos dizendo que a Força Aérea não esteve em Dunkerque, mas Paul disse “volto logo” e, desde então, não tornou a escrever. Para onde mais teria ido? Portanto, ou ele está sem selos ou não voltou da França.

Mas, na verdade, estou tentando não me preocupar. Os pequerruchos já se afligem o bastante longe das mães; não quero deixá-los ainda mais nervosos.

Sigo para Peebles de manhã e de lá vou para Edimburgo. Trate de providenciar chá e bolinhos da confeitaria da Mackie para que estejam à minha espera! Caso contrário, pode ser que eu continue no trem até Inverness...

Com amor e beijos,

Margaret



EDIMBURGO

15 DE JUNHO DE 1940

Margaret,

Se eu soubesse que para convencê-la a voltar para casa bastaria um prato de bolinhos da Mackie, teria experimentado isso há séculos, com ou sem racionamento de açúcar!

Nada ainda do Paul. Mas não se pode confiar no correio em tempos de guerra. Não me lembro de já tê-la visto tão preocupada com ele. Ele não é só um amigo por correspondência?

Mamãe



PEEBLES

SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1940

Mamãe,

Pois é, ainda estou aqui, em Peebles. Os trens continuam numa confusão só e uma Annie Sunderland muito persistente vem tentando me convencer a enfiá-la na minha mala e levá-la para Edimburgo. Quando ameaço colar seus pés no chão, ela me implora que conte só mais uma história. Você a conhece, com aqueles olhões castanhos. Como posso resistir? É claro que Annie sente saudade da mãe, mas a família com a qual ela e os meninos estão hospedados aqui é simplesmente maravilhosa. Posso voltar com um bom relatório para a Sra. Sunderland.

Acho que devo lhe dizer que Paul talvez seja um pouco mais que um amigo por correspondência. Pelo menos é assim que ele vê as coisas. Acha que está apaixonado por mim. Eu acho que ele está sendo perfeitamente ridículo e já lhe disse isso. Somos apenas amigos. Grandes amigos, com certeza. Você deve se lembrar de como vivíamos fazendo caminhadas e subindo colinas, depois dividindo um sanduíche. Mas apaixonados? Não lhe contei antes porque tinha certeza de que daria risadas. Ele *está* sendo ridículo, não está?

Devo chegar amanhã ou depois, se tiver que percorrer a pé todo o caminho daqui de Peebles até aí. Avante!

Com amor e beijos,

Margaret



TELEGRAMA DA AGÊNCIA POSTAL

18.06.40 PLYMOUTH

MARGARET DUNN

EDIMBURGO

MAISIE NAO SE PREOCUPE ESTOU BEM PT

LICENCA CURTA EM PLYMOUTH PT

PENSANDO EM VOCE PT

PAUL



Mamãe!

Ele escreveu!

Vi o telegrama em cima da mesa e nem pude esperá-la voltar da igreja. Tive medo de perder o trem para o sul. Estou levando todos os bolinhos. Serão um agrado e tanto para ele. Espero que não se incomode.

Minha mala e eu estamos voltando direto para a estação Waverley. Escrevo quando chegar lá.

Ele escreveu!

Margaret



EDIMBURGO

18 DE JUNHO DE 1940

Ah, minha Margaret,

Sei que nunca poderei enviar esta carta; ela vai acabar na lareira, no instante em que eu terminar de passar as palavras para o papel. Ah, se você soubesse como doeu meu coração ao ler seu bilhete na mesa, entre as migalhas do prato de bolinhos vazio. Se soubesse o que é correr atrás de alguém por uma breve nesga de tempo, se soubesse como o mundo para de rodar, só por um instante, quando você o tem nos braços, e em seguida recomeça com tanta rapidez que você cai no chão, zozna. Se soubesse como cada alô machuca mais do que uma

centena de despedidas. Ah, se você soubesse!

Mas não sabe. Eu nunca lhe contei. Você não me esconde nada, mas eu sempre mantive uma parte de mim mesma trancada, sempre. Uma parte de mim que começou a tentar fugir no dia em que se iniciou esta outra guerra, que começou a urrar para sair agora, que você correu ao encontro do seu soldado.

Eu devia ter lhe contado. Devia tê-la ensinado a proteger seu coração. Ensinado que uma carta nem sempre é apenas uma carta. As palavras na folha são capazes de inundar a alma. Ah, se você soubesse...

Mamãe

Capítulo 3



Elspeth

URBANA, ILLINOIS, EUA

21 DE SETEMBRO DE 1912

Cara Elspeth,

Se não é “Sra. Dunn”, o que é? Como seus amigos a chamam? Ellie? Libby? Elsie? Por aqui sou conhecido como “Mort” (não pergunte), mas minha mãe me chama de “Davey”.

Você nunca saiu de Skye? Não sei por que isso me pareceria tão inacreditável. Digo, sempre haverá pessoas com medo do mar, e quem mora tão perto dele vê em primeira mão quanto pode ser assustador. Você nunca nem mesmo atravessou uma ponte?

Tudo bem, quer mesmo saber o meu segredo? Meus pais não sabem disso e meus amigos morreriam de rir se soubessem. Lá vai: se eu pudesse ser qualquer coisa no mundo, seria dançarino. Bailarino, como Nijinski. Eu o vi dançar em Paris e foi incrível! Na verdade, “incrível” não faz jus àquilo. Fui ao teatro todas as noites em que consegui arranjar ingresso, por mais longe que a cadeira ficasse do palco. Eu não sabia que o ser humano podia saltar e rodopiar tão alto. E ele fazia tudo parecer executado sem o menor esforço! Nunca tive aulas, mas sempre me julgaram um bom dançarino. Quem sabe o próximo Nijinski?

Pronto! Aí está! Agora você tem o meu futuro social na palma das mãos.

Acho que estou ouvindo as gargalhadas chegando aí da Escócia...

Tenho que ir – estão começando as guerras das árvores!

Meus cumprimentos,

David



ILHA DE SKYE
10 DE OUTUBRO DE 1912

Davey,

Que maravilha! Este mundo precisa de mais bailarinos, assim como precisa de mais geólogas.

E o que é, tenha a bondade de me dizer, uma guerra das árvores? Será que Urbana, no Illinois, é tão pobre em termos arbóreos que seus cidadãos têm que entrar em guerra por elas? As árvores são escassas em Skye, sem dúvida, mas não chegamos propriamente a ter que entrar em combate. Se a situação for tão terrível assim, por favor, me informe. Mandarei uma ou duas mudas pelo correio.

Dizem que os mares daqui são habitados pelo *each uisge*, um cavalo que puxa as vítimas para baixo d'água e as despedaça entre suas presas, até restar apenas o fígado, que fica boiando funestamente na superfície. Criada com histórias como esta, o que poderia me induzir a pôr os pés na água?

Mas a verdade é que tenho minhas razões. O mar pode ser apavorante. Meu pai é pescador. Meu irmão Alasdair também era, mas um dia saiu e nunca mais voltou. O barco ficou aos pedaços, espalhado entre os seixos da praia. Portanto, sim, realmente compreendo os perigos do mar.

Se alguma ponte ligasse Skye às terras continentais, talvez eu houvesse saído daqui. Mas, até chegar esse dia, enquanto eu tiver que enfrentar a balsa, receio que serei sempre prisioneira da minha ilha.

Elspeth

P.S.: Por mais estranho que pareça, meus amigos me chamam de “Elspeth”. Mas você, que ainda não me conhece bem o bastante para ser meu amigo, pode me chamar como quiser.



URBANA, ILLINOIS, EUA
3 DE NOVEMBRO DE 1912

Como eu quiser? Então que seja Sue!

Guerras das árvores? São brincadeiras bobas. Cada turma planta uma árvore no campus e as outras turmas tentam destruí-la. A minha já perdeu uma árvore. Fizemos um novo plantio e temos grandes esperanças quanto a este mais novo membro da turma de 1913. Vimos montando guarda em turnos junto dela, armados de ovos e sacos cheios d'água. Danny Norton tem alimentado a árvore com uma fórmula que diz ter eficácia garantida, mas acho que é basicamente cerveja com um pouquinho de colônia masculina, para disfarçar o cheiro. Deve estar funcionando, porque a árvore ainda não morreu. Uma noite dessas, arrancamos a muda da turma de 1914, com raízes e tudo!

Apesar das guerras das árvores, nem tudo aqui é prazer e diversão. Este período letivo já está se revelando bem difícil. Meus amigos acham que o último ano é o mais fácil de todos, mas tenho uma carga muito pesada de matérias. Vou à biblioteca com tanta frequência que já penso em levar meu travesseiro e minha escova de dentes para lá. O que há de fácil nisto? Estou apavorado com o período das provas.

Sabe, é em ocasiões como esta que tenho dúvidas sobre o futuro. Eu vivia esperando que, em algum momento, o professor ou a disciplina certos me inflamariam e eu sentiria a paixão que os outros parecem ter. Que eu saberia, sem sombra de dúvida, o que gostaria de passar o resto da vida fazendo. No entanto, aqui estou, no último ano da faculdade, e realmente ainda não faço ideia.

Sempre supus que seguiria meu pai na medicina. Bem, acho que *ele* sempre presumiu isso e eu apenas aceitei, sem ter nenhum plano próprio. Mas acabei me dando conta de que não anseio por isso. Por mais que eu deteste a faculdade, chego quase a desejar que pudesse apenas ficar aqui. Assim, não teria que ir para o “grande, vasto mundo”.

Bem, aí está, você tomou conhecimento das minhas inquietações e das minhas dúvidas. Talvez elas nasçam da frustração, que cresce à medida que chego mais perto das provas do fim do período. Lamento sobrecarregá-la com pensamentos tão melancólicos. Terei de mandar esta carta depressa, antes que mude de ideia.

Cansado,

David



ILHA DE SKYE

23 DE NOVEMBRO DE 1912

Davey,

Não vá pular da torre da sua biblioteca, por favor!

Nem sempre somos feitos para as mesmas coisas que os outros. O meu irmão Finlay seria capaz de esculpir a Mona Lisa numa bolota de carvalho, se quisesse. Eu acabaria simplesmente com uma farpa. E eu nunca poderia ser um Nijinski, por mais que tentasse. Esses seus colegas são cheios de paixão e aptidão em seu campo de estudo porque isso é o que eles nasceram para fazer. Davey, você não pode se obrigar a ser igual a eles. Está destinado a fazer alguma coisa neste mundo, mas talvez não seja o que o seu pai pensa. Ele sabe como você está infeliz?

No meu modo de ver, o seu talento está em impedir que uma escocesa reclusa enlouqueça durante o inverno insular. As ovelhas nem de longe são tão fascinantes.

Mas, de verdade, Davey, você tem paixão. Há algo reservado para você. Agarre-se a essa esperança. Você vai encontrar.

Elsbeth



URBANA, ILLINOIS, EUA

11 DE DEZEMBRO DE 1912

Sue,

A sua carta me proporcionou uma pausa muito bem-vinda nos estudos. Ajudou até a aliviar a minha cabeça latejante. Fiquei hospitalizado nos últimos tempos e ainda não estou propriamente em plena forma.

Não tenho certeza de que meus pais saibam o que sinto a respeito da faculdade. Quando eu estava iniciando o curso e mencionei que gostaria de estudar literatura norte-americana, meu pai riu, na verdade. Nem levantou os

olhos do jornal. Apenas riu e disse: “Ridículo.” Ele tem um bigodão de pontas caídas e, quando ri, não produz nenhum som. A gente só fica sabendo porque as pontas do bigode estremecem. E lá ficou ele, sentado, fungando, com o bigode tremelicando, dizendo coisas como “ridículo” e “isso não é carreira”. “Mas eu gosto de literatura”, protestei. “Medicina. É isso que você precisa estudar. Mais tarde, você vai me agradecer. Não há nada mais recompensador.”

Eu realmente tentei falar com ele nesse dia, Sue. Mas a coisa só fez evoluir para uma discussão, com a minha mãe torcendo as mãos e me implorando para ao menos fazer “uma tentativa”. Meu pai acabou batendo com o jornal na mesa e declarou que não ia pagar por esse absurdo e que, se eu quisesse estudar uma frivolidade como literatura, não seria com o dinheiro dele.

Portanto, você já vê por que não posso conversar com meus pais. Preciso apenas seguir adiante. Terminar a faculdade, concluir um curso de medicina. Quando arranjar um emprego, poderei tomar minhas próprias decisões. Talvez.

Preciso voltar aos estudos. Estou ansioso pelas férias, por um tempo para descansar e me recuperar antes que o período letivo recomece.

De olhos lacrimejantes e visão embotada,

David



ILHA DE SKYE

5 DE JANEIRO DE 1913

Caro David,

Feliz ano-novo! Tem feito tanto frio que mal consigo me afastar do meu cantinho em frente à lareira. Quando enfim me agasalhei toda e me arrastei até o correio, encontrei uma carta sua à minha espera, de modo que a saída valeu a pena.

Como foram suas festas? Por aqui nós tentamos torná-las alegres. Fiz meu famoso bolo de Natal e montei uma arvorezinha linda, com cordões de flores secas. Pusemos ramos de sempre-vivas no console da lareira e sobre o vão das portas. Ganhei um par de luvas de lã, uma chaleira nova e um dos livros de Robert W. Service. Você já leu os poemas dele? São simplesmente

maravilhosos. Se gosta de ler meus pequenos versos, devia dar uma olhada nos dele.

Quais são os seus livros favoritos? Como qualquer um que tenha sangue das Terras Altas escocesas correndo nas veias, adoro o W. S. Aliás, não sei se poderia me chamar de ilhoa se não tivesse lido “Senhor das Ilhas”. Às vezes acho os romances dele góticos demais para o meu gosto, mas sua obra poética de fato capta lindamente a Escócia, em todos os seus temperamentos inconstantes. Tenho muita estima por meu exemplar surrado de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, o primeiro livro que possuí. Como os personagens do livro, meus irmãos e eu fazíamos corridas em comitê pela areia da praia, gritando ao vento as coisas mais secas que conhecíamos. E chego quase a me envergonhar de admitir que acabei de ler e gostei muito de *Três semanas de amor*. Provavelmente, você não me tomaria pelo tipo de leitora de Elinor Glyn.

Elsbeth

P.S.: Lamento saber que estive hospitalizado. Espero que não seja nada grave. Isso parece lhe acontecer com uma frequência alarmante.



URBANA, ILLINOIS, EUA

1^o DE FEVEREIRO DE 1913

Cara Sue,

Minhas festas foram esplêndidas! Estive em Chicago com meus pais. Minha irmã, Evie, e o marido vieram de Terre Haute, e finalmente conheci minha sobrinha, Florence. Ela está com quase 1 ano, é toda risonha e dá as gargalhadinhas mais contagiantes do mundo ao puxar meus suspensórios. Comprei-lhe uma boneca de vestido de seda, para a qual ela é obviamente muito pequena, já que só fez mastigar a mão da boneca e rir de mim. É provável que eu ainda lhe esteja comprando bonecas de vestidos de seda quando Florence for grande demais para elas, e é provável que ela continue a rir de mim.

Ganhei uma máquina fotográfica portátil no Natal. Aqui vai uma foto minha, para você poder ver o seu humilde correspondente. Agora terá que retribuir na mesma moeda! Também ganhei mais lenços do que jamais terei esperança de precisar, cortesia da minha mãe, um exemplar novinho da *Anatomia*, de Henry Gray, do meu pai, e um conjunto de cartões com estereofotografias das Ilhas Britânicas. Estes foram um pedido especial; quero ver mais coisas dessa terra que você chama de pátria. E por último, da minha irmã, ganhei um dos primeiros livros escritos por você, que ela incrivelmente descobriu em algum lugar. Evie deu uma espiada, antes de embrulhá-lo para presente, e acho que você converteu mais uma pessoa! Agora que o novo período escolar começou, tenho racionado minha leitura a um poema por noite e guardo o conjunto como uma espécie de prêmio pelo trabalho bem-feito nas minhas provas do meio do período.

Meus livros favoritos? Sem dúvida, Mark Twain é o meu escritor predileto, mas escolher só um dos livros dele? Não sei se isso é possível! É claro que nada pode se comparar a *Huckleberry Finn*, mas *Um ianque na corte do rei Arthur* é uma pândega. Suponho que esteja tão distante do seu Lewis Carroll quanto se possa chegar, mas confesso ter lido *Alice através do espelho* da frente para trás e de trás para a frente. Gosto muito de Jack London, Wilkie Collins e H. Rider Haggard. Histórias cheias de mistério e aventura. Poe é imbatível em matéria de suspense. Também gosto de uma boa história de faroeste, e leio coisas como Zane Grey, quando quero fazer um intervalo na “literatura”. E, para mim, “W. S.” só pode ser Will Shakespeare. Receio nunca ter lido “Senhor das Ilhas”.

Não, eu não a imaginaria o tipo de leitora de Elinor Glyn. Tenho apenas um conhecimento passageiro dos livros dela. E digo “passageiro” literalmente, já que o *Três semanas de amor* circulou de quarto em quarto no meu dormitório. Um rapaz cheio de iniciativa achou um tapete imitando pele de tigre para o seu piso, talvez na esperança “de pecar assim/ com Elinor Glyn”. Ela nunca fez nenhuma visita ao nosso dormitório, e também não me lembro de nenhuma outra dama que tenha aceitado o convite dele.

Como fui parar no hospital? Bem... eu estava tentando montar uma vaca e caí. Montar vacas não é um esporte arriscado em si – já o pratiquei em numerosas ocasiões –, mas nós a estávamos fazendo subir a escada do prédio de História

Natural, em direção ao escritório do reitor. Ela não gostou muito da ideia. Só posso dizer que não é um meio de transporte que eu recomende. E o que você quer dizer com eu estar sempre indo parar no hospital?

De volta à labuta, em mais um período. Não posso dizer que ele pareça vir a ser mais fácil do que o último, mas, pelo menos, estou quase acabando!

Revigorado,

David



ILHA DE SKYE

27 DE FEVEREIRO DE 1913

Caro David,

Muito obrigada pela fotografia. Você tem um ar muito sério! E é muito mais jovem do que eu pensava. Mas vejo nos seus olhos um brilho que sugere um garoto capaz de roubar uma árvore ou montar uma vaca. O que aconteceu com a árvore da sua turma?

Não espere uma fotografia minha. Não há máquinas fotográficas aqui, e acho que eu não saberia me desenhar com objetividade. Ficaria apagando e modificando, até você receber um retrato da rainha Maud da Noruega. Sempre queremos parecer mais bonitos do que realmente somos, não acha? Digo, se você estivesse desenhando seu retrato, em vez de bater uma foto com sua câmera, teria realmente colocado aquele paletó xadrez horroroso?

Agora que vi sua fotografia, posso imaginar você e seus colegas fazendo circular o exemplar de *Três semanas de amor*. Ficam todos aflitos, esperando sua vez e, ao receberem o livro nas mãos ávidas, correm para o quarto, esquecendo o dever de casa por uma noite. E, quando começam a ler, ficam com as bochechas ruborizadas, ao se darem conta de quão pouco aquilo se parece com Henry James.

Nunca li Mark Twain, mas concordo em que Poe é emocionante. Lembro-me de uma noite, quando menina, em que li “O Coração Delator” na cama, com um coto de vela que tinha surrupiado da igreja. Decerto fui castigada por ter roubado a vela, porque, quando terminei o livro e a apaguei, não consegui

pregar olho. Tinha certeza de estar ouvindo a batida do coração no andar de baixo. Quando o dia amanheceu, minha mãe me encontrou sentada na cama, rígida e inteiramente desperta, agarrando o cobertor em volta do corpo. Tinha a convicção de que Deus estava me castigando pelo pecado de roubar a vela do altar. E assim, o que fiz no domingo seguinte, para expiar esse pecado? Surrupiei uma vela do nosso armário de casa e a deixei na igreja!

E é claro que W. S., meu caro rapaz, é Walter Scott. Tenho certeza de que haverá algumas produções dele espalhadas por essa sua enorme biblioteca universitária. De qualquer modo, se você leu *Através do espelho* mais de uma vez, nós dois nos daremos às mil maravilhas. O “Jaguardarte” é o meu favorito.

Na sua primeira carta (sim, guardo todas as suas cartas!), você falou em ter estado hospitalizado em época recente. Que tipo de animal de criação estivera usando de forma inadequada naquele momento? Andara tentando dançar valsa com um cavalo? Jogar futebol com um carneiro?

Elsbeth



URBANA, ILLINOIS, EUA

21 DE MARÇO DE 1913

Cara Sue,

Tive que deixar os livros de lado para responder imediatamente e defender a mim e ao meu pobre paletó xadrez. É óbvio que vocês não têm senso de estilo na Ilha de Skye, já que meu paletó e eu estamos no auge da moda aqui no campus! E eu tinha que parecer sério na fotografia; é o meu primeiro bigode. Agora, fiquei curioso: que idade eu lhe pareço ter?

Tudo bem, se você se recusa a sentar-se diante do espelho e usar seu lápis para desenhar seu retrato para mim, queira sentar-se diante do espelho e usar suas palavras para descrever-se. Olhe-se já no espelho e me diga o que está vendo. Eu mesmo montarei a imagem.

Não, não houve maus-tratos anteriores a animais de criação, pelo menos nenhum que tenha me feito parar no hospital. Aquela internação anterior se deveu à tentativa de escalar as paredes do pavilhão feminino e entrar

furtivamente no quarto de Alice McGinty. Subi o cano de esgoto e já estava quase no alto quando minhas mãos escorregaram. Fiquei com uma perna quebrada e o coração partido, já que Alice nem sequer apreciou meu esforço. Compreendo o desagrado dela, uma vez que quase foi expulsa do dormitório por causa desse incidente. E sabe qual é a parte mais frustrante disso tudo? Eu havia escalado aquele mesmíssimo cano em mais de uma ocasião, muitas vezes levando amarrado ao paletó um pote cheio de gafanhotos, ou, numa noite memorável, um saco de esquilos.

E a nossa árvore (que batizamos de “Paulie”) continua crescendo aos poucos. Talvez ainda vençamos esta guerra!

Fiquei muito chocado quando você disse que nunca leu Mark Twain. Que tipo de educação vocês recebem na Escócia? Essa é uma deficiência que terei de retificar. Por favor, queira aceitar o exemplar anexo de *Huckleberry Finn* – como presente de Natal atrasado, se quiser –, desculpando a sua aparência surrada. Encontrei-o num sebo e ele parece ter sido muito benquisto, ainda que desprezado no fim. Eu não poderia lhe dar um bom lar, porque já tenho um exemplar em cima da escrivaninha, mas sabia que podia confiar o bem-estar dele a você.

Até a próxima vez,
David



ILHA DE SKYE
9 DE ABRIL DE 1913

Caro David,

E que bigode esplêndido!

Ah, eu sou *péssima* para adivinhar idades. Acho que, com essas bochechas redondas (perfeitas para um beliscão, Davizinho!) e com essa mecha de cabelo caída no rosto, você parece ter uns 18 anos. Uma dama jamais revela sua idade, mas não sou muito mais velha.

Tudo bem, meu senhor, tentarei aceitar seu desafio. E também tentarei ser franca na minha descrição.

Ao me olhar no espelho, o que vejo? Tenho o rosto magro e o queixo meio pontudo. Nariz pequeno e lábios finos. Meu cabelo é castanho e liso. Eu o prendo com um nó na altura da nuca, o mais apertado que consigo atá-lo, mas o cabelo é tão fino que já há uns fiapos escapulindo e esvoaçando em torno do meu rosto. Meus olhos têm a tonalidade âmbar do bom uísque maltado do meu pai. Embora a *Màthair* (isto é “mãe” em gaélico) tente me manter arrumada, tendo a usar os suéteres velhos dos meus irmãos e saias curtas demais para serem elegantes. Não conte a ninguém, mas é até sabido que uso um par de calças – que foram apertadas para ficarem do meu tamanho – quando saio para caminhar.

Pronto! O que acha? Consegue me imaginar? Se eu tivesse desenhado isto para você, com certeza teria posto um enchimento no busto.

Um saco cheio de esquilos, Davey? Ora, se você não é mesmo um patife! Pobres mulheres. E por que fazer essas coisas, se elas acabam em mais uma visita às excelentes instalações médicas de Urbana, Illinois?

Fiquei muito empolgada ao receber o exemplar de *Huckleberry Finn*. Minha biblioteca não é lá essas coisas, de modo que qualquer livro, por mais surrado que esteja, é bem-vindo. Os livros são lidos e relidos nestas longas noites do inverno escocês.

Elsbeth

Capítulo 4



Margaret

PLYMOUTH

QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1940

Querida mamãe,

Pode me passar um carão. Saí correndo, sem nem ao menos me despedir. E atrás de um rapaz que, até recentemente, nada mais era que um amigo por correspondência. E um correspondente ruim, ainda por cima, considerando-se as semanas sem notícias dele. Mas, se visse o ar meigo e tristonho do Paul esperando na estação, também o teria perdoado!

Ele está bem, mas escapou por um triz. Nada além de alguns arranhões e uma luxação no pulso, embora ele se recuse a me contar o que aconteceu. Só diz que está feliz por me ver e que já se sente melhor.

Não estou escalada para acompanhar nenhuma criança para outra cidade, e assim, se não se importa, vou passar um tempinho aqui. Paul não sabe quando terá a próxima licença e está precisando de mim, mamãe.

Com amor e beijos,

Margaret



EDIMBURGO

22 DE JUNHO DE 1940

Minha Margaret,

Não sabe quanto me preocupei com você, viajando sozinha por toda essa distância até Plymouth. Você nunca esteve tão longe de casa.

Talvez não deva permanecer aí. Você já foi, já animou o seu amigo e se convenceu de que ele está tão bem quanto é possível. Chegou inclusive a levar para ele até a última migalha dos preciosos bolinhos comprados com meus cartões de racionamento. Agora precisa vir para casa. Deve voltar antes que isso se transforme numa coisa séria. Por favor.

Com amor,
Mamãe



PLYMOUTH
QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1940

Mamãe,

Sei que você me ama, mas tenho idade suficiente para tomar minhas próprias decisões. Além disso, as coisas já ficaram sérias. Paul me pediu em casamento.

Margaret



EDIMBURGO
1º DE JULHO DE 1940

Margaret,

Não tome nenhuma decisão precipitada. Não por mim, mas por você. Faz seis meses desde a última vez que você e Paul estiveram na mesma cidade. Houve ocasiões em que vocês dois não conseguiam parar de brigar. E agora todo esse amor e um casamento, do nada?

Isso é a guerra falando. Eu sei, já vi acontecer. Eles partem invencíveis, achando que o futuro é um lago dourado à sua frente, prontos para mergulhar. E aí acontece alguma coisa – uma bomba, uma luxação no pulso, uma bala que passa assobiando perto demais – e, de repente, eles se agarram ao que quer que consigam segurar. O tal lago faz ondas e eles sentem medo de se afogar, se não

tomarem cuidado. Agarram-se com força e fazem qualquer promessa que lhes venha à cabeça. Não se pode acreditar em nada do que é dito em tempos de guerra. As emoções são tão fugazes quanto as noites serenas.

Por favor, tenha cuidado. Na semana passada, aviões sobrevoaram a cidade. Um deles soltou cinco bombas explosivas e mais de cem bombas incendiárias nas imediações do castelo de Craigmillar. Não houve nada na cidade, graças a Deus, mas os aviões têm passado bem aqui em cima. Passei duas noites agachada no abrigo do bairro, de camisola, ouvindo as sirenes de aviso de ataques aéreos, o ronco dos motores e o metralhar das baterias antiaéreas, mas sem saber ao certo o que estava acontecendo. Isso vem me desgastando. Tudo o que eu quero é minha Margaret ao meu lado.

Por favor, não tome nenhuma decisão de que venha a se arrepender. Por favor, não entregue seu coração sem perceber, porque, minha doce menina, talvez nunca o receba de volta.

Com amor,
Mamãe



PLYMOUTH

SEXTA-FEIRA, 5 DE JULHO DE 1940

Mamãe,

Você sempre me disse para ir atrás da felicidade e segurá-la com as duas mãos. Outras mães empurraram as filhas para a universidade, ou para o trabalho nas fábricas, ou para servirem chá numa cantina das Forças Armadas. Você, não. Sabia que eu ficaria infeliz. Em vez disso, me arranhou crianças que precisavam ser acompanhadas ao interior. Pude escapar da cidade justamente quando ela começou a se encher de casamatas e abrigos Anderson e de exercícios da guarda nacional no parque. Essas excursões para as Fronteiras Escocesas ou as Terras Altas são pura felicidade.

Eu não disse que aceitei o pedido de Paul. Disse a ele que precisava pensar no assunto. Está vendo? Não sou tão precipitada assim. Mas estou *feliz*, mamãe.

Exatamente como você sempre quis que eu estivesse. Volto logo para casa.

Com amor e beijos,

Margaret



EDIMBURGO

9 DE JULHO DE 1940

Querida Margaret,

Pensar é bom. É o que diferencia os seres humanos das baratas.

Mamãe



PLYMOUTH

SÁBADO, 13 DE JULHO DE 1940

Querida mamãe,

Você vai gostar de saber: Paul está devidamente remendado e descansado e vai voltar ao serviço da bela Bretanha amanhã. Começarei então a trilhar meu caminho para o norte, embora não possa assegurar a eficiência das ferrovias nestes tempos.

Com amor e beijos,

Margaret



EDIMBURGO

QUINTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1940

Paul,

Mamãe está furiosa conosco. Bem, comigo, na verdade. É um absurdo! Não fizemos nada de tão escandaloso. É só um anel, afinal. Um anel e uma

promessa.

Tivemos uma briga terrível por causa disso, de modo que estou aqui em cima, no telhado, com esta carta e sem nenhuma ideia de como pedir desculpas. Ela disse que eu era ridícula por ter dito “Sim” ao primeiro rapaz que me pediu em casamento. Mas, depois, falou que, na guerra, a felicidade é algo difícil de encontrar. Falei que *ela* é que estava sendo ridícula e devia se decidir. E se o primeiro rapaz que me pediu em casamento *fosse* o que ia me fazer feliz? Aí ela me atirou uma colher e disse que não tinha todas as respostas.

Por isso, subi no telhado para arejar as ideias. Por fim, ela pôs a cabeça para fora da janela do quarto e disse que a guerra a deixa inquieta. Já passou por uma, porém a de agora traz um medo constante, nas noites em que o alarme antiaéreo toca e naquelas em que não toca. “A guerra é impulsiva”, ela disse. “Não passe o resto da vida procurando fantasmas.”

Perguntei-lhe que diabos queria dizer com isso, mas ela me virou as costas e se recusou a dizer palavra.

- Você está falando do meu pai, não é?
- Eu já lhe disse que não há nada que você precise saber sobre ele.
- E por que não? Ele é meu pai.

Você está a par disto tudo, Paul. Já ouviu minhas arengas intermináveis sobre como mamãe nunca disse uma palavra sobre meu pai. Como sempre evita minhas perguntas e diz que o que passou passou. E eu compreendo o que ela quer dizer. Compreendo. Ela me criou sozinha; quer que eu fique satisfeita com isso. Que valorize o tempo que passamos juntas. Mas não saber de onde eu vim, ou como nasci... você sabe de todas as indagações que tenho.

Enquanto ela ficava na janela do quarto, eu disse tudo isso. Ela tentou descartar o assunto com uma piada. “O primeiro volume da minha biografia está esgotado”, como gosta de dizer.

Mas dessa vez eu não permiti. Revidei. Arrependimentos? Fantasmas? Ela nunca havia falado nesses termos.

- Por que você não fala dele? – perguntei. – O que há de tão horrível nele que a faz riscá-lo da memória?

Pensei que mamãe fosse andar de um lado para outro e torcer as mãos, mas ela ficou muito quieta.

– Eu *nunca* o esqueci – disse, finalmente. – Mas vou lembrar por nós duas.

Estava com os olhos brilhando quando se retirou.

Agora a escuto remexendo as coisas na cozinha. Tentar cozinhar é (infelizmente) sua forma de pedir desculpas. Seja o que for que está fazendo, tem um cheiro pavoroso. Nem quero pensar em qual legume ela está destruindo neste momento.

Eu realmente devia entrar e lhe dizer que sinto muito por tê-la chamado de ridícula. Por ter até mesmo começado uma discussão. Devia pedir desculpas por forçá-la a me falar do meu pai, dos arrependimentos, dos fantasmas. Sei que ela tem boas intenções e que está cansada, que apenas sente falta da minha companhia. Está fazendo o melhor que pode. E eu realmente valorizo o tempo que passamos juntas.

Talvez eu possa convencê-la a sair para darmos uma volta. Ainda faltam umas duas horas para escurecer. Podemos ir ao parque Holyrood, subir por entre as tojeiras. Bater papo sobre nada em especial. Ou quem sabe agora ela se disponha a conversar. Eu realmente me pergunto...

Ah, meu Deus, Paul, nem sei o que eu pretendia escrever. Mal posso acreditar no que aconteceu. Ouvi os aviões e só tive tempo de enfiar o caderno de notas dentro da blusa antes que a bomba caísse. Mamãe tinha mencionado os ataques aéreos recentes e os aviões lá no alto, mas eu não podia imaginar. Sei que a vida é diferente para você; que teve inúmeras noites interrompidas por aviões e sirenes. Mas para mim... uma bomba? Na rua em que eu andava saltitando quando criança?

Eu a vi cair... Ela desceu girando, direto para a calçada, bem ali na rua. Eu me agachei atrás da água-furtada bem a tempo. Subiram pedras e terra por todo lado. Num momento havia paralelepípedos e, no seguinte, uma cratera fumegante. Não faço ideia de como mantive o equilíbrio, de como não caí do telhado com a explosão. Nem sequer chegou a haver sirene.

Lembrei-me da mamãe. A janela do quarto tinha sido estilhaçada e, lá dentro, estava tudo silencioso. Chamei-a. Não sabia como entrar no quarto, com todos aqueles cacos de vidro na janela. O interior era um caos completo. A cama havia deslizado para a parede oposta, levando junto a mesinha de cabeceira. Uma pedra do calçamento, atirada numa trajetória perfeita pela janela, havia

rasgado uma parte do revestimento de lambris da parede. Papéis brancos vojavam pelo quarto, inundado pela luz do poente.

Tornei a chamar e vi a sombra dela no vão da porta. Mamãe entrou devagar, afastando de leve os papéis com seus chinelos de cetim azul. Mas não veio até a janela. Apenas ficou ali, olhando fixo para os lambris estilhaçados e para a nevasca de papel.

Estiquei o braço e arranquei uma das cortinas do blecaute. Embrulhei a mão nela e derrubei o vidro do parapeito para poder entrar.

Mamãe continuou sem dizer palavra. Agachou-se no chão e puxou braçadas de papel para o colo. Eu me curvei e peguei um deles. Uma carta, amarelada e com as marcas das dobras, endereçada a uma pessoa chamada Sue. E, porque o texto me soou tão parecido com você, Paul, eu o transcrevo aqui:

CHICAGO, ILLINOIS, EUA

31 DE OUTUBRO DE 1915

Querida Sue,

Sei que está zangada; por favor, não fique. Deixando de lado o discurso sobre o “dever” e o “patriotismo”, como você poderia realmente esperar que eu dispensasse essa aventura suprema?

Minha mãe tem vagado pela casa de olhos vermelhos, fungando. Meu pai continua sem falar comigo. No entanto, sinto que estou fazendo a coisa certa. Meti os pés pelas mãos na faculdade. Estraguei tudo no trabalho. Diabos, estraguei até a relação com a Lara. Estava começando a achar que não havia lugar no mundo para um sujeito cujo maior sucesso incluía um saco cheio de esquilos. Até aqui, ninguém parecera querer minha ousadia e minha impulsividade. Você sabe que isto é o certo para mim, Sue. Justamente você, que parece entender as coisas a meu respeito antes mesmo de mim. Você sabe que isto é o certo.

Sigo amanhã para Nova York e tenho de confiar que minha mãe despache esta carta. Quando você a ler, estarei num navio em algum lugar do Atlântico. Embora pudéssemos obter um desconto na tarifa se viajássemos pela companhia francesa, Harry e eu estamos rumando para a Inglaterra. Minna está à espera dele por lá. Quanto a mim... eu tenho você. Como os cavaleiros de outrora, nenhum de nós pode partir para a luta sem um amuleto da mulher

amada para guardar na manga.

Vou desembarcar em Southampton num dia de meados de novembro e, de lá, sigo para Londres. Sue, diga que desta vez vai me encontrar. Sei que para mim é fácil pedir, muito mais fácil do que é para você sair do seu refúgio em Skye. Não me deixe partir para o front sem tê-la tocado pela primeira vez, sem ter ouvido a sua voz dizer meu nome. Não me deixe partir para o front sem levar uma lembrança sua no coração.

Do seu, sempre e para sempre,

Davey

– Elas são minhas – disse a mamãe, agarrando as outras cartas que vojavam pelo quarto. – Você não tem o direito de lê-las.

Perguntei-lhe o que eram, quem era Sue, mas ela não respondeu. Ficou lá sentada, com os olhos cheios de lágrimas, as mãos atrapalhadas, empilhando o papel já amarelo. Lá fora, o alarme antiaéreo finalmente começara a tocar.

– Vá – disse ela, por fim, apertando com força os envelopes. – Vá logo.

Em meio ao som das sirenes e às metralhas das baterias antiaéreas, saí de casa aos tropeços e fui para o abrigo antiaéreo. Sabia que tinha de terminar esta carta para você, que não havia mais ninguém com quem eu pudesse falar desta tarde. De como nada disto pareceu real.

Nunca guardei segredos de minha mãe. Você sabe disso, Paul. Mas, agachada naquele abrigo, com meu caderno de notas ainda enfiado dentro da blusa e a carta na mão, eu me perguntei o que ela teria escondido de mim.

Margaret

Capítulo 5



Elspeth

CHICAGO, ILLINOIS, EUA

17 DE JUNHO DE 1913

Querida Sue,

Terminei!

Desculpe-me ter demorado tanto a responder, mas eu estava esperando para poder lhe dizer que acabei, completa e absolutamente. Ah, que luxo sentar para lhe escrever sem uma pilha de livros a me lançar olhares furiosos da escrivaninha! Em vez disso, estou sentado na casa dos meus pais, com a janela aberta, a brisa morna do verão estufando as cortinas de renda, sem nada mais maléfico a me encarar do que o *Chicago Tribune*. Apenas me recostar, bebericar uma limonada gelada e lhe escrever – isto é que é extravagância!

Você se orgulhará muito de mim, eu acho. Abri o jogo com meu pai. Talvez você se pergunte como arranjei coragem para dizer a ele. Foi por mal ter passado raspando nas minhas matérias! Ele deu uma olhada nas minhas notas e torceu o nariz.

– Como você espera entrar para a faculdade de medicina com essas notas? – perguntou.

– Não espero – respondi. – Não espero nem me importo.

Ele quase engasgou com o café.

– O que quer dizer com não se importa?

– Exatamente isso, pai. Nunca tive vontade de entrar para a faculdade de medicina. E agora é tarde demais para me convencer do contrário.

Ele se retirou da mesa, batendo com a cadeira no chão, e desde então não falou mais comigo. Acho que foi só pelas boas graças da minha mãe que não me expulsou de casa, arrastando-me pela orelha.

Minha irmã está passando uns tempos aqui na casa dos meus pais, neste verão, o que torna mais fácil lidar com o mau humor do meu pai e também me permite passar mais tempo conhecendo minha sobrinha, Florence. Há um pedacinho da sala de estar, nos fundos da casa, em que a luz do sol bate certinho pela janela, à tarde. Florence e eu sentamos naquele círculo de luz e observamos um ao outro. Quando ela se cansa de me encarar com aqueles olhos azuis enormes, engatinha até o meu colo, puxa meus suspensórios e implora: “Tio Day! Histólia, favô!” E como é que posso resistir a um apelo desses? Conto-lhe uma história de fadas e vejo seus olhos se arregalarem nos trechos que assustam e se enrugarem nos cantinhos quando ela ri. É maravilhoso ver o efeito bruto das emoções no rosto de uma criança. Nenhuma tentativa de esconder ou disfarçar qualquer sentimento. Seremos grandes amigos, minha sobrinha e eu, disso já sei.

Outra notícia: comecei a sair com uma garota. Lara. É muito boa moça e frequenta a faculdade. Estuda literatura alemã. Nós nos conhecemos numa festa, um desses eventos sociais maçantes a que se espera que compareçamos de vez em quando. Eu tinha ido para agradar minha mãe. Lara e eu nos conhecemos e, depois de uma conversa, descobrimos que ela “conhecia” meus pais. Um desses conhecimentos complicados – a mãe dela joga bridge com a Vivian, que é tia da melhor amiga da minha mãe, ou outra bobagem dessas. Seja qual for a forma de conhecimento, isso significa que minha mãe a aprova.

Portanto, como você vê, a vida está correndo às mil maravilhas para mim neste momento. Duas garotas na minha vida, um quarto só meu e MAIS NENHUMA PROVA!

Ah, aquela noite em que joguei os esquilos no pavilhão feminino foi um clássico! Consegue imaginar combinação melhor do que uma escalada perigosa, um bando de esquilos desnorteados e mulheres gritando, em estágios variados de nudez? Mas devo dizer que essas travessuras não costumam acabar em idas ao hospital. A *possibilidade* de acabarem desse jeito é que torna as brincadeiras tão tentadoras para mim.

Aliás, é daí que vem meu apelido. Os amigos me chamam de “Mort” pela convicção mórbida de que um dia as minhas macaquices me levarão direto para a capela mortuária. Sujeitos esplêndidos, não é?

Como vão as coisas para você em Skye, Sue? Deve estar mais feliz agora, que a neve se foi. Já posso imaginá-la perambulando alegremente por todos os morros, de calças compridas e chapéu, com um caderno embaixo do braço e um lápis preso atrás da orelha. Ah, o verão!

Por falar nisso, você não acertou a minha idade. Já tenho 21 anos! Agora sabe por que me empenhei em deixar aquele bigode crescer...

Relaxado e relaxando,

David

P.S.: Segue uma foto minha todo embecado e com o barrete de formatura. A arvorezinha orgulhosa ao meu lado é a Paulie. Ela e eu conseguimos (incrivelmente!) terminar o ano!



ILHA DE SKYE

7 DE JULHO DE 1913

Caro David,

Você parece muito exuberante! Não sei quem está mais orgulhoso ou ereto, se você ou a árvore. Alegra-me que as coisas estejam correndo tão bem.

A sua sobrinha parece um encanto, e é uma sorte você poder vê-la com tanta frequência. Meu irmão Alasdair morreu há muitos anos e a viúva dele se mudou para Edimburgo com os filhos. Não vejo Chrissie nem meus sobrinhos e minha sobrinha desde então. Meus outros dois irmãos, Finlay e Willie, ainda moram na casa de meus pais, de modo que não há nenhuma criança a caminho (pelo menos, assim espera a *Màthair!*), embora o Finlay tenha uma namorada a quem acho que leva bastante a sério, de forma que talvez a coisa não demore. Kate é uma doçura, estamos todos cruzando os dedos.

Agora que você não vai entrar na faculdade de medicina, o que fará para preencher seu tempo? Já se inscreveu numa companhia de balé russa? Aprendeu a tocar corneta? Começou a escrever o “grande romance americano”?

Tenho certeza de que é muito mais fácil ter uma namorada agora, que as suas noites não estão cheias de estudos. Você disse que a Lara cursa a universidade.

Isso é comum entre as mulheres norte-americanas? Nenhuma das garotas com quem frequentei a escola pensava em outra coisa senão casar-se, escolher cortinas e, basicamente, tirar da cabeça uns dez ou doze anos de aulas. Elas me achavam doida feito a Lebre de Março até mesmo por querer ler um livro que não estivesse no currículo obrigatório da escola, que dirá por querer cursar uma faculdade.

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

27 DE JULHO DE 1913

Querida Sue,

Não, não me matriculei numa companhia de balé russa. Para ser franco, não sei o que fazer agora. Creio que havia algo de muito ordeiro e tranquilizador em ter meu futuro planejado por meu pai. Venho examinando nos jornais os empregos disponíveis, enquanto me pergunto o que gostaria de fazer. Nem sei ao certo que direção tomar. Minha mãe considera sumamente indigno eu estar procurando opções de carreira nos jornais, e tem feito sondagens discretas em suas reuniões de bridge, para ver se aparece algo “respeitável”.

Não, acho que não é muito comum as mulheres fazerem faculdade. Havia algumas alunas na Universidade de Illinois, mas não muitas, sobretudo em biologia. Apesar de estarem frequentando a faculdade, pareciam se restringir aos cursos femininos, como línguas modernas, literatura e economia doméstica. Receio que não houvesse nenhuma geóloga entre elas!

David



ILHA DE SKYE

14 DE AGOSTO DE 1913

Meu caro rapaz,

Por que coisas como línguas e literatura são cursos “femininos”? Não é uma censura a você, David. Sei que está repetindo uma verdade universal – embora seja uma verdade questionável. Estamos numa época em que as mulheres trabalham em profissões antes proibidas. Embora ainda não sejam muitas, elas têm se mostrado competentes como médicas, cientistas e mulheres de negócios. Agora que as portas estão abertas, por que não há mais mulheres correndo para entrar? Em vez disso, elas se acomodam, dizendo coisas do tipo: “Quem quer ganhar um Prêmio Nobel, como a Marie Curie? Seria muito melhor aprender a preparar um frango assado.” Todos são livres para ter seus interesses, é claro, e talvez haja mulheres que não desejem outra coisa, sinceramente, senão preparar galinhas ou entender de economia doméstica. Mas por que uma mulher que estuda química ou geologia seria uma companheira inferior a uma mulher que tenha estudado literatura? Não sou sufragista, mas, em matéria do tema mulheres e educação, fico realmente irada.

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA
4 DE SETEMBRO DE 1913

Querida Sue,

Finalmente consegui um trabalho remunerado! Arranjei um emprego de professor de biologia e química numa escola particular, bem aqui em Chicago. Lara diz que, antes de eu terminar o período letivo, todas as meninas estarão apaixonadas por mim e todos os meninos vão querer ser meus amigos.

Não tenho uma boa resposta quanto a por que certas áreas de estudo são ditas “femininas”. Você tem razão, estamos entrando em tempos mais esclarecidos, mas ainda estamos longe de chegar lá. Com mais universidades mistas, a mulher poderá ir para a faculdade e estudar o que quiser. Poderá até seguir em frente e arranjar um novo emprego “radical”, trabalhando como cientista ou acadêmica. Mas ainda é de presumir – até de esperar – que desista de tudo ao se tornar mãe. A pedagogia e a igualdade são sempre suplantadas pela maternidade.

Bem, reconheço que as mulheres parecem se sair muito melhor na criação de filhos do que os homens. Deus sabe que meu pai teria estragado tudo, se tivesse recebido essa incumbência. Mas os filhos crescem e vão embora. Por que a mulher não deveria poder seguir carreira numa fase posterior da vida?

Mas você tem razão num ponto, Sue. Espero arranjar uma esposa que tenha coisas mais interessantes a falar do que do preparo de galinhas assadas. Alguém que leia as mesmas coisas que eu e se intrigue com as mesmas questões. Ou até alguém que pense exatamente o contrário, mas não se importe com o debate animado e me ame mesmo assim.

David



ILHA DE SKYE

30 DE SETEMBRO DE 1913

David,

O que o leva a supor, meu caro rapaz, que as mulheres são melhores para criar filhos? A sua sobrinha me dá a impressão de adorá-lo, de modo que você deve estar fazendo alguma coisa certa com a menina. Não confia em sua capacidade de criar filhos, de cuidar deles por mais tempo do que leva para contar um conto de fadas?

Elsbeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

17 DE OUTUBRO DE 1913

Querida Sue,

Bem, você não concorda em que as mulheres têm uma coisa inata, algo que lhes permite ser mães? Não sei muito bem o que é. As mulheres são muito mais abnegadas que os homens. Têm paciência e o espírito generoso. Uma mulher pode tirar todos os diplomas de economia doméstica que quiser, mas, mesmo

sem ter feito faculdade, ainda é capaz de dirigir uma casa e de ser mãe.

David



ILHA DE SKYE

31 DE OUTUBRO DE 1913

David,

As suas cartas passaram de apenas exasperantes a completamente enfurecedoras. Não há nenhuma qualidade inata que nos torne esposas, mães, donas de casa. Acaso nascemos com alguma coisa interna que nos torne boas para cozinhar ou cerzir meias? Você acha que o Todo-poderoso teve a presciência de determinar o que seria exigido da dona de casa do século XX e reservou uma parte especial do cérebro dela para o preparo de empadões? Porque uma coisa eu lhe digo: não sou boa em nada disso. Nem em cozinhar, nem em preparar empadões e, com certeza, não em cerzir meias. Talvez eu tenha nascido apenas com meio cérebro e me falte algo vital. É isso que está sugerindo?

Você disse que as mulheres, em especial as mães, devem ser abnegadas. Elas não nascem assim. Mas é o que se exige delas. Ninguém reclama se o homem toma seu copo de cerveja depois de um dia de trabalho, se põe os pés para cima diante da lareira ou mesmo se senta-se para ler o jornal de manhã. Mas, se uma mãe quisesse tirar uma hora para dar um passeio, tomar um chá sossegada, ou (Deus a livre!) visitar uma amiga, haveria protestos. Não se espera que as mães queiram ficar longe de seus filhos, mas que sejam completamente altruístas. Uma boa mãe *jamais* comeria a última fatia do bolo.

Não sei ao certo se quero ter filhos. Não consigo ser tão abnegada assim. Se tivesse uma criança agarrada às minhas pernas, não poderia sair para minhas caminhadas pelas montanhas. Não poderia passar horas sentada, contemplando as ondas, escrevendo poesia. Não poderia me contentar em saber preparar apenas linguiças e bolos de Natal. Não poderia ficar acordada até tarde, vendo as estrelas se deslocarem pelo céu, nem acordar cedo para andar pelas colinas até o sol explodir na linha do horizonte. Não venha me dizer que eu ainda

poderia ter tudo isso com filhos a reboque. E, com certeza, eu nunca abriria mão daquela última fatia de bolo.

A independência torna a mulher gananciosa.

Elspeth

Capítulo 6



Margaret

EDIMBURGO

SEXTA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 1940

Querido Paul,

Ela foi embora.

Na manhã seguinte à queda da bomba, voltei para casa com a intenção de consertar as coisas. Não tinha conseguido pregar o olho a noite inteira, pensando em nossa briga e em como ela me pusera para fora, depois de todas aquelas cartas surgirem da parede. Eu estava com um embrulho no estômago.

Mas, quando cheguei ao apartamento, encontrei-o vazio. O revestimento de lambris continuava com aquele enorme buraco aberto, mas havia sumido até a última carta. Assim como minhas duas malas.

Minha mãe, que nunca passou mais de algumas horas longe de casa, fez as malas e partiu. E não faço ideia de para onde tenha ido.

Fui à casa dos vizinhos. Verifiquei na biblioteca. Dei três voltas pelo parque Holyrood. Passei até na catedral de Santa Maria, achando que não fugiria ao campo das possibilidades ela estar no seu banco habitual, com as malas cheias de cartas. Mas ninguém a tinha visto. Fui à estação Waverley, achando que com certeza ela não teria pegado um trem, que estaria apenas sentada num banco, procurando tomar coragem para embarcar. Nada. Ela não estava lá.

E assim, aqui estou eu, de volta à casa vazia, sem saber se devo ou não me preocupar. Se ela quiser tirar umas pequenas férias, com certeza tem esse direito. Sabe cuidar de si. Mas o jeito dela ontem à noite, Paul... Os olhos, eles estavam assombrados. Mamãe parecia vencida, esparramada ali no chão. Posso não saber onde ela está, mas sei que não saiu para um passeio na praia. Aonde quer que tenha ido, está procurando alguma coisa. Lembranças,

arrependimentos, o passado. Não sei direito.

O que sei é que isso envolve uma carta de um americano para uma pessoa chamada Sue. Sempre gostei de acompanhar um bom mistério. Será que devo?

Afetuosamente,

Margaret



21 DE JULHO DE 1940

Querida Maisie,

Espero que receba esta carta antes de sair em busca de aventuras. Você sempre ansiou por ser detetive. Lembra-se daquela vez que rastejamos por todo o parque público, ao anoitecer, procurando o cão dos Baskervilles? Como éramos crianças!

Eu mesmo gostaria de ter um pouquinho de aventura. Continuo em terra, até meu pulso ficar inteiramente bom. Assim, em vez de voar, estou de novo vagando pelo campo de aviação. Será que posso ser o seu Watson?

Mas torço para que esse trabalho de detetive a leve para fora de Edimburgo em segurança. Vovó nunca me disse uma palavra sobre ataques aéreos na cidade. Se bem que, conhecendo-a como conheço, ela deve ter ficado na escada, brandindo o punho para os alemães lá no alto. Agora que sei que há bombas de verdade caindo bem aí onde costumávamos brincar, espero que você vá para outro lugar.

Talvez sua mãe tenha tido a mesma ideia. Não se preocupe com ela, Maisie. Ela é valente como minha avó. Vai ficar ótima.

Cuide-se, minha doce menina.

Do seu,

Paul



EDIMBURGO

Querido Paul,

Achei que, se havia alguém que poderia lançar luz sobre o “primeiro volume” da biografia da mamãe, seria minha prima Emily. Ela conhece a mamãe há mais tempo que eu. Levei a tal carta amarelada à casa dela e, entre as pilhas de roupa que lavava, ela me contou tudo o que sabia. O que, na verdade, não é grande coisa.

Emily se lembrou de ter passado uma temporada com a mamãe durante a última guerra. A tia Chrissie despachou os filhos para longe da cidade, para mantê-los seguros depois do ataque de um dirigível. Já naquela época houve evacuações. No caso deles, para a Ilha de Skye.

Ainda não consigo acreditar que minha mãe, que nunca deu um passo além dos limites de Edimburgo, um dia morou nas Ilhas Ocidentais! Isso não é segredo – ela me contou histórias da infância, de saltitar pelos barrancos à procura de seres encantados –, mas, assim mesmo, sempre pensei nela como uma típica cidadã de Edimburgo. Mas foi nas ilhas que ela passou a infância. Não é tão estranho que possuísse uma carta de Skye.

Houve uma espécie de escândalo com uma moça e nossos dois tios. Será que a moça se chamava Sue? Emily não conseguiu se lembrar. E não posso escrever à minha avó para lhe perguntar, porque ela só sabe ler e escrever em gaélico. Emily sugeriu que eu escrevesse ao nosso tio Finlay, que mora em Glasgow.

Eu sabia que minha mãe tinha três irmãos (restaram dois depois que o pai da Emily morreu), mas ela nunca falou muito neles. Dizia apenas que Alasdair era o inteligente; Willie, o atrevido, e Finlay, o que perdeu alguma coisa e nunca mais voltou. Mamãe nunca se dispôs a dar mais explicações a respeito disso. Disse apenas que, um dia, Finlay sentiu mais raiva do que conseguia guardar dentro de si e foi embora.

Emily nunca teria nem descoberto que Finlay morava na cidade – ninguém sabia para onde ele fora depois de sair de Skye –, mas, um dia, anos atrás, estava fazendo compras em Glasgow e passou por um homem igualzinho ao pai dela, Alasdair. Emily era pequena quando o pai morreu, mas tia Chrissie sempre manteve uma foto do casamento ao lado da cama. Emily foi atrás do homem e, num impulso, chamou-o pelo nome do pai, e levou um susto ao descobrir que

ele era o irmão mais novo de Alasdair. Mas não foi um encontro caloroso. Tio Finlay apertou-lhe a mão com firmeza, transmitiu-lhe seus melhores votos, entre outras banalidades, e seguiu seu caminho. Se Emily não tivesse corrido imediatamente a um catálogo telefônico e descoberto que ele tinha endereço em Glasgow, talvez a família houvesse perdido a chance de reencontrar o tio Finlay.

Graças a Deus pela curiosidade, caso contrário, eu provavelmente não teria coragem de escrever para um tio que eu nunca nem soube que existia. E um tio desagradável, ainda por cima, pelo que dizem os boatos. Deseje-me boa sorte!

Afetuosamente,

Margaret

Capítulo 7



Elspeth

ILHA DE SKYE

5 DE NOVEMBRO DE 1913

Davey,

Reli o que lhe mandei na semana passada e tive vontade de escrever de novo, depressa, antes que você tivesse chance de responder. Embora ainda sustente tudo o que escrevi em minha carta anterior, eu gostaria de ter escrito com um pouco mais de gentileza.

Acho que você estava errado no que disse a respeito de as mulheres terem dentro de si essa mítica “maternalidade” inata. Mas, Davey, você ainda é jovem. Vivo me esquecendo disso. Você ainda não se casou, não teve filhos. É muito possível que continue a pensar as mesmas coisas pelo resto da vida, mas não posso responsabilizá-lo por suas crenças neste momento. Sinto muito por esperar tanto de você.

Pronto! Está feito. Você precisa saber que não é frequente eu pedir desculpas nem retirar as palavras que falei quando estava com raiva. E por “não frequente” quero dizer “nunca”. Espero que não esteja *muito* zangado comigo.

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

22 DE NOVEMBRO DE 1913

Querida Sue,

Eu não tinha certeza de como responder e, sendo assim, fico feliz por você ter

escrito de novo. Realmente não tive intenção de ofendê-la. Não há muitas mulheres na minha vida. Tenho minha mãe e minha irmã, Evie, duas das mulheres mais competentes que conheço. Evie mal podia esperar pelo dia em que sua primogênita veio ao mundo, e simplesmente soube como segurar e amamentar Florence. E a outra mulher da minha vida, Lara, está contando os dias para poder cuidar da própria casa. Posso jurar que aquela garota sonha com enxovais de noiva e cardápios de ceia desde o dia em que saiu do berçário.

Você há de se interessar por saber que estou oficialmente noivo! Tão oficialmente quanto é possível, acho. Eu tinha ideias românticas sobre me ajoelhar e oferecer uma pérola engastada em ouro, mas Lara deu uma olhadela no anel e em mim e, com educação, pediu uma aliança de diamantes. Adora exibi-la por aí, como quem diz: “Ele não é médico, mas nós nos arranharemos.” Ainda não há planos concretos para o casamento, mas é provável que o noivado seja longo. Faltam uns dois anos e meio para a Lara se formar, e eu não sonharia acrescentar a perturbação de uma cerimônia de casamento a seus trabalhos de faculdade. Não posso esperar por nada modesto ou sutil, não com Lara e a minha mãe fazendo os planos.

Imagino que eu deva tratar de fazer minhas viagens antes do casamento, se só me restam alguns anos de vida de solteiro. Talvez deva ir a Oxford visitar Harry, o amigo gentil que tem me enviado os seus livros. Ele está quase terminando os estudos por lá, e tenho férias chegando no fim deste período letivo. Depois que eu estiver com aquela aliança no dedo, talvez se acabem os meus dias de viajante!

David



ILHA DE SKYE

13 DE DEZEMBRO DE 1913

David,

Fico muito contente por você não estar zangado comigo. Talvez isto lhe pareça engraçado, mas não tenho muitos amigos, pelo menos não muitos que leiam poesia, montem vacas ou usem paletós xadrez horríveis. Por que você

continuar a escrever para uma escocesa enfurecida de uma ilha longínqua do Atlântico? Com o risco de parecer terrivelmente sentimental, eu sentiria muita falta das suas cartas, se elas parassem de chegar.

Oficialmente noivo? Ora, ora, se você não está crescendo, meu querido menino. Mas talvez eu deva lhe emprestar meu guia de rochas e minerais, já que parece ter confundido uma pérola com um diamante.

Parece que teremos de acrescentar “compromisso” à lista de coisas que você enfrenta corajosamente, meu jovem desvairado. O que lhe dá medo? Com certeza não a administração da faculdade. Será seu pai, talvez?

Meu medo, neste momento, é que a minha tinta acabe antes de eu terminar esta carta. Caneta velha horrorosa!

É provável que o Natal já tenha passado quando você o receber, mas lhe preparei um dos meus famosos bolos de Natal (em miniatura). Coma-o com alegria e tenha um Natal maravilhoso.

Elsbeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

12 DE JANEIRO DE 1914

Feliz ano-novo para você, Sue!

Tem razão, você faz *mesmo* um bolo de Natal maravilhoso! É parecido com o bolo de frutas que minha mãe insiste em fazer para nós todos os Natais. Ela não põe os pés na cozinha o ano inteiro, exceto para fazer uma mudança de última hora no cardápio. Mas, quando se aproxima o período natalino, coloca o avental de renda (mais ou menos tão útil quanto forros para bandejas de bolo) e expulsa todos os empregados da cozinha. Emerge horas depois, com o cabelo enfarinhado, uma mancha de melaço na bochecha e um brilho no olhar que só pode ter sido trazido por umas “provinhas” do conhaque, mas carregando vitoriosamente um bolo de frutas. Em geral, ele tem a aparência, a textura e o sabor de um paralelepípedo, mas todos precisamos comer uma fatia generosa na noite de Natal.

A alegria que tivemos este ano, Sue, foi comer o seu delicioso bolo. Evie e

Hank insistiram em examinar a caixa em que você o mandou, para ter certeza de que eu não estava escondendo nenhum pedaço. Até meu pai pediu para repetir. Quando mamãe perguntou, com um ar de amante enciumada, se esse bolo se comparava ao dela, nós nos apressamos em tranquilizá-la: “Ah, é bom, mas é muito... você sabe... *britânico*.” Deixamos por conta dela a interpretação do que isso queria dizer.

Suas festas foram tranquilas? Ganhou mais chaleiras este ano? Lamento dizer que Papai Noel não me deixou uma chaleira, mas ganhei uma esplêndida raquete de tênis nova. Mal posso esperar até que a neve derreta para experimentá-la. Evie bordou um lindo marcador de livros que diz: “Um livro é um jardim carregado no bolso.” Meu pai me presenteou com um cebolão, uma peça de ouro com uma corrente grossa. Disse-me que tinha sido o relógio do seu pai e, antes dele, do seu avô. “Agora que você é um homem, David”, disse-me, “é que tem uma direção na vida, vai precisar de algo que ajude a guiá-lo. Você já sabe *aonde* ir, mas agora saberá *quando* ir.” O discurso foi bem enfadonho, mas mamãe enxugou os olhos de leve e até Evie deu umas fungadelas. É um belo relógio, mas me faz pensar no meu avô. Eu andava torcendo por ganhar um relógio de pulso, algo que pudesse usar ao dirigir, fazer escaladas e andar de bicicleta, sem dar a impressão de ter acabado de sair do século XIX.

Meu pai foi muito agradável durante o período de festas. Mas talvez você tenha razão; se sinto algum medo, é do meu pai. Acabei por enfrentá-lo na questão de não me formar em medicina, mas, se não houvesse me saído tão mal nos últimos semestres, isso não teria sido tão fácil. Mesmo depois de todo o discurso dele sobre eu “me tornar um homem”, continuo a morar sob seu teto, como uma criança, obedecendo às suas regras. Ele não aprova nada que eu faça nem ninguém com quem eu o faça.

Sempre achei engraçado o fato de que, apesar de meu amigo Harry ser exatamente a pessoa que meu pai *deveria* aprovar, ele seja, na verdade, quem meu pai mais desaprova. Harry é, com certeza, um dos meus amigos mais antigos. Frequentamos a escola juntos, quando crianças, examinamos juntos os textos de anatomia do meu pai (mais especificamente, estudando as páginas dedicadas à anatomia feminina) e saímos juntos nos nossos primeiros

encontros com garotas, seguindo a filosofia de que “estar acompanhado é mais seguro”. A família de Harry circula nas mesmas rodas sociais, ele está terminando o curso de medicina, é absolutamente brilhante e de uma educação impecável. Que defeito meu pai poderia ver?

Suponho que uma mente afiada possa ser tão contundente quanto qualquer arma, e Harry sabe demonstrar grande reprovação pelo esnobismo que observa em muitos dos eventos sociais a que somos forçados a comparecer. A sorte dele é que a maioria das pessoas de quem zomba não capta o seu sarcasmo e o seu humor ácido, senão ele não tornaria a ser convidado com a mesma frequência. Já faz um bom número de anos que foi para Oxford. Trocamos cartas para lá e para cá – nem de longe tantas quanto as que você e eu nos escrevemos –, mas estou ansioso por revê-lo.

E aqui vai um presente de Natal para você, querida Sue. Uma caneta-tinteiro rajada, para que você sempre possa me escrever.

A um novo ano,

David



ILHA DE SKYE

28 DE JANEIRO DE 1914

Já estamos em 1914 e o mundo ainda não acabou!

Davey, você me enganou! Isto não é uma caneta rajada, de modo algum. É marmorizada em vermelho e preto, como um pedaço polido de jaspe. Que caneta poderia ser melhor para uma geóloga iniciante?

Ganhei de Natal um jogo de pastéis para desenho, porém o restante dos meus presentes foi lamentavelmente prático – meias soquetes, três colheres novas, uma tina gigantesca. Raquetes de tênis? Nunca joguei, mas com certeza elas parecem mais excitantes do que uma tina de lavar roupa.

Elsbeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

14 DE FEVEREIRO DE 1914

Querida Sue,

Acabo de voltar de uma viagem que fiz com uns amigos para esquiar em Ishpeming, no Michigan, e é por isso que estou meio atrasado em minha resposta a você. Não só sua carta estava à minha espera quando voltei, como recebi também uma carta do Harry. Ele propôs que eu pegue um navio para a Inglaterra e o acompanhe numa espécie de viagem de despedida pela Grã-Bretanha, antes de voltarmos juntos para os Estados Unidos. Ainda não sei o itinerário exato, mas Harry tem falado em ir a Edimburgo em nossa excursão. É provável que seja uma ideia maluca, Sue, mas você deveria ir se encontrar comigo! Eu sei, é uma travessura, mas você tem até junho para descobrir um modo de entrar naquela balsa. Posso sugerir uma grande quantidade de uísque?

Feliz Dia dos Namorados para você!

David



ILHA DE SKYE

10 DE MARÇO DE 1914

David,

Você está completamente doido? Acha que vai conseguir o que minha família inteira e meus amigos não conseguiram? Em toda a minha vida, ninguém pôde me fazer entrar num barco. Mas você acha que terá êxito na tarefa em que os outros falharam? Acha que os encantos de David são maiores que os encantos da universidade? Mas, ora se você não é convencido!

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

26 DE MARÇO DE 1914

Sue,

Você se esqueceu de que o meu pai é médico. Eu tenho éter.

David



ILHA DE SKYE

11 DE ABRIL DE 1914

Meu querido menino,

Não basta, nem de longe.

E



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

28 DE ABRIL DE 1914

Querida Sue,

Os planos estão em andamento! Itinerários prontos, passagens compradas, quartos reservados no Langham, em Londres, e estou pronto para entrar naquele barco. A pergunta, querida Sue, é: você está?

Decerto fica tão curiosa quanto eu para ver quem está do outro lado do bico da pena. Você é cientista e artista, realista e sonhadora. Curiosidade é o seu sobrenome.

David



ILHA DE SKYE

6 DE MAIO DE 1914

Querido David,

Bem, faz algum tempo que não vejo meus sobrinhos em Edimburgo. Eles

adorariam uma visita da titia, não é?

Vou esperar aquele éter com a sua próxima carta. Baldes dele.

E



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

21 DE MAIO DE 1914

Sue,

Acalma-te, meu coração pulsante! Será que é verdade? Sue vai enfrentar os mares por mim?

Se tudo correr bem, devemos chegar a Edimburgo no dia 16. Sei que não poderei esperar nem mais um instante por isso. Dia 17, ao meio-dia? Na catedral de Santa Maria, em York Place?

Cruzando os dedos e tudo que se possa cruzar,

David



CORREIOS E TELÉGRAFOS

EDIMBURGO

18 JUNHO 1914

E. DUNN

ILHA DE SKYE

ESPEREI NA CATEDRAL COMO PLANEJADO PT

ONDE ESTA VOCE INT

RESPONDA POR FAVOR PT

DAVID HOTEL CALEDONIAN



LIVERPOOL, INGLATERRA, REINO UNIDO

22 DE JUNHO DE 1914

O que aconteceu, Sue? Achei que tínhamos feito um trato. Aquela balsa foi demais para você? É sorte sua eu não ser dado a arrependimentos. Mas você reconhece que, no mínimo, me deve uma explicação? Uma que não envolva um cavalo destruidor que viva no mar.

A viagem foi ótima. Harry e eu tínhamos anos de assuntos para pôr em dia. Ele não tem sido o melhor dos correspondentes e, talvez a surpreenda saber, eu tampouco. Você parece inspirar alguma coisa especial que faz com que eu nunca fique sem ter o que dizer.

Harry arranhou uma namorada, Minna, uma jovem recatada que escreve a poesia mais açucarada que existe. Conheci-a: muito refinada, mas muito coquete. Passou metade do tempo discutindo o clima e o preço do chá, com um sotaque preciso e apocopado, e a outra metade tentando ficar sozinha com Harry nos muitos cantos da vasta casa dos pais dela. A moça só tem 18 anos, de modo que, por mais que o restante da anatomia dele lhe dissesse outra coisa, Harry manteve a cabeça fria por tempo suficiente para não se decidir a pedi-la em casamento ainda. Ele está voltando para os Estados Unidos, para começar a especialização em medicina e abrir uma conta de poupança. Enquanto isso, espera (mas não *muito* ardorosamente!) que ela desenvolva ao menos outra habilidade ou paixão, além de tentar levá-lo para dentro do quarto em todas as oportunidades. Harry não tem muita expectativa de que Minna seja fiel, mas fizemos um brinde a que ela tente, pelo menos.

As cidades que visitamos foram adoráveis, mas, a bem da verdade, eu poderia ter estado em Urbana e também seria ótimo, desde que estivesse com Harry. Isso soa exageradamente sentimental? Ele começou a fumar cachimbo e a escrever poesia (será que *todos* são poetas, hoje em dia?). Afora isso, é o mesmo Harry de sempre, e nós nos sentimos como meninos. Tenho certeza de que houve algumas ocasiões em que também agimos como meninos.

Estamos fazendo os preparativos para embarcar no navio, mas eu quis escrever para poder despachar esta carta antes de sair da Grã-Bretanha. Tenho que comprar mais algumas lembranças antes de partirmos. Perguntei a Florence o que ela queria que eu lhe levasse da viagem e ela pediu com toda a firmeza um pônei inglês. Acho que um pônei não caberia no meu camarote (é isso que dá eu viajar na segunda classe!), mas como posso recusar os desejos da minha

menininha favorita?

Harry vai passar mais um telegrama para Minna e se ofereceu para pôr esta carta no correio para mim, por isso vou encerrar por agora. Estarei esperando uma carta sua, cheia de explicações fervorosas e de humildes pedidos de desculpas! Chega de segredos, Sue!

David



ILHA DE SKYE

3 DE JULHO DE 1914

David,

Devo dizer que me admirei ao receber tão depressa uma carta sua, mas então notei que você a despachara da Inglaterra, de forma que ela não teve que percorrer um caminho tão longo quanto de hábito.

Você tem todo o direito de estar zangado comigo, Davey. Tínhamos um trato. Ora bolas, você atravessou um oceano para vir ao meu encontro! Tudo o que eu precisava fazer era atravessar um estreito de balsa.

Qual é a minha desculpa?, diria você, com toda a razão. O meu velho medo seria conveniente, sem dúvida. Infelizmente, porém, os meus temores neste caso são mais tolos, talvez até um pouco mais primitivos. Tenho medo de que, se nos encontrarmos, o mistério desapareça. Talvez não nos entendêssemos tão bem quanto no papel. E se a nossa conversa não fluísse da mesma maneira, pessoalmente?

Você esperou na catedral de Santa Maria para conhecer uma Elspeth Dunn *ideal*. Eu não quis que se decepcionasse com a versão real. E se você me achasse baixa demais? Ou velha demais? Ou se não gostasse do som da minha voz? Apenas quero manter as coisas do jeito que estão, no qual eu sou misteriosa e, espero, interessante.

Mas eu realmente tinha a intenção de ir. Acredite em mim, Davey.

Já que você acha que estou guardando segredos, tenho mais um. Mas este eu mantereii em sigilo por um tempinho, porque sei que você não vai conseguir parar de rir quando souber qual é.

Harry parece ser um amigo simplesmente esplêndido. Eu diria que espero conhecê-lo um dia, mas suponho que não possa fazer isso sem conhecer você – e já discorremos sobre esta parte!

Elspeth

P.S.: Espero sinceramente que nem todos tenham se tornado poetas, senão ficarei desempregada!



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

15 DE JULHO DE 1914

Sue, Sue, você é muito engraçada. Nunca lhe ocorreu que talvez eu tivesse medo dos mesmos “e se”? Evitar um encontro cara a cara seria vantajoso para mim. Você não veria como meus pés são grandes ou como sou desajeitado fora da pista de dança. Creio que agora faça uma boa opinião de mim (afora o meu gosto em matéria de paletós, suponho). Afinal, sou diabolicamente lindo. Perversamente astuto. Espirituoso e completamente brilhante. Por que iria querer arriscar isso? Todas essas ilusões poderiam se dissipar no instante em que disséssemos olá. Mas, pela chance fugaz de me encontrar com você... Todas as apreensões empalidecem, comparadas a isso.

Nós nos correspondemos há quanto tempo: dois anos? (Digo isto com um toque de displicência, como se não tivesse guardado todas as cartas que você já mandou.) Realmente, será que ainda pode haver mistério, depois de tanto tempo? Contamos um ao outro nossos medos mais profundos, confessamos nossos anseios secretos. Eu a *conheço*, Sue, e acho que você também me conhece. Se eu estivesse sentado diante de você neste momento, dizendo isto, esperaria que minhas palavras não tivessem menos significado pelo simples fato de você não gostar do meu sotaque do Meio-Oeste.

Pense em quando você trava conhecimento com uma pessoa pela primeira vez, Sue. É preciso passar por todas aquelas bobagens superficiais, pelas avaliações dos sotaques e dos paletós xadrez. Um questionamento das aparências. Depois que cada um considera que o outro vale a pena, os dois podem de fato tratar de se conhecer, de dar início àquelas primeiras sondagens.

Descobrir que tipo de coisa move o outro – o que o faz gritar, o que o faz rir, o que o faz tremer. Você e eu temos sorte. Nunca tivemos de nos preocupar com a primeira parte, a avaliação visual. Entramos direto na parte interessante. Em conhecer as profundezas e a amplitude da alma um do outro.

Quanto a você, não sei, mas isto me parece revigorante. Morro de cansaço de ter que me preocupar em saber se as pessoas acham que pareço ter idade bastante ou ser suficientemente respeitável ou sei lá o quê. De ter que ser sempre educado e parecer atencioso. Quando escrevo para você, não tenho que pensar em nenhuma dessas bobagens. Não tenho que me preocupar com meus pés grandes. Posso tirar a casca (se você me perdoa a metáfora com uma espiga de milho) e revelar os grãos reluzentes dos meus sonhos, minhas paixões e meus temores. Eles são seus, Sue, seus para você morder como quiser! Uma maravilha, com uma pitada de sal.

Agora, depois disto tudo, você *tem* que me contar o seu novo segredo. Posso lhe prometer que não vou rir. Pelo menos, não tão alto que você possa me escutar daí...

Estou começando a cabecear e, por isso, peguei meu cebolão. Não quero admitir como já vai alta a madrugada, mas faz muito tempo que as ruas estão em silêncio. Espero que você esteja dormindo um sono um pouquinho mais profundo que o meu neste momento!

David



ILHA DE SKYE

18 DE AGOSTO DE 1914

Davey,

Para onde está indo o mundo?

Há oito semanas, fiquei parada no cais, tentando encontrar coragem de pisar naquela balsa. Mantive os olhos naquele horizonte, sabendo que, se fosse ao encontro dele, ao seu encontro, tudo seria diferente. Não necessariamente na ida, mas na despedida. Mulheres como eu não cruzam mares para se encontrar com americanos fascinantes. Ficam em casa, esperando a volta dos barcos dos

maridos.

Assim, retornei ao meu chalé, para reler suas cartas e fingir que eu não havia quase embarcado naquela balsa. Para esperar Iain voltar da perseguição aos arenques no estreito de Minch. Para pensar num modo de lhe contar que, depois de todos esses anos, eu estava grávida.

No dia em que ele chegou, eu estava do lado de fora, pendurando a roupa na corda do quintal, com os pés afundados na lama até os tornozelos. Ele atravessou o portão, largou a sacola de pesca e disse, em tom sombrio: “Nós estamos em guerra.”

Ficou tudo muito frio, Davey, minha notícia foi esquecida. Perguntei quem era o “nós” a quem ele se referia, mas ele apenas me entregou um jornal.

Quatro dias antes, a Grã-Bretanha havia declarado guerra à Alemanha. Enquanto eu me sentava sozinha no meu chalé, lendo cartas antigas e fortalecendo o coração, o mundo entrou em guerra.

Ele disse que ia se alistar, tão logo conseguisse fazer as malas. Mal havia chegado e já estava partindo outra vez. E para quê? O que o faz pensar que esta guerra tem alguma coisa a ver com ele? Com a nossa ilha? *Conosco*? “O nosso mundo já desapareceu”, disse ele. “Não posso trazê-lo de volta, mas vou fazer o diabo para tentar impedir que o resto seja despedaçado.”

Iain estava muito *calmo*, Davey. Lembro-me de ter olhado por cima do seu ombro, enquanto ele falava, e notado uma gaivota voando, como que em movimentos mais lentos. Até as ovelhas ficaram quietas. A ilha inteira diminuiu o ritmo para ouvir o pronunciamento dele. Como se fizesse algum sentido! E eu senti uma dor funda dentro de mim, tive certeza do tal “coração partido”.

No mesmo dia, mais tarde, descobri ter perdido a criança que carregava no ventre. Uma criança não planejada, mas, sinceramente, não indesejada. Eu tivera tempo para me acostumar à ideia, mas agora ela se foi, deixando apenas uma sensação de vazio. Talvez eu tivesse razão desde sempre. Talvez o Universo não tenha me predestinado a ser mãe. Assim, sem mais nem menos, perdi meu marido, meu filho e o mundo pacífico que eu conhecia. Na semana seguinte, Iain partiu para seu treinamento com Finlay e os outros reservistas.

Ah, Davey, preciso de uma carta sua. Preciso de uma palavra gentil, de uma palavra divertida, preciso de uma fotografia sua com aquele paletó xadrez bobo.

Preciso esquecer que tudo isto está acontecendo.

Elspeth

Capítulo 8



Margaret

EDIMBURGO

QUARTA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 1940

Prezado senhor,

Peço desculpas por esta carta inesperada. Nem tenho certeza de estar escrevendo para o Finlay Macdonald certo.

Tenho razão para crer que o senhor talvez seja meu tio. Minha mãe é Elspeth Dunn. Ela nasceu em Skye e atualmente mora em Edimburgo. Minha prima Emily Macdonald (filha de Alasdair) me transmitiu o seu endereço, depois de encontrá-lo uma vez em Glasgow. Até hoje não conheci nenhum dos meus tios e gostaria de me familiarizar melhor.

Será que posso escrever-lhe?

Cordialmente,

Margaret Dunn



GLASGOW

25 DE JULHO

Margaret,

Mas não foi isso o que já fez?

Finlay Macdonald



27 DE JULHO DE 1940

Querida Maisie,

Estou voando outra vez! E já não era sem tempo. Temos sido atingidos por todos os lados aqui no sul. Eu andava mesmo irritado por ficar no solo. Como vão as coisas em Edimburgo?

Você mandou a carta ao seu tio? Já recebeu alguma resposta?

Com amor,

Paul



EDIMBURGO

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 1940

Querido Paul,

Ele escreveu. De certo modo. E presumo que, por ele não ter discordado de mim nem me ignorado *completamente*, esteja confirmado que, sim, é mesmo o Finlay Macdonald em questão. Perguntei se podia lhe escrever e ele respondeu “mas não foi isso o que já fez?”. Na verdade, ele deve mesmo ser meu tio. Tem a argúcia espinhosa da mamãe.

Não responderei à carta dele. Teria de pesar toda e qualquer palavra para ter absoluta certeza de que ele não faria troça. E isso é trabalhoso demais. Por que não posso ter um tio há muito perdido que me declare sua única herdeira ou me deixe de herança sua inestimável coleção de artefatos dos mares do sul, como nos livros? Ou que, no mínimo, more num manicômio. Tenho certeza de já ter lido uma história assim. Um manicômio, acho que eu conseguiria tragar. Mas uma resposta mordaz? Isso não.

Margaret

P.S.: Não pergunte por Edimburgo. Uma bomba de quase meia tonelada nas docas em Liverpool, bombas incendiárias ao longo de todas as linhas da estrada de ferro e em Granton. Se a mamãe estivesse aqui, ficaria arrasada. E agora, também tenho que me preocupar com você. Tome cuidado, por favor.



31 DE JULHO DE 1940

Querida Maisie,

Onde está aquele espírito de aventura que tanto amo? Onde está aquela curiosidade de ver o que há do outro lado do próximo pico, aquela disposição de se atirar de ponta-cabeça em qualquer situação, se isso significar deixá-la sem fôlego pelo menos por um instante? Sempre digo aos outros rapazes daqui que, se a minha noiva fosse homem, seria uma dura concorrência para todos eles no ar.

Não se preocupe comigo, nem por um segundo. Carrego no bolso uma fotografia sua e, quando fito seus olhos lindos, é só dessa sorte que preciso.

Você há de reconhecer que a relutância dele em lhe escrever uma resposta adequada sugere uma história ainda melhor. Vamos lá, Watson, vamos! O jogo já começou!

Com amor,

Paul



EDIMBURGO

SEXTA-FEIRA, 2 DE AGOSTO DE 1940

Querido Paul,

Eu o farei. Por você. Mas só por você.

Maisie



EDIMBURGO

SEXTA-FEIRA, 2 DE AGOSTO DE 1940

Prezado senhor,

Ou será que devo dizer “tio Finlay”?

Devo admitir que fiquei intrigada com sua resposta. A intenção foi me dispensar? Desencorajar-me? Dar uma permissão tácita para que eu escrevesse de novo?

Por favor, tenho muitas perguntas sobre minha mãe, coisas que ela nunca me disse. O senhor não precisa tomar chá comigo nem ir ao meu casamento. São só alguns minutos do seu tempo, para me escrever e falar da minha mãe. Ajude-me a preencher as lacunas do “primeiro volume” da biografia dela.

Muito grata,

Margaret Dunn



GLASGOW

3 DE AGOSTO

Margaret,

Você já pensou que talvez sua mãe tenha um motivo para manter esse livro fechado?

Já parou para pensar que um homem sozinho talvez simplesmente queira que o deixem em paz?

Realmente não tenho nada a dizer sobre Elspeth que você queira saber. Às vezes, nem mesmo os anos são capazes de apagar uma decepção.

Finlay Macdonald



EDIMBURGO

SEGUNDA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1940

Prezado tio Finlay,

Não pretendo jogar sal em velhas feridas. Sinceramente, não. Não quero bisbilhotar seus assuntos pessoais. Quero apenas conhecer minha mãe um

pouco melhor. E creio que o senhor deva estar tão curioso a respeito dela *agora* quanto eu a respeito dela *antes*, caso contrário, não teria respondido. Duas vezes.

Assim, para retribuir a sua previsível gentileza, eu lhe contarei algo sobre minha mãe toda vez que o senhor me contar algo também. Elas por elas.

Cordialmente,
Margaret Dunn



GLASGOW
6 DE AGOSTO

Margaret,

Elas por elas. Nas trincheiras, chamávamos isso de “viva e deixe viver”. Se os boches não atirassem, não atirávamos. Deixávamos que tivessem uns minutos de sossego de vez em quando e, em troca, eles nos davam um pouquinho de paz. É claro que o comando não concordava com isso. Mandava atirmos primeiro, para manter o inimigo nervoso. Para convencê-lo a nos deixar em paz.

Você é uma garota teimosa. Isso eu tenho que admitir. Igualzinha à Elspeth. Mais teimosa que ela era impossível, mas acho que, numa casa com três meninos, ela precisava ser assim.

Elas por elas. Nunca achei que o comando tivesse razão.

Finlay Macdonald

Capítulo 9



Elspeth

CHICAGO, ILLINOIS, EUA

10 DE SETEMBRO DE 1914

Querida Sue,

Como eu queria saber uma boa piada ou uma história divertida para lhe contar.

Teve notícias do seu marido? Já sabe se ele vai ser mandado para além-mar? Ao menos você pode ter certeza de estar segura aí em Skye. Dou graças por isso.

E, Sue, provavelmente é falta de etiqueta dizer isto, mas me corta o coração saber que você perdeu um bebê. Queria conseguir dizer as palavras certas, mas tenha certeza de que elas estão no meu coração.

Não tenho outras fotos minhas com meu paletó xadrez, mas prometo que, da próxima vez que comprar um paletó ridículo, você será a primeira pessoa a quem mandarei uma fotografia. Chego quase a me sentir tentado a sair e comprar alguma coisa assim, só para você ver, se isso a fizer sorrir.

Sabe, você nunca havia mencionado o seu marido. Acho que eu sabia que era casada, por ser “Sra.” e tudo, mas você nunca falou dele. É engraçado, já que falamos praticamente de qualquer outra coisa.

Por favor, mantenha-me informado. Posso ler as notícias nos jornais, mas, estando do outro lado do oceano, é difícil saber o que está realmente acontecendo por aí.

Estou aqui às suas ordens,

David



ILHA DE SKYE
4 DE OUTUBRO DE 1914

David,

Bem, finalmente tive notícias do Iain. Seu batalhão está num campo de treinamento em Bedford. Ele espera ser convocado a qualquer momento, mas imagino que a maioria dos homens diga isso. O que mais eles têm, além da expectativa? Foi uma carta breve, falando em tom animado do treinamento e das armas e de como todos esperam “acertar uns hunos”. Nenhuma palavra sobre mim, sobre nossa casa ou sobre a criança que perdi.

Meu irmão Finlay também se alistou, na mesma ocasião que Iain. Esses dois cresceram juntos, inseparáveis. Era perfeitamente lógico que fossem juntos para a guerra. Minha mãe se recusa a deixar que Willie, meu irmão mais novo, também se aliste. É o filho caçula, e ela está disposta a mantê-lo por perto enquanto puder. Willie tem estado abatido desde que Finlay se foi. Acho que a *Màthair* cometeu um erro e deixou o filho errado ir embora. Willie sempre será o menino dela, mas Finlay, depois que tiver sentido o gosto do mundo, talvez jamais queira voltar. Ele não foi feito para ser lavrador nem pescador. Acho que a única coisa que o trará de volta a Skye é Kate.

Tenho tentado escrever, sair para caminhar sozinha e compor uns poemas. Mas ficam todos truncados. Não saem direito. Preciso que tudo volte ao normal. Preciso tirar certas coisas da cabeça. Não posso pensar no Iain ou no Finlay, nem em nenhum dos nossos outros rapazes preparando-se para entrar em combate e morrer.

Não sei ao certo por que não lhe falei do meu marido. Acho que isso simplesmente nunca se encaixou nas nossas conversas. Mas agora estou cansada de nem sempre lhe dizer a verdade absoluta.

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA
2 DE NOVEMBRO DE 1914

Querida Sue,

Entendo como seu irmão Willie se sente. Você me conhece, eu também não ficaria feliz se fosse deixado para trás e todos os outros partissem para a guerra. Também iria querer a aventura.

Sei que talvez não seja grande coisa, mas comecei a escrever aqueles contos de fadas que ando contando a Florence. Juntei um deles a esta carta – “O Queijo do Rei Camundongo”. Florence adora queijo! Achei que talvez você o achasse divertido, alguma coisa para passar o tempo. Mas ainda não está acabado. Não sei muito bem como terminá-lo. Quem sabe você não me dá uma ideia?

Começou outro período letivo e eu me sinto um pouco mais confiante, depois de já ter dado todas essas aulas. Acabamos de discorrer sobre a história da química (a começar pelos alquimistas, depois passando por Lavoisier, Mendeleev e outros). Meus alunos entregaram um conjunto estarrecedor de redações. Pensar que eles serão a próxima geração de estadistas e advogados e não conseguem nem mesmo construir um argumento! Seja como for, enquanto lia essas redações e refletia sobre o fato de que eu (espero!) escrevia um pouco melhor na idade deles, não pude deixar de pensar em você.

Sue, você tem que voltar a escrever. Não tente se obrigar, mas ponha um lápis e um pedaço de papel no cinto, para que, onde e quando quer que a sua musa retorne, você possa parar e arriscar umas anotações. Emerson dizia que “o talento é a atividade que conserta a decadência das coisas”, e estava falando de poesia. Acho que, se você recomeçar a escrever, talvez seja isso que a ajude a voltar à normalidade por que anseia.

De qualquer modo, não pare de escrever para mim, haja o que houver. Pode não ser poesia para você, mas nunca pensei nas suas cartas como nada menos que isto.

À espera da poesia,

David



ILHA DE SKYE

29 DE NOVEMBRO DE 1914

Querido David,

Ah, eu acho que aquela menininha horrorosa deve continuar a ser um camundongo para sempre! Imagine subir na mesa para pegar o pão do outro lado! Espero muito que a sua sobrinha tenha melhores modos do que isso.

Bem, se não puder manter a Lottie como camundongo, o que poderia fazer com ela? Digo, afora deixá-la ser apanhada pela Sra. Coruja e transformada em musse de camundongo. Ela tem que aprender sua lição, de algum modo. Quem sabe algo que envolva as tortas que ficam esfriando na janela da mãe dela? (Ah, que tentação...) Ou talvez ela tenha que salvar o Rei Camundongo, de alguma forma, e com isso receba a eterna gratidão dele. E se ela se apaixonar pelo Rei Camundongo? Não sei ao certo, mas alguém com um manto de veludo dourado e sapatos em miniatura deve chamar atenção. Como se usasse um paletó xadrez. Não seria surpresa ela se apaixonar.

Você vai gostar de saber que rabisquei uns poemas. Aceitei o seu conselho e comecei a andar com um caderno de notas e um lápis, e uma manhã, quando estava lavando o chão (como são prosaicas essas coisas, às vezes!), ocorreu-me uma ideia. Sentei-me ali mesmo, no chão molhado, enquanto minha água da lavagem esfriava, e anotei um poema. Não é o “talento” do Emerson, mas pareceu captar minhas ideias daquele momento.

Tive de assumir muitas tarefas do Iain, agora que ele partiu. Ontem o vento arrebentou uma das cordas que usamos para fixar os colmos no telhado. Uma parte se soltou durante a noite e, quando veio a manhã, fui saudada por uma pilha de neve na cozinha. Você devia ter me visto no telhado, segurando-me com uma das mãos, como um dos Bandar-Log do livro de Kipling, enquanto com a outra tentava amarrar um feixe de colmo. Quando entrei em casa, minhas sobrancelhas e meus cílios estavam endurecidos, e tive de chupar os dedos até descongelá-los o bastante para fazer uma xícara de chá. Dei para usar minhas calças quase todos os dias, tal é o tipo de trabalho que tenho feito. Sei que Iain não pensou nisso quando decidiu ir atrás de sonhos de glória típicos de meninos.

Sabe, Davey, as noites são o pior. Fico sentada junto à lareira, tricotando ou segurando um livro não lido no colo, e não consigo impedir que meus pensamentos disparem, não consigo impedir meus ouvidos de escutarem cada

estalo e cada rangido. Tento me deitar cedo, para não ter que pensar e me sentir sozinha, mas simplesmente não consigo adormecer. Confesso que tenho apanhado e relido todas as suas cartas antigas, e às vezes adormeço coberta pelas suas palavras. Isto me dá a sensação de que você está realmente aqui e de que não estou só. Posso nos imaginar conversando. É absurdo, eu sei, já que nunca conversamos de verdade e não sei como é o som da sua voz. Aliás, você se dá conta de como pareceu *pretensioso* nas primeiras cartas que me mandou? Você devia mesmo estar querendo me impressionar.

Estou cansada, finalmente, e por isso acho que vou terminar por ora e apagar a vela. Se o tempo continuar firme, amanhã poderei mandar esta carta, mas acho que agora o correio anda demorando mais.

Elspeth



TERRE HAUTE, INDIANA, EUA
23 DE DEZEMBRO DE 1914

Querida Sue,

Estou em Terre Haute, passando o Natal com Evie, Hank e Florence. Recebi sua carta quando ia saindo para a estação e fiquei feliz por ter uma leitura tão agradável para fazer no trem. Foi uma carta muito extensa; as noites de inverno em Skye devem ser realmente longas.

As suas sugestões me instigaram a terminar “O Queijo do Rei Camundongo”, de modo que agora incluo o final da história para seu exame (aprovação?). Li o conto inteiro para Florence, que deu pulos e gritou: “De novo! Lê de novo!” Se eu puder inspirar uma reação semelhante em você, ficarei satisfeito.

Fiquei surpreso ao vê-la referir-se a “sonhos de glória típicos de meninos”, você que sempre toma tanto cuidado para evitar os rótulos baseados no gênero. Por aqui, tanto ouço mulheres quanto homens censurarem o presidente Wilson por manter os pés dos Estados Unidos cuidadosamente afastados do redemoinho na Europa. Faz algum tempo que o país não tem uma guerra; estamos loucos por uma briga.

Ainda ontem à noite, no jantar, Evie fez um discurso e tanto contra Wilson.

Nosso avô lutou no final da Guerra da Secessão, e crescemos ouvindo as histórias dele. Como o homem sabia contar histórias! Ninguém mais seria capaz de fazer a guerra parecer tão pouco uma guerra. Ele fascinou até Evie, quando era pequena, a ponto de ela colar no rosto um bigode falso e passarmos o verão inteiro brincando de Regimento de Cavalaria.

E o papai, não tendo enfrentado nenhuma guerra nos seus melhores anos da juventude, manteve-se longe do Exército, para eterna decepção do pai dele. Não sei ao certo se algum dia vovô o perdoou por isso. Ele considerava o serviço militar e a guerra um dever cívico; papai os via como suicídio. Se os Estados Unidos entrarem na briga, talvez eu me aliste, só para contrariar meu pai.

Mas com certeza há necessidade de pensamentos mais alegres. Evie já andou estragando as festas por aqui, com esse discurso sobre a guerra. Hank está à beira de mandá-la dormir no celeiro. Tenha o Natal mais feliz do mundo, Sue. Você pode estar sozinha aí, no seu chalezinho, mas saiba que não foi esquecida e que há alguém pensando em você neste Natal.

David



ILHA DE SKYE

21 DE JANEIRO DE 1915

Querido Davey,

Um novo ano e um presente de Natal atrasado para você. Meu livro mais recente! A sua carta e a caixa com os exemplares recém-impressos do livro, enviada pela minha editora, chegaram no mesmo dia, de modo que você vai receber um dos primeiros exemplares. Parece muito estranho ler esses poemas agora, já que todos foram escritos antes da guerra. Muito diferentes dos temas da minha poesia atual. Nada de flores, nuvens nem dias de verão. Agora tenho escrito sobre assuntos e sentimentos mais sombrios: solidão, raiva, invernos tenebrosos. Não sei ao certo se isso é bom, mas pelo menos tem ajudado a “matar meus dragões”, como dizem.

Tenho recebido notícias tão esporádicas do Iain que fico a ponto de enlouquecer. Na verdade, recebo mais notícias dele através do Finlay. Dou

graças aos céus por ter um irmão que escreve cartas. A rigor, acho que talvez eu já esteja ficando louca, pois tenho pensado em me mudar para a casa dos meus pais até Iain voltar. Um dia desses, escorreguei no gelo e torci o tornozelo quando caminhava. Por sorte, eu estava no centro da cidade, comprando mantimentos, e uma pessoa pôde me levar ao médico, mas aquilo me deixou preocupada. E se tivesse acontecido quando eu estava em casa, sem ninguém? Não tenho telefone e ficaria realmente sozinha, a menos que aparecesse alguém para uma visita inesperada.

Também estou farta de todas essas tarefas por aqui. Já é difícil tocar uma propriedade com a família inteira ajudando, mas uma pessoa sozinha? Tudo parece estar desmoronando em cima de mim. Outra corda arrebentou no telhado. Tornei a subir e me dei conta de que todas elas estão fracas. Não sei se estão cheias de mofo, se têm sido bicadas pelos pássaros ou se o problema é a maneira como as tranço, mas o fato é que elas estão se esgarçando e arrebentando. Eu lhe pergunto, Davey, o que faz uma poetisa com vários livros publicados trepada num telhado de colmo em pleno rigor do inverno, com um pedaço de corda de urze entre os dentes? Eu não devia estar numa poltrona de couro em algum lugar, diante da lareira crepitante de uma biblioteca? Você também estaria lá?

Gostei do final de “O Queijo do Rei Camundongo”. A Lottie cresce, aprende a dividir e a dizer “obrigada”. Ainda acho que teria sido esplêndido se ela se apaixonasse pelo Rei Camundongo, com paletó xadrez e tudo. O que a Lara achou dessa história?

Cuide-se,

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

16 DE FEVEREIRO DE 1915

Querida Sue,

Você não vai acreditar, mas enviei um dos meus contos de fadas a uma revista! Não espero uma resposta rápida, mas achei que você se orgulharia em

saber que reuni coragem para lhes enviar “O Baile Crepuscular das Fadas”. Sem o seu incentivo, eu nunca teria sequer escrito esses contos. O que a fez decidir-se a mandar os seus poemas para alguém, na primeira vez?

O seu novo livro é maravilhoso! E você até o autografou para mim. Agora eu me classifico como “querido amigo”? Entendo o que você quis dizer com a leveza dos temas (é claro que não li nada do que você tem escrito recentemente), mas talvez todos precisemos ler sobre flores, nuvens e dias de verão nos tempos atuais.

Agora voltei à escola, depois do período de festas. Tenho levado jornais para meus alunos lerem. Descobri que eles estão lamentavelmente desinformados sobre o que vem acontecendo na Europa. Se Wilson nos deixar entrar na guerra, é possível que alguns dos meus alunos mais velhos se alistem. Pelo menos, agora já não acham que os Bálcãs ficam em algum lugar próximo da Suécia.

Respondendo a sua pergunta, não sei o que a Lara achou de “O Queijo do Rei Camundongo”. Ela não leu nenhum dos meus contos. Para ser perfeitamente franco, não sei ao certo o que é que ela lê. Tentei emprestar-lhe alguns dos meus favoritos, mas ela os devolve, descartando-os como “livros de meninos”. Tudo o que a apanho lendo, ultimamente, são revistas de moda e listas de convidados, à medida que vamos planejando o casamento. Depois disso, ela deverá ter mais tempo para voltar a se acomodar com um livro. Certo?

Desejo-lhe sorte na mudança para a casa dos seus pais. Você é uma mulher corajosa! Por aqui, ando ansioso para fazer exatamente o inverso.

David



ILHA DE SKYE

8 DE MARÇO DE 1915

Querido David,

Pouco depois de eu lhe escrever, recebi uma carta do Iain dizendo que eles estavam finalmente sendo mandados para o front e partiriam na sexta-feira. É

claro que era sexta-feira de manhã quando recebi a carta, de modo que eles já haviam partido.

Por que ele não pôde me mandar um telegrama? Talvez eu tivesse até conseguido reunir coragem para entrar naquela balsa e ver meu marido mais uma vez. Não o vejo desde pouco depois que foi declarada a guerra, já se vão mais de seis meses. Sei que ele teve uma licença nesse período, porque Finlay veio para casa nos visitar. Mas, quando lhe fiz perguntas sobre isso, Iain me disse que decerto não tinha dinheiro para cobrir toda a viagem de Bedford até aqui. Ele é de enfurecer! Tenho uma reserva modesta, guardada da venda dos meus livros, mas ele se recusa obstinadamente a tocar numa moeda que seja. Tudo o que ele precisava era pôr a teimosia de lado e deixar que eu lhe comprasse uma passagem para vir até aqui se despedir. Agora ele está no front, e quem sabe quando voltarei a vê-lo?

Tenho passado bem, afora tudo isso. Não somos tão duramente atingidos em Skye quanto nas grandes cidades. A viúva do meu irmão, Chrissie, mora em Edimburgo, e escreveu contando que alguns alimentos estão ficando escassos. Pelo menos temos o produto das nossas plantações e todo o leite que as nossas vacas se dispõem a fornecer. Esta época do ano é sempre um pouco mais difícil, e ficamos torcendo por verduras frescas e frutas macias. Mas ainda tenho um bom estoque de nabos, rutabaga, batatas e peixe defumado, de modo que não posso me queixar. No entanto, o estoque de chá está diminuindo, e ando reutilizando minhas folhas, quando possível. O preço do açúcar subiu, mas eu não ando mesmo fazendo biscoitos doces ou bolos com marzipã nos últimos tempos.

Portanto, Iain está na França e, afora isso, não sei o que vem acontecendo. Apenas rezo para que ele e Finlay cuidem um do outro, como sempre fizeram. Rezo para que fiquem em segurança.

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA
29 DE MARÇO DE 1915

Mal sei o que dizer. Estou tentando me colocar no seu lugar, no seu estado de espírito, para poder sentir empatia, além de simpatia. Simplesmente não consigo. Sinto muito.

Eu devia mesmo era estar escovando o meu fraque e treinando meu discurso, já que o casamento não está longe. E, em vez disso, o que faço? Fico sentado à minha escrivaninha, escrevendo para você, Sue. Sei que eu deveria estar mais empolgado com as núpcias que se aproximam, mas suponho que seja natural sentir certa apreensão. Não é que eu duvide da decisão que tomei... mas fico meio ansioso com o evento todo. Lara está empolgada o bastante por nós dois. Parece estar inteiramente absorta em provar roupas e conferenciar aos sussurros com as amigas.

Não sei de tudo o que está sendo planejado, apenas que todas as pessoas que já conhecemos ou teríamos alguma esperança de vir a conhecer estarão presentes. É provável que sirvam bandejas de *hors-d'oeuvres* que voltarão quase intactas para a cozinha e depois sirvam duas vezes mais assados do que nossos convidados teriam alguma esperança de comer. Todas as mulheres estarão vestidas com extrema elegância e usando espartilhos apertados demais para fazer mais do que beliscar a comida. Esta será acompanhada por champanhe suficiente para encher várias banheiras – a única parte do banquete que os convidados consumirão com entusiasmo – e seguida por uma série de bolos e doces tão açucarados que fariam um dentista chorar. Depois disso tudo, ainda terei a lua de mel.

E não consigo deixar de pensar em você, Sue, sentada sozinha em frente à lareira no seu chalé, “arranjando-se” com peixe defumado e batatas, chá fraco e bolo sem açúcar. Confesso sentir uma pontada de culpa, com todos os meus banquetes e o meu lazer extravagante, enquanto você e os rapazes no front fazem tanto, mas recebem tão pouco em troca. Se me perguntassem onde eu preferiria estar no dia do meu casamento – num salão cheio de estranhos, tentando consumir a minha porção do banquete, ou sozinho num chalé com você, Sue, tomando chá agitado –, sei qual opção eu escolheria.

David



David,

Bem, mudei-me para o chalé dos meus pais. Morar sozinha está se tornando demais para mim, em mais de um sentido. Eu vinha passando quase os dias inteiros no correio, à espera de uma notícia, mas me dei conta de como isso era patético. As notícias ruins sempre nos encontramos, por mais longe que corramos.

Além disso, estava muito difícil fazer a manutenção da casa. Mas tomei uma decisão ousada: mandar construir um chalé novo, um prédio moderno de pedras, com telhado de ardósia e chaminé. Recebo uma pensão militar por Iain estar longe da família, e ele não está aqui para me dizer que não posso fazer isso. Contratei marceneiros e tudo. Mando um pequeno esboço do que estou planejando. Vou deixar o chalé antigo para os animais. Chega de dividir minha casa com as galinhas!

Faz um bom tempo que não tenho notícias do Iain. Se isso não fosse tão triste, eu riria, porque recebo mais correspondências de um homem com quem nunca me encontrei que do meu próprio marido. Mas, como dizem, a falta de notícias é uma boa notícia.

Sei que não o disse na minha última carta, mas *estou* orgulhosa por você ter enviado um dos seus contos de fadas a uma revista. Já teve alguma notícia deles? Por favor, fale-me da evolução disso.

Você perguntou como eu reuni coragem para enviar minha poesia a alguém. Foi o Finlay. Nunca estivemos satisfeitos. Quando éramos mais novos, sentávamos na praia, ele esculpindo, eu desenhando ou escrevinhando alguma coisa. Olhos pousados na linha do horizonte, não precisávamos de palavras. Mas depois, ele cresceu o bastante para papai levá-lo no barco. Finlay saía para pescar e me deixava na praia. Sempre me trazia pedrinhas que encontrava, para eu ter a sensação de estar com ele. Mas eu sabia que, embora ele fosse para o mar quase todas as manhãs, aquilo não era uma saída para ele. Com toda a certeza, sair nos barcos de pesca o atava a esta ilha. Ele jamais conseguiria ir embora. E por isso me fez prometer que eu enviaria meus poemas a alguém, que tentaria mandar algo de mim para o mundo. Porque ele estava aprisionado. Mas

o resto do mundo estava ao alcance da minha mão.

Invadi o prédio da escola todas as noites, durante uma semana, para usar a preciosa máquina de escrever da diretora, catando milho até dispor de uma pilha de poemas datilografados para remeter. Neste caso, o crime compensou. O resto, como dizem, é história! Acredite ou não, eu tinha apenas 17 anos.

Meu editor tem sido de uma paciência incrível comigo e com minha reclusão, mas, na semana passada, mandou-me uma carta curiosíssima. Séculos atrás, ele havia pedido uma fotografia minha, para incluí-la no frontispício de um dos livros. Agora, acabou dizendo que, como não tenho fotografias para lhe enviar, ele vai mandar um fotógrafo até mim! Estou aguardando uma confirmação, mas creio que ele virá dentro de umas duas semanas. Nem sei lhe dizer quanto estou nervosa, Davey! Nunca fui fotografada; nunca me vi pelos olhos de outra pessoa (ou lentes, por assim dizer). Não faço ideia do que vestir. Não queremos que o mundo se decepcione com esta única fotografia de Elspeth Dunn.

Em algum momento, você terá que tomar uma decisão num ou noutro sentido sobre o casamento, meu querido. Precisa decidir se quer estar na balsa quando ela zarpar ou se fica mais feliz parado no sólido cais. Sei que você não é homem de se contentar em ficar esperando e apenas ver a balsa se afastar. Mas talvez esse não seja o seu barco. Talvez ele não navegue para o lugar aonde você quer ir. Você tomará a decisão certa. Acho que já sabe qual é.

E



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

9 DE MAIO DE 1915

Querida Sue,

Você parece estar bem, apesar de não saber o que vem acontecendo no front. Quem sabe eu possa lhe fazer um relato em primeira mão, se Wilson finalmente permitir. Depois do *Lusitânia*, todos aqui estão clamando pelo sangue alemão. Mil e duzentas pessoas que não tinham nada a ver com essa guerra morreram naquele navio. O que foi que você disse na sua primeira carta? Somos todos mocinhos e bandidos aqui nos Estados Unidos. Se um dia

chegarmos lá, é melhor que o kaiser se cuide!

O período letivo está chegando ao fim e espero que meus alunos deixem minha sala de aula um pouco melhor do que entraram. Muitos ainda consideram a guerra um problema europeu, mas um bom número percebe que ela é maior do que isso. Já se foram os tempos em que nossos países ficavam isolados. Estamos no século XX. O que afeta um país afeta todos nós. Agora meus alunos percebem que vale a pena lutar pelo mundo.

Você tomou mesmo coragem para mandar seus poemas para outra pessoa quando tinha apenas 17 anos? Sue, você é incrível! E, se não se importa que eu faça as contas, é mais jovem do que eu pensava, para alguém tão obviamente ilustre. Dezessete ao começar e, pela data no começo do seu primeiro livro, apenas 27 agora. Você brinca dizendo ser “velha”, mas há apenas quatro anos entre nós.

Espero que a sua sessão de fotos tenha corrido bem, se é que já aconteceu, e que você não tenha se sujeitado a usar suas calças velhas ou a ser fotografada no meio das ovelhas. Eu gostaria muito de ver o resultado.

David



ILHA DE SKYE

29 DE MAIO DE 1915

Ah, Davey, essa guerra idiota, idiota!

Houve uma grande batalha em Festubert. O batalhão em que se encontra a maioria dos nossos rapazes de Skye estava na frente e na área central. Quase todas as famílias que conheço por aqui perderam um filho, um marido ou um pai para o bucho faminto dessa guerra, naquela única batalha.

Meu irmão Finlay foi gravemente ferido. Uma granada caiu bem na frente dele, e por sorte não o atingiu, mas os estilhaços dilaceraram sua perna esquerda. Ele ficou literalmente a um passo da desgraça total. A *Màthair* foi vê-lo – ele recebeu uma licença e está num hospital em Londres. Cheguei a acompanhá-la até o cais e por um triz não entrei naquela balsa. Mas não consegui. Nem mesmo pelo Finlay. Fiquei chorando na manga do vestido, por

minha covardia, e depois escrevi um poema para ele no meu lenço. Espero que o texto expresse o que não consigo dizer. Espero que Finlay saiba quanto o amo. Estou aqui em Skye esperando que a *Màthair* escreva e rezando para as coisas não serem tão ruins quanto imagino.

Iain também foi ferido, mas não com tanta gravidade que tivesse que passar mais de uns dois dias fora das trincheiras. Nem sequer me escreveu, mandou apenas um cartão-postal do serviço de campanha, um impresso no qual a pessoa risca as linhas que não se aplicam e envia uma mensagem em *staccato*: “Fui hospitalizado/ ferido/ e estou passando bem.” Seguiu-se uma carta dele, um bilhete curto para dizer que estava bem – só um corte de raspão num ombro, nada que causasse preocupação –, mas será que eu poderia lhe mandar uns cigarros?

E sabe o que é estranho, Davey? Não estou mesmo preocupada, pelo menos não com Iain. Sinto-me meio oca. Sinto-me sozinha, mas essa não é uma sensação incomum, ultimamente. Sinto falta de algo, embora não saiba bem do quê. Mas não estou triste, nem com raiva, nem com medo, nem apreensiva. Pelo menos, não neste momento.

Rezo para que os Estados Unidos não se envolvam nisso. Fique bem aí onde está, Davey. Não ceda às provocações de um valentão. Não quero uma razão para *começar* a me preocupar.

Rezando,

Elspeth



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

15 DE JUNHO DE 1915

Querida Sue,

Por que é que sempre fico sem palavras quando você mais precisa delas? Se os meus pensamentos a seu respeito neste instante pudessem ser facilmente colocados em palavras, você estaria recebendo o mais firme dos abraços epistolares. Como vai o Finlay?

O tumulto na Europa parece espelhar o tumulto na minha própria vida.

Primeiro, o marido de Evie está doente. A princípio, não pareceu muito grave, mas ele está levando muito tempo para se recuperar. Agora Florence está na casa dos meus pais. Você pode imaginar o nervosismo de Evie quanto à saúde da filha. No instante em que Hank ficou ligeiramente febril, ela despachou Florence de casa.

Adiei o casamento. Lara está furiosa. Eu lhe disse que não era apropriado levar adiante as festividades, não com Hank tão doente. Acho que ela não acreditou que essa fosse a minha única razão. A verdade é que também não acredito. Talvez você esteja certa. Talvez esta simplesmente não seja a minha balsa. Mas não espero que ela fique satisfeita com isso.

Não dizem que azar vem em trinca? Se a doença de Hank é o primeiro e meu casamento cancelado é o segundo, o terceiro só pode ser o fato de terem me liberado de meu cargo de professor no ano que vem. Eles foram muito gentis, mas, em síntese, fui despedido. Ao que parece, os pais não gostaram de eu levar jornais para a aula e falar com meus alunos sobre o *Lusitânia* e outras atrocidades. As mães e os papais não queriam que seus preciosos queridinhos soubessem quão horroroso o mundo realmente é. Aqui estou eu, tentando educar, e sou despedido por fazê-lo bem demais. “Atenha-se à tabela periódica”, disseram eles.

E não tive sorte com “O Baile Crepuscular das Fadas”. A revista o devolveu com um bilhete impessoal, dizendo que ele não se ajustava às suas necessidades e que “lamentava recusá-lo”. Rejeição é rejeição. Portanto, como você vê, estou desmoronando por todos os lados.

Mas suponho que ninguém nunca realizou nada sem um pouco de perseverança. Vou remarcar o casamento, voltar a ler os anúncios de emprego e mandar o meu conto para outra revista. Eu não seria o “Mort” se recuasse diante de um pequeno desafio. Caí do cano de esgoto e quebrei a perna, mas, como você sabe, tornei a escalar o mesmo cano, poucos meses depois daquele pequeno incidente.

Uma das boas coisas a meu favor é que finalmente saí da casa dos meus pais. Harry alugou um apartamento, depois de voltar para os Estados Unidos, e eu me mudei para a casa dele. É como estarmos juntos de novo na Inglaterra.

A outra coisa boa na minha vida é você.

Espero que tudo esteja correndo melhor para você agora, querida Sue.
Pensando em você,
David



ILHA DE SKYE
2 DE JULHO DE 1915

Querido David,

Finlay perdeu a perna. Foi só do joelho para baixo, porém é mais do que qualquer um gostaria de perder. Ele não teve coragem de contar isso a *Màthair* por carta. É claro que ela não se importa. Só faz agradecer a Deus por ele estar vivo. Todos agradecemos. Ele foi transferido para um hospital em Edimburgo, para se recuperar e fazer terapia, e voltará para Skye depois que houver colocado uma prótese. Não poderemos fazer nossas caminhadas, mas ao menos terei meu irmão de volta.

Fui ficando muito preocupada ao ler sua carta, porque você parecia muito sério. Uma porção de coisas lhe acontecendo, o bastante para abater até mesmo a pessoa mais intrépida. Senti um grande alívio ao vê-lo reconhecer que ainda é o mesmo velho “Mort”, o garoto que era capaz de escalar um cano levando um saco cheio de esquilos e o coração repleto de alegria. Acho que, se o meu Davey não ficasse animado e dando risadas diante do perigo, nada estaria certo no mundo. Como você acha que tenho conseguido manter o ânimo, ao longo disto tudo? Como acha que tenho conseguido permanecer à tona neste mar de caos?

A sessão de fotografias correu bem. Antes que a *Màthair* saísse de Londres, eu lhe mandei um vale postal e implorei que ela me comprasse um vestido, alguma coisa bonita e moderna. Devo ter exagerado no dinheiro, porque ela voltou trazendo um recatado conjunto de lã marrom com uma blusa, um vestido completamente sóbrio (cinzento como os céus escoceses no inverno) e um vestido cor-de-rosa profundamente frívolo. O vestido rosa é uma coisa etérea e esvoaçante, que parece terrivelmente impudica perto das roupas enormes e abrutalhadas que uso, mas dá a impressão de que estou vestindo o arco-íris e me faz parecer anos mais jovem, como se eu nunca tivesse precisado me preocupar

com coisas como guerras.

O fotógrafo me convenceu a usá-lo, dizendo que me deixava mais parecida com uma poetisa – “etérea” foi a palavra que usou. Naturalmente, ele quis tirar uma fotografia do lado de fora, para mostrar o cenário sobre o qual escrevo, e assim ele me fotografou no jardim, entre os seixos da praia e, sim, Davey, até entre as ovelhas. Eu me senti muito boba, pois que mulher das Terras Altas usa um vestidinho tão leve, que parece uma pluma, para pastorear ovelhas ou subir morros? Mas não devo reclamar, porque as fotos saíram muito boas. Nem se percebe que estou com as minhas velhas botas pretas por baixo. Minha mãe cultivava um pequeno jardim de flores, e acho que as fotografias tiradas nele foram as que saíram melhor. Eu estava muito curiosa para ver meu rosto numa fotografia. Nunca me vira de maneira tão distanciada. O fotógrafo me enviou algumas cópias e, por isso, lá vai. Agora você pode ver como realmente sou. Espero que não se decepcione.

Ontem à noite, fiquei sentada do lado de fora do chalé, vendo a lua subir no céu, com o caderno e o lápis no colo. O jardim tinha o cheiro de dedaleiras e madressilvas, além, é claro, do aroma penetrante do mar. Estava até fresco o bastante para eu não ser muito incomodada pelos mosquitos. A *Màthair* me levou uma garrafa térmica de chá antes de ir se deitar. Passei a noite inteira do lado de fora. Tinha meu chá quente e meu caderno. Quem poderia querer mais do que isso? A noite parecia tão fecunda, tão pungente, uma dessas noites escocesas que nos fazem compreender por que algumas pessoas ainda acreditam em espíritos e fadas. Eu estava na expectativa, aguardando algo que não sei ao certo se encontrei. Quando meu pai saiu para fazer a ordenha, de manhã, encontrou-me dormindo um sono profundo no banco ao lado da casa, “toda coberta de orvalho, como uma fada”, disse. Por aí você vê de onde eu tiro a minha poesia!

Sabe, neste momento estou contente, mas é um contentamento frágil como um ovo. Eu o estou acolchoando e tentando proteger das explosões e estrondos do outro lado do canal. Tenho muito medo de que algo exploda tão alto que chegue direto à minha ilhazinha.

E



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

21 DE JULHO DE 1915

Querida Sue,

Estou com a sua foto escorada num apoio em cima da escrivaninha, enquanto escrevo esta carta e tento imaginar você ao lê-la quando ela chegar. A sua descrição não lhe fez justiça. Acho que não preciso lhe dizer quanto você me parece encantadora.

Mas, agora que vi sua fotografia, entendo por que seu pai achou que você parecia uma fada adormecida no jardim. Se eu não tivesse certeza de que você é maior que o meu polegar, acharia que o seu vestido foi feito de pétalas de rosa e teias de aranha. Você parece mesmo uma criatura mágica em meio aos botões em flor. E a sua expressão é muito sonhadora. No que estava pensando, no exato momento em que a foto foi tirada?

Eu não me dera conta de que as histórias das minhas patacoadas e proezas eram tão importantes para você – “permanecer à tona neste mar de caos”? Nunca esperei conseguir mais do que uma boa gargalhada ou uma salva de palmas pelas brincadeiras que invento. Sinto que agora tenho muito do que ficar à altura, mas, como sempre, aceito o desafio. Se você acredita...

Aconteceu uma coisa na hora em que eu escrevia o trecho acima. Harry deixou Lara entrar no meu quarto, para me fazer uma surpresa, e ela avistou a carta na minha escrivaninha. Pegou-a e a leu antes que eu me desse conta do que estava acontecendo. Terminou o noivado em definitivo – na verdade, jogou o anel de noivado no cesto de lixo. Disse que imagina que eu esteja apaixonado por você e que não pode competir com alguém que vem ganhando desde sempre.

Sabe, para uma moça que não terminou a faculdade, ela é bem esperta.

David



ILHA DE SKYE
4 DE AGOSTO DE 1915

Davey, ah, Davey! Você não deveria ter escrito o que escreveu. Se não o tivesse escrito, eu não estaria neste dilema. Poderia seguir em frente, guardando meus segredos. Continuaría na expectativa de me descobrir viúva, verificando os jornais para ver cada nova lista de baixas. Você continuaria a ser meu animado correspondente, admirador da minha poesia e um amigo interessante. Mas agora você estragou tudo, com a sua última carta. Nunca mais poderá ser apenas meu “amigo interessante”.

O que eu *deveria* dizer? *Deveria* dizer que é uma terrível presunção da sua parte escrever para uma mulher casada e se dizer apaixonado por ela. Mas o que *quero* dizer? *Quero* dizer que acho que você não teria escrito isso se não tivesse alguma certeza do que eu sinto.

No que eu estava pensando quando a fotografia foi tirada? Imaginei que você soubesse, Davey. Eu estava pensando em você.

Sue



CHICAGO, ILLINOIS, EUA
20 DE AGOSTO DE 1915

Minha querida Sue,

Você imagina como fiquei nervoso à espera da sua resposta? Se eu fosse dado a apostas, teria apostado um valor alto em que você não mandaria resposta nenhuma. Porém a pequena parte de mim que viu sinais e presságios em cada carta que você enviou, a parte de mim que não apenas lia as entrelinhas, mas também acima e abaixo delas, essa parte seria capaz de apostar que você responderia e que entenderia exatamente o que eu estava falando. Fico contente por esta parte minha ter ganhado a aposta, porque o prêmio é muito maior.

O que acontece agora? Se você morasse aqui pertinho, em Chicago, eu a convidaria para jantar. Ou talvez não. O que se faz com uma mulher casada, além de deixá-la em paz?

Como vê, vou fazer uma grande confusão disto. Seja o que “isto” for. Você viu como venho falhando em praticamente tudo em que me empenhei nos últimos tempos. Um sujeito que não tem nada a seu favor além da garra. Por que você haveria de querer alguém como eu?

Intrigado,

David



ILHA DE SKYE

6 DE SETEMBRO DE 1915

Davey, Davey, Davey,

Você não é dado a inquietações. Por que está pensando tanto nisto? Nos últimos três anos, deixamos as coisas correrem naturalmente, e o amor aconteceu. Precisamos planejar o que virá depois? Será que sequer precisamos saber?

Espero que você se dê conta de que nunca o vi como “um sujeito que não tem nada a seu favor além da garra”. Quisera eu que você soubesse quanto me faz seguir em frente, quanto me faz continuar a acordar, simplesmente por eu saber que está pensando em mim. Você me levou a voltar a escrever, quando pensei que minha musa havia fugido. Lembrou-me de que não sou apenas uma reclusa solitária. Agora tenho mais alguma coisa. Tenho você.

Acha realmente que precisa provar algo sobre si mesmo para mim? Acha que tem de fazer alguma coisa além de continuar a existir aí? É só isto que eu peço. Apenas exista.

Pensando em você,

Sue



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

28 DE SETEMBRO DE 1915

Sue,

Aconteceram muitas coisas por aqui. Você nunca iria imaginar – estou indo para o front! Harry viu um anúncio do Corpo de Ambulâncias do American Field Service à procura de voluntários que possam dirigir ambulâncias para o exército francês. Wilson não consegue sair de cima do muro e deixar que nós, americanos, entremos na guerra, por isso teremos de encontrar nosso próprio meio de acesso.

Imagine só! Conduzir um veículo na maior velocidade que eu puder, com as balas assobiando acima da minha cabeça, e vidas humanas efetivamente dependendo de eu dirigir da maneira mais inconsequente e destemida que puder. Pode imaginar algo mais perfeito para mim? Não consegui me sair bem como professor, mas isto... isto eu sei fazer.

Não seremos remunerados, mas tenho um pequeno pecúlio deixado pelo meu avô. Harry já disse que juntaremos nossos recursos ao chegarmos à França e, se tivermos de comer feijão em lata, pão de centeio ou seja lá o que for, todos os dias, que seja. Do meu pai não virá dinheiro nenhum!

Harry e eu fomos jantar na casa dos meus pais ontem, para dar a notícia. Mamãe se retirou da mesa, enxugando os olhos, e meu pai perguntou: “Por que é, afinal, que vocês vão para a França?” Harry se recostou na cadeira e respondeu: “Não faço a menor ideia. Mas será uma tremenda aventura.” Então ergueu sua taça de vinho madeira para cumprimentar meu pai. Ele ficou roxo e achei que ia ter uma apoplexia.

Temos algumas coisas a fazer aqui. Precisamos tomar uma vacina contra febre tifoide, o que levará umas duas semanas, e estamos aguardando as cartas oficiais da sede do Corpo de Ambulâncias do American Field Service, para remetê-las ao Departamento de Estado. Precisaremos de cartas de crédito dos nossos bancos. Temos de organizar suprimentos (botas, suéteres, luvas para dirigir), mas receberemos nossos uniformes em Paris. E fotografias! Preciso de cerca de uma dúzia de cópias da minha foto do passaporte, para licenças e cartões de identificação. Há muito o que providenciar e estamos tentando aprontar tudo o mais depressa possível.

Nós nos oferecemos oficialmente como voluntários de seis meses e podemos nos realistar por períodos de mais três meses, depois disso. Harry e eu já

dissemos para contarem conosco por pelo menos um ano. Não somos o tipo de sujeito que faz nada pela metade.

Finalmente tenho a sensação de haver descoberto o meu propósito na vida, Sue, e mal posso esperar para chegar lá!

Radiante,

Davey



ILHA DE SKYE

15 DE OUTUBRO DE 1915

Seu garoto idiota, idiota! Você esperava que eu ficasse *feliz* com esse seu plano? Com um marido no front e um irmão mutilado por esta guerra desgraçada, que diabos você achou realmente que eu diria?

Nem sequer entendo por que você está fazendo isso. O que deve à França? Ou a qualquer outra nação, aliás? Por que se sente no dever de se envolver na idiotice do lado de cá do oceano? O que o faz pensar que esta guerra tem alguma coisa a ver com você?

Será que parou por um momento para pensar em mim, em meio a tudo isso? Para pensar em como, não faz muito tempo, eu lhe ofereci meu coração, de forma hesitante e provisória, sem confiar nos meus próprios sentimentos, mas confiando seriamente em você? E agora você passou por cima de tudo, na sua pressa de fugir.

Eu só queria que você existisse aí. Por que vai embora?



CHICAGO, ILLINOIS, EUA

31 DE OUTUBRO DE 1915

Querida Sue,

Sei que está zangada; por favor, não fique. Deixando de lado o discurso sobre o “dever” e o “patriotismo”, como é que você poderia realmente esperar que eu

dispensasse essa aventura suprema?

Minha mãe tem vagado pela casa de olhos vermelhos, fungando. Meu pai continua sem falar comigo. No entanto, sinto que estou fazendo a coisa certa. Meti os pés pelas mãos na faculdade. Estraguei tudo no trabalho. Diabos, estraguei até a relação com a Lara. Estava começando a achar que não havia lugar no mundo para um sujeito cujo maior sucesso incluía um saco cheio de esquilos. Até aqui, ninguém parecera querer minha ousadia e minha impulsividade. Você sabe que isto é o certo para mim, Sue. Justamente você, que parece entender as coisas a meu respeito antes mesmo de mim. Você sabe que isto é o certo.

Sigo amanhã para Nova York e tenho de confiar que minha mãe despachará esta carta. Quando você a ler, estarei num navio em algum lugar do Atlântico. Embora pudéssemos obter um desconto na tarifa se viajássemos pela companhia francesa, Harry e eu estamos rumando para a Inglaterra. Minna está à espera dele por lá. Quanto a mim... eu tenho você. Como os cavaleiros de outrora, nenhum de nós pode partir para a luta sem um amuleto da mulher amada para guardar na manga.

Vou desembarcar em Southampton num dia de meados de novembro e, de lá, sigo para Londres. Sue, diga que desta vez vai me encontrar. Sei que para mim é fácil pedir, muito mais fácil do que é para você sair do seu refúgio em Skye. Não me deixe partir para o front sem tê-la tocado pela primeira vez, sem ter ouvido a sua voz dizer meu nome. Não me deixe partir para o front sem levar uma lembrança sua no coração.

Do seu, sempre e para sempre,

Davey



CORREIOS E TELÉGRAFOS

SOUTHAMPTON

15 NOVEMBRO 1915

E. DUNN

ILHA DE SKYE

PARTINDO PARA LONDRES PT FICAREI NOVAMENTE NO LANGHAM PT

ESCREVO QUANDO CHEGARMOS PT

D



CORREIOS E TELÉGRAFOS

PORTREE

15 NOVEMBRO 1915

D. GRAHAM

HOTEL LANGHAM

QUINTA-FEIRA SEIS E MEIA ESTACAO KINGS CROSS EXPRESSO ESCOCES ESPECIAL PT

ESPERE POR MIM MEU AMOR PT

SUE

Capítulo 10



Margaret

EDIMBURGO

QUARTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1940

Caro tio Finlay,

Minha mãe é uma pessoa contida. Não sei ao certo como era antes de eu nascer, mas, tal como a conheço, ela guarda tudo bem fechado no peito. Nunca fala do passado, a não ser da infância. Nada sobre amizades, nada sobre anseios, nada sobre amor ou perdas. Ela simplesmente se desloca no presente.

Tem suas rotinas, as coisas que faz todos os dias. De manhã, ela caminha. Ao longo da margem do Water of Leith. Em torno do parque Holyrood. Pelas praias e ancoradouros, antes de eles serem fortificados. Vai até os limites da cidade e volta. Não importa o tempo, não importa a estação do ano, ela sai para caminhar. Volta trazendo um raminho de tojo, só para colocá-lo no travesseiro e cheirá-lo; volta trazendo o primeiro floco de neve do inverno, para se lembrar da promessa da primavera.

Quando termina a caminhada, ela vai à catedral de Santa Maria e se senta lá. Não para assistir à missa. Vai quando a igreja está silenciosa, deserta, calma. Todos os padres a conhecem pelo nome. Ela é aquela que vai apenas sentar-se e se refestelar na paz da catedral.

Mas esta guerra aqui de repente inquietou minha mãe muito além do que eu já vi. Antes de desaparecer, ela começou a andar com sua Bíblia marrom na bolsa. Já não caminhava tanto nem por tanto tempo. Começou a desabar.

Sei que a guerra é assustadora, principalmente para quem já viveu uma. No entanto, por que a minha mãe? Por que agora?

Margaret Dunn



GLASGOW
8 DE AGOSTO

Margaret,

Talvez a melhor pergunta seja “por que não todas as outras pessoas?”. Por que todas as pessoas com mais de 25 anos não ficam paralisadas, à simples menção da guerra?

Elspeth nunca foi de ficar presa ao passado. Mesmo quando garota, sempre tinha o rosto voltado para o sol. Mas nunca foi capaz de refrear seus sentimentos. Nosso irmão Alasdair sempre disse que ela queria demais que todos a amassem. Naquele tempo, nós a amávamos.

Foi esse o problema da Elspeth. Ela se importava demais. Quando a guerra começou a ameaçar todos à sua volta, ela estendeu a mão e tentou se segurar em tudo o que pudesse, na tentativa de obter qualquer tantinho de felicidade que fosse possível. Como se a vida realmente funcionasse dessa forma. Ela se colocou numa situação de ser destroçada, e foi. Nenhum de nós pôde impedir as escolhas que ela fez. Para mim, não é surpresa que esta guerra a faça lembrar-se da outra. Da época em que ela despedaçou a nossa família.

Finlay Macdonald



EDIMBURGO
SEXTA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 1940

Caro tio Finlay,

Então é isso? É por isso que minha mãe nunca falou da sua vida em Skye depois dos tempos de menina? É por isso que nunca mencionou que eu tinha um tio que morava a uma curta corrida de trem, em Glasgow? O que fez a minha mãe, amante da natureza e frequentadora da igreja, para despedaçar uma família?

Foi por causa da Sue?

Margaret



GLASGOW

10 DE AGOSTO

Margaret,

Você devia fazer essas perguntas a ela. Não posso ajudá-la. Não conheço ninguém que se chame Sue.

Finlay Macdonald



EDIMBURGO

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1940

Caro tio Finlay,

Não posso perguntar a ela. Ela partiu. Foi embora.

No mês passado, caiu uma bomba na nossa rua. Não sofremos grandes danos, afora as janelas quebradas, mas, em meio aos destroços, encontrei umas cartas que nunca tinha visto. Pilhas e mais pilhas de cartas. A que peguei era dirigida a uma tal “Sue”, escrita por um norte-americano chamado Davey. Não sei quem eles são ou o que havia nas outras cartas, porque, na manhã seguinte, minha mãe e elas haviam sumido.

Portanto, não posso perguntar à mamãe. Não posso sequer encontrá-la. Se eu não estivesse desesperada, por que haveria de procurar tios misteriosos?

Margaret



GLASGOW

13 DE AGOSTO

O americano? É disso que se trata? Depois de todos esses anos, ainda o americano?

Não pude impedir as escolhas que ela fez naquela época e certamente não posso impedi-las agora. Por favor, não volte a me escrever.

Finlay Macdonald



EDIMBURGO

QUARTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1940

Querido Paul,

Estava funcionando. O tio Finlay vinha me falando da mamãe aos bocadinhos. Houve uma coisa que ele disse: “despedaçou nossa família”. E então, mencionei a carta e o americano, e ele parou de escrever. Não sei o que eu disse! Como é que esse americano se encaixa na história da minha mãe? O que será que aconteceu anos atrás?

Margaret



LONDRES

10 DE AGOSTO DE 1940

Minha Margaret,

Devo ter escrito dezenas de cartas para lhe explicar aonde fui. Mas, depois, examinei as cartas que trouxe comigo e me perguntei se você sequer estaria ainda em Edimburgo. Talvez já tenha partido em busca de segredos.

Falta uma das minhas cartas: a que você pegou no chão naquela noite. Sei exatamente qual é. Uma carta em que um rapaz tolo e maravilhoso se alista numa guerra para provar que é homem. Na qual implora à mulher amada que parta para a Grande Incógnita. Londres, os braços dele – ambos igualmente intimidantes. Na qual ele a desafia a confiar nele. Ridículo que um rapaz assim

pudesse não ter medo de nada no mundo, enquanto a mulher que esperava do outro lado das cartas tinha pavor de ir além da beira da água. Pavor de encontrar o homem que manejava aquela pena. Pavor de tornar a abrir seu coração.

E assim, quando a guerra arrebatou minhas paredes e fez as lembranças se espalharem pelo chão, para onde ir senão Londres? Eu tinha que ver se ainda havia fantasmas vagando por aqui como sempre vagam em Edimburgo.

Uma vez, faz muito tempo, eu me apaixonei. Um amor inesperado, estonteante. Que eu não quis deixar partir. O nome dele era David, e sua alma desabrochava beleza. Ele me chamava de “Sue” e me escrevia cartas, emoções registradas nas páginas a cada toque do lápis. Quando ele escrevia, eu não me sentia tão só na minha pequena ilha.

Mas então veio a comoção da guerra, e não era hora nem lugar para um novo amor. Numa guerra, as emoções podem ficar confusas, as pessoas podem desaparecer, as opiniões podem mudar. Talvez tenha sido um erro eu me apaixonar tão de repente. O que aconteceu naquela época, lá se vão tantos anos, o que aconteceu com David: aquilo me custou meu irmão. Custou-me muita coisa.

Se eu pudesse agir de outra maneira, será que o faria? Será que faria escolhas diferentes, que mantivessem minha família unida? Faria escolhas diferentes, que me impedissem de passar o resto da vida sozinha?

Foi o que me perguntei durante os últimos vinte anos. Mas, no trem para Londres, cercada pelas cartas de Davey, percebi que não teria feito nada diferente. É claro que gostaria que Finlay nunca tivesse ido embora. Mas aqueles poucos anos luminosos de beleza, a despeito dos outros de canhestra solidão, eu não os trocava por nada no mundo. As escolhas que fiz me trouxeram você. E isto faz com que tudo o que veio antes tenha valido a pena.

Espero que você me perdoe por não ter lhe contado tudo. Mas o que passou passou. Eu amo o presente, com você. Nunca desejei que nada perturbasse isto.

Feliz aniversário, minha Margaret. Quando eu encontrar as respostas de que preciso, voltarei para você.

Com amor,

Mamãe

Capítulo 11



Elspeth

HOTEL LANGHAM, LONDRES

27 DE NOVEMBRO DE 1915

Davey,

Você mal acabou de sair, é provável que ainda esteja se acomodando no seu assento, escutando o chacoalhar do trem na partida de Londres. Sinto muito não tê-lo levado à estação. Sinto mesmo. Mas não confiei em mim. Sabia que, se eu fosse à estação, me agarraria ao seu braço e não o soltaria. Agora, no entanto, arrependo-me de não ter ido, de não ter tido mais uma chance de ver o seu rosto amado.

Tenho de admitir que, quando as lágrimas secaram, senti muita raiva de você. Acho que imaginei que, de algum modo, poderia convencê-lo a ficar. Se eu lhe desse tudo, você não conseguiria partir. Não que eu quisesse lhe dar menos de mim. Como poderia? Nestes últimos nove dias, tudo foi perfeito.

Mas no trem da vinda, fiquei apavorada, mais apavorada do que ao entrar naquela balsa, na qual tive de embarcar de olhos fechados e prendendo a respiração. A cada balanço do barco, eu desejava estar de volta em casa, onde o chão não se mexia. Mas o trem foi ainda pior. Ele não estava apenas me levando para longe de casa, para o desconhecido. Estava me levando para você.

Sei que está apaixonado por mim. Nunca duvide dessa certeza, meu menino. Três anos de escolhas cuidadosas de palavras, frases bem-feitas, o “Sue” do envelope escrito com cuidado especial. Sei que eu não tinha nenhuma razão para me preocupar com nosso encontro. Mas me preocupei. Você tinha feito aquilo tudo para uma Elspeth de papel e tinta, uma mulher espirituosa e experiente que enviava cartas casuais a norte-americanos, que discutia livros e escrevia poesia num piscar de olhos.

Mas aqueles poemas, eu os escrevo à luz tênue de uma vela, enquanto as aves se empoleiram nos colmos do telhado. Esfrego os olhos ardidos para ler suas cartas, agachada junto à luz fumarenta do fogo do carvão de turfa. Nenhum dos meus vizinhos pensa em mim senão como “a esquisita da Elspeth”, aquela que anda pela cidade com um livro na mão, em vez de um fuso de fiar. À medida que o trem se aproximava de Londres, não pude deixar de me perguntar se você pensaria as mesmas coisas.

Mas então desci na estação King’s Cross, encontrei seus olhos em meio à multidão e todos os meus medos se dissiparam. Você enxergou além do elegante vestido cor-de-rosa, além do cabelo que eu passara a hora anterior alisando, além das minhas tentativas de parecer o tipo de mulher que viaja pelo país para se encontrar com americanos fascinantes. Você enxergou a verdadeira Elspeth. Você me enxergou.

Achou mesmo que eu não o reconheceria sem aquele cravo vermelho bobo na lapela? Achou que eu não o veria como o romântico que sei que você é? Olhei tantas vezes para sua fotografia que acho que ela está gravada na parte interna das minhas pálpebras. Agora sei que os meus sonhos são feitos de mais do que imaginação.

Mas vê-lo em carne e osso, em cores, foi mais do que eu jamais poderia esperar. Sabia que os seus olhos têm exatamente o castanho-esverdeado das montanhas escocesas no inverno? E você é muito mais alto do que eu teria imaginado por suas fotos. Tirou aquele bigode que se empenhara tanto em deixar crescer e o seu cabelo está mais curto, mas continua a ser um convite para que os dedos percorram todos aqueles cachos cor de areia.

Você pareceu muito tímido quando me encontrou na estação, quase como se não me conhecesse nem um pouco. E mal pude acreditar que o meu Davey, o moço capaz de tagarelar por páginas a fio sobre livros e guerras de árvores e a sua sobrinha, não conseguiu pensar em mais de dez palavras para dizer no jantar! Creio que falei o bastante por nós dois. Mas eu estava nervosa, jantando em um restaurante pela primeira vez na vida. Inúmeras pessoas, inúmeros talheres, e nem um só bolo de aveia à vista. Mas, ao voltarmos a pé para o Langham, quando você interrompeu minhas palavras com um beijo que me deixou sem fôlego, foi naquela hora que vi o Davey que amo. Foi então que vi o

rapaz destemido que me roubou o coração.

Ah, o Langham! Senti-me uma princesa só por cruzar a porta da frente. Todo em mármore e vidro e luzes elétricas, como um palácio. Você não esperava que eu fosse para o seu quarto? Certamente foi o que pareceu, pelo modo como seus olhos se arregalaram e suas mãos ficaram trêmulas quando sugeri. Você deixou cair a chave do quarto cinco vezes; eu contei. E no fim, não havia nenhum motivo para ficar nervoso.

Queria que pudéssemos ter permanecido lá o tempo todo. Nove dias perfeitos. Acordar e ver aquela expressão engraçada de surpresa nos seus olhos, toda manhã, ao descobrir que eu ainda estava lá. Adormecer nos seus braços, com a nossa conversa sonolenta no escuro. Recolhi cada palavra como se fosse uma conta, para depois fazer delas um cordão em minhas noites solitárias em Skye. O seu foi o primeiro sotaque norte-americano que ouvi. O que mais gosto é quando ele diz “amo você”.

Sei que você tinha que partir. Mesmo depois disso tudo, mesmo depois de *mim*, você tinha que partir. E eu me odeio por odiar isso. Odeio-me por desperdiçar um único segundo do nosso precioso tempo desejando que as coisas fossem diferentes.

É claro que eu não poderia lhe dizer nada disto em pessoa. Não poderia mesmo dizer grande coisa. O próprio som das nossas vozes era muito... *estranho*. Muito banal. Confesso que eu mal podia esperar para voltar ao meu papel de carta e à caneta, para dizer o que sentia. E para lhe dizer como a minha mente está se unindo a meu coração e meu corpo para me fazer sentir uma incrível falta de você, mais do que eu pensava que fosse capaz.

Amo você. Cuide da sua segurança. Fique seguro para mim.

Sue



LANGHAM, LONDRES

29 DE NOVEMBRO DE 1915

Meu menino,

É provável que você ainda não tenha recebido a minha carta anterior, mas

achei que nunca seria cedo demais para voltar a lhe falar da saudade que sinto. O hotel parece imenso e solitário sem você (será que o quarto tem eco ou é só minha imaginação?). O aroma das laranjas permanece no ar e juro que ainda posso ver a forma do seu corpo desenhada no colchão. Por mais encantador que seja o Langham, não ficarei muito triste por ir embora. Ele não é tão encantador quando você não está presente.

Hoje fui fazer compras. Davey, por que você não me falou de todos os livros? Quando estava caminhando, dobrei uma esquina e deparei com uma rua repleta de livrarias. Você pode rir, mas, mesmo que eu deixasse minha imaginação correr solta, nunca teria composto a imagem de uma loja inteira repleta de *nada além de livros*. Receio ter parecido a perfeita “matuta do interior”, parada à porta do primeiro estabelecimento em que entrei e fitando com olhos arregalados aquelas prateleiras e mais prateleiras. Era a Foyles, de modo que é claro que demorei algum tempo para emergir de lá, piscando à luz do sol. Juro que me perdi umas dez vezes. Durante o resto do dia, vaguei de uma ponta à outra da Charing Cross Road, entrando em cada livraria por onde passava e não saindo sem ter comprado pelo menos um item. Fiquei craque em dizer, em tom meio displicente, “mande isto para o Langham”, e depois fiquei estarecada ao ver as pilhas de pacotes que me esperavam no hotel naquela noite.

Quebrei a cabeça sobre o que comprar para você, meu querido Davey, pois sei que tem apenas um pequeno espaço na bagagem. Tudo de que uma pessoa realmente necessita para enfrentar os caprichos da vida são a Bíblia e W. S. (os dois). Achei que você já tinha uma Bíblia, e por isso lhe mando *A dama do lago*, de Walter Scott, e a edição mais compacta da obra de Shakespeare que consegui encontrar. E uma brechinha de espaço que sobrou no embrulho e que preenchi com John Dryden. Afinal, “as palavras nada mais são que retratos de nossos pensamentos”.

O mais engraçado é que fui saudada numa livraria por uma exposição dos meus próprios livros. Devo ter feito um ar divertido, ao pegar um exemplar de *Ondas em Peinchorran*, pois uma vendedora veio apressada ao meu encontro. “Uma graça de poeminhas”, disse-me, com ar bastante sério. “A autora vive nas Terras Altas da Escócia. Tem-se uma impressão encantadora das superstições e do estilo de vida quase primitivo deles.” Meneei a cabeça com ar solene, levei o

livro até o balcão e assinei a folha de guarda com um “Elspeth Dunn” bem nítido. Devolvi o livro à vendedora perplexa e disse, com um tom que espero ter soado descontraído: “Somos selvagens, mas *nem sempre* devoramos nossas criancinhas.”

Estou enchendo a banheira para mais um longo e luxuoso banho; um banho para o qual não terei que buscar a água e esquentá-la. O simples fato de me reclinar dentro da água quente com óleo de rosas já é um paraíso. Pela manhã, vou me encontrar com meu editor em Cecil Court (onde ele me prometeu ainda mais livrarias!) e de lá seguirei para a estação, para pegar meu trem em direção ao norte. Tornarei a lhe escrever quando chegar, mas vou cruzar os dedos das mãos, dos pés e talvez até os olhos (quando não houver ninguém observando) para que haja uma carta sua à minha espera.

Com todos os pedacinhos do meu ser,

Sue



PARIS, FRANÇA

5 DE DEZEMBRO DE 1915

Minha Sue,

Que surpresa chegar aqui e encontrar não uma, mas duas cartas suas à minha espera!

Tenho estado ocupado, correndo de uma ponta a outra de Paris, ao que parece, para providenciar a papelada necessária, comprar o uniforme e os últimos detalhes do equipamento e fazer meu exame de motorista. Será que lhe contei que, quando estava no navio atravessando o Atlântico, tive um desejo infantil de ir primeiro a Paris e depois a Londres, para poder receber você todo paramentado no meu uniforme? Acho que fico muito elegante. Todo enfatiotado, mas sem ter aonde ir!

Até chegarmos ao front, vamos tentando aproveitar cada brechinha de tempo de que dispomos, antes que nos ponham realmente para trabalhar. O uniforme nos proporciona toda sorte de obséquios – ingressos para o teatro pela metade do preço, descontos em bebidas. Tem sido divertido, mas... ainda não se parece

com a “Alegre Paris” de que me lembro. Muitos teatros e casas de espetáculos musicais estão fechados ou funcionando em horário reduzido. Os cafés fecham cedo e à noite as luzes são esmaecidas nas ruas. Mesmo tão longe das trincheiras, esta é uma cidade em guerra.

Os livros foram muito apreciados, como estou certo de que você soube que seriam ao comprá-los. Está decidida a me transformar num leitor de poesia, não? Será que eu não lhe disse a única poesia que me interessa é a de Elspeth Dunn? Só me sobrou espaço na mochila para o Shakespeare, mas Harry vai ler o Dryden e o W. S. e depois trocaremos.

A minha Bíblia é a que tenho desde a primeira comunhão. É um volume fininho, encadernado em couro marrom macio, com folhas finas como asas de libélula, de modo que tem o tamanho perfeito para minha mochila. Meu nome está rabiscado no frontispício, numa letra redonda e infantil, e há uma mecha do cabelo de Evie preso em algum ponto do Livro de Ruth, de modo que é impossível o livro não me lembrar de casa.

Também trouxe meu exemplar surrado de *Huckleberry Finn*, mais para me consolar do que para ler, já que provavelmente seria capaz de recitar o livro inteiro *ipsis literis*. Mas esse livro cheio de orelhas é a primeira coisa que ponho na mala quando a arrumo para qualquer coisa que cause tensão ou perturbação – internações hospitalares (das quais, você sabe, houve um bom número), primeira viagem transoceânica, partida para a faculdade, mudança para o apartamento. Eu o pego, leio-o de uma assentada e, no mesmo instante, ele me traz a sensação de que estou de novo aninhado na poltrona verde da biblioteca dos meus pais. Era lógico que eu o trouxesse para cá.

Talvez seja uma superstição, mas também vejo este livro como uma espécie de amuleto. Minha mãe o comprou para lê-lo em voz alta para Evie e para mim quando tivemos sarampo. Terminamos de ler o livro e, no dia seguinte, a febre da Evie baixou. De algum modo, sempre associei aquele suspiro coletivo de alívio ao *Huck Finn*.

Você pode se perguntar, com razão, por que o invencível Mort precisa de um amuleto. Bem, Sue, estou com medo. Pela primeira vez na vida, estou realmente com medo de uma coisa palpável. Senti-me ótimo na viagem de navio para cá, até ansioso pelo que me esperava na França. Mas o que me passou despercebido

foi o que eu encontraria em Londres. Encontrei algo para o qual vale a pena voltar. Encontrei você, Sue.

O garoto que nunca recuou diante de uma intrepidez, de joelhos por uma mulher a quem acabou de conhecer. Mas que mulher! Quando você desceu do trem e um feixe da luz do sol atravessou o vidro do telhado e a iluminou, até um ateu teria visto naquilo o dedo de Deus.

Mesmo depois de passar para a sombra, você brilhou como uma vela pelo resto do dia. Você falava, e eu ouvia um coro de serafins. Pôs a mão no meu braço quando estávamos saindo, mas eu senti um toque de asas. Isto é meio floreado, admito, mas tal era o meu estado de espírito. Pus os olhos em você, veio aquele raio de luz, e de repente fiquei apavorado. Morto de medo de que você desaparecesse numa nuvem de bolhas, cheio de pavor de ser atropelado por um ônibus no instante seguinte, pavor de que o mundo acabasse antes mesmo de o nosso mundo começar.

Só quando estávamos no táxi e você quase caiu no meu colo ao dobrarmos aquela esquina, tive realmente consciência de que você era de carne e osso. Minha pele gravou cada ponto em que você encostou, e essa sensação não diminuiu durante o resto da tarde. Não sei se aquele pequeno incidente causou uma impressão tão forte em você quanto em mim, mas ele me fez perceber a pessoa com quem eu estava. Não era um anjo inatingível, mas uma mulher que conheço melhor do que as linhas da palma da minha mão.

Mesmo assim, continuei apavorado. Não queria cometer nenhum erro. Aquela primeira noite foi perfeita. Jantar, dançar, passear pelo Regent's Park. Eu não queria estragá-la sugerindo nada de impróprio. Eu queria isso – ah, meu Deus, como queria! –, porém jamais conseguiria me dispor a pedir.

Tenho uma pequena confissão a fazer. Ou talvez você já a tenha adivinhado. Foi a primeira vez que estive com uma mulher. Com uma mulher *daquela* maneira, quero dizer. Lembra-se de quando você puxou o lençol e cobriu meus ombros? Eu não estava tremendo por causa do frio; estava morto de medo. É claro que eu tinha uma *ideia* do que fazer – todos os homens falam disso –, mas não tinha uma lista de instruções. Eu não queria agir da maneira errada. E aí você riu e tornou a me beijar, e naquela risada eu percebi que estava tão nervosa quanto eu. Como é que eu ia saber que realmente *não havia* nenhuma lista de instruções? Como é que eu ia saber que podia ser apenas... como foi?

Mas você tem razão, foi uma pena termos precisado sair daquele quarto por um minuto que fosse, durante aqueles benditos nove dias; mas suponho que era necessário. Eu não gostaria de deixar de ser o padrinho, e acho que Minna ficou feliz por ter outra mulher como testemunha, além da própria mãe. Harry precisou desgrudá-la do corpo na estação. Ela jogou os cabelos e lhe atirou um beijo atrevido, na hora que ele embarcou no trem. Mas dei uma olhadela para trás, por acaso, e vi a determinação da Minna desmoronar; por um instante, ela pareceu uma garotinha. Com todos os seus comportamentos extravagantes, às vezes esqueço quanto ela é jovem, na verdade.

Quando estávamos sentados no prédio do cartório, aguardando com Minna e Harry, não pude deixar de pensar no nosso futuro, Sue. Quando eu voltar do front, quando tiver servido o meu ano, o que faremos? Que opções teremos?

Harry está resmungando para eu apagar a luz e ir dormir. Acabou de me jogar uma bota, o cretino rabugento. Só temos mais algumas horas antes de sermos obrigados a levantar, de modo que talvez eu o satisfaça, desde que ele não torne a me usar como alvo.

Sabe, escrever-lhe isto tudo me ajudou a acalmar um pouco os meus temores. Enquanto eu ainda tiver as suas cartas, essa corda de segurança que vem da Escócia até mim, ficarei bem. Eu lhe falei do livro que trouxe comigo como um amuleto, mas você, Sue, você é o meu amuleto.

Com amor,

David



EDIMBURGO

12 DE DEZEMBRO DE 1915

Meu amor,

Sua carta precedeu minha chegada a Edimburgo, e foi uma Chrissie muito perplexa que me recebeu à porta do apartamento. Eu viera percorrendo devagar o trajeto de retorno à Escócia, passando uns dias em York e alguns outros visitando as abadias das Fronteiras Escocesas. Uma vez que estava fora da

minha ilha, resolvi ver tudo o que pudesse. Achei que seria divertido aparecer na porta da Chrissie. Dizer que ela levou um susto ao me ver seria pouco.

É realmente atordoante sair da minha vida, sozinha num chalé isolado, para a vida num bairro movimentado, num apartamentinho cheio de crianças e barulho. Pelo menos Chrissie me deu um cômodo só para mim, instalando-me no sofá da salinha de estar. Fico zozza a maior parte do tempo e pareço ter uma dor de cabeça constante, por causa da tagarelice deles, mas tem sido um encanto. Os filhos de Chrissie e Alasdair cresceram muito! Deve fazer uns seis ou sete anos, creio, que eles se mudaram de Skye, de modo que não há nada de surpreendente nisso. Eu não esperaria que encolhessem. Minha sobrinha, Emily, vai fazer 11 anos e está uma mocinha. Os meninos, Allie e Robbie, têm 8 e 6 anos e são osso duro de roer. Na última vez que tinha visto Robbie, ele ainda nem andava, e agora aqui está, correndo e contando piadas e fazendo de cabeça contas de somar. São todos tão cheios de vida que chega a ser quase uma indecência, nestes tempos de guerra.

A propósito, você *me dirá* se precisar de alguma coisa, não é, Davey? Os preços podem estar pela hora da morte aqui em Edimburgo, mas imagino que ainda sejam menores do que os encontrados por você na França. Comprei tantos livros em Londres que, por certo, posso dispor de alguns para mandá-los, quando você houver encontrado espaço na sua mochila. Jogue fora uma caneca ou algumas armas. Abra espaço para o que é realmente importante, meu bem!

Sei exatamente o que você quer dizer a respeito de o seu adorado exemplar do *Huck Finn* ser uma fonte de consolo, e até de sorte. Como raras vezes saio do meu chalé, acho que não tenho tantos momentos de ansiedade quanto você, mas tive um deles, decididamente, quando subornei Willie para pôr uma venda em meus olhos e me jogar naquela balsa. O meu amuleto é um pedaço de âmbar transparente da cor do mel. Finlay o trouxe para mim na primeira vez que foi para o mar com papai. Aquela pedra levou ao meu fascínio pela geologia. Carreguei-a no bolso por um tempo incrivelmente longo e, quando ficava triste, eu a pegava para examiná-la, na esperança de descobrir a magia contida nela. Quando lia em voz alta na escola ou me sentava para fazer provas, eu apalpava sua forma tranquilizadora no meu bolso. Agora o âmbar está muito alisado e tem uma covinha convidativa, onde o meu polegar encaixa. Era perfeitamente lógico que ela fosse a primeira coisa na minha mala, quando saí de Skye.

É engraçado ouvi-lo falar daquele feixe de luz que incidiu sobre mim quando desci do trem. Sei exatamente a que você se refere, mas receio não tê-lo visto tão poeticamente quanto você. Eu estava tentando vasculhar a estação, para achá-lo, quando aquele raio de sol ridículo irrompeu pela claraboia e veio batei direto nos meus olhos. E aquele solavanco acidental no táxi? Talvez eu tivesse sentido a mesma corrente elétrica se não houvesse ficado tão envergonhada de aterrissar no seu colo feito uma trouxa.

Não é que eu queira desdenhar das suas impressões românticas, meu querido. Afinal, eu *sou* poeta e capaz de ser exatamente tão sentimental quanto você.

É certo que estava nervosa por encontrá-lo, mas, na verdade, nem sonhava que você também ficasse nervoso. E apavorado? Eu não imaginava que você tivesse sequer ouvido essa palavra. Até me arriscaria a dizer que você já fizera aquilo antes – declarado a sua adoração imorredoura a uma mulher em quem nunca tinha posto os olhos, entrado no exército francês para ter um pretexto para atravessar o Atlântico, e depois atraído a mulher para um hotel extravagante em Londres.

Percebi um ligeiro resvalo na sua confiança ao subirmos para o seu quarto. Eu não tinha certeza de que fosse a sua primeira vez, mas imaginava. No entanto, você tem razão: eu também estava com medo. Creio que nem toda a experiência do mundo seria capaz de preparar alguém para seu primeiro encontro com a pessoa amada. E será que havia realmente alguma coisa com que nos preocuparmos? É óbvio que tudo funcionou muito bem – ou não teríamos repetido tantas vezes!

Não sei quais serão as opções ao nosso alcance no futuro. Mas precisamos nos preocupar com isso agora? O mundo já tem preocupações suficientes, sem acrescentarmos mais um fio ao emaranhado. Concentre-se apenas em ficar fora do caminho das granadas e das balas, e eu me concentrarei em escrever para você e amá-lo mais a cada dia.

Sua,

Sue

Capítulo 12



Margaret

EDIMBURGO

QUARTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1940

Caro tio Finlay,

Sei que o senhor me pediu para não tornar a escrever, mas tenho idade suficiente para nem sempre fazer o que me mandam.

Minha mãe escreveu. Está em Londres. Se alguém me dissesse isso um mês atrás, eu não acreditaria. Durante toda a minha vida, ela nunca saiu de Edimburgo. Mas, depois que eu soube da vida dela em Skye, estou pronta para acreditar em qualquer coisa.

Ela me falou do David, “o americano”, e contou que foi apaixonada por ele durante anos. Não esperara por esse amor, mas não pudera continuar a viver sem ele. E, pelo que vi em seu rosto quando ela recolheu aquelas cartas do chão, acho que ainda não pode. Mesmo assim, talvez lhe agrade saber, ela o fez. Afora eu, minha mãe passou as duas últimas décadas sozinha. Até vê-la naquela noite do bombardeio, na noite em que a guerra lhe rasgou o coração, eu nunca saberia. Nunca teria visto quanto ela era solitária. Nunca teria descoberto o que ela perdeu.

Ela nunca falou sobre ser amada ou ser abandonada. Nunca falou do meu pai. O que aconteceu com David? O que aconteceu com os dois há tantos anos?

Margaret



EDIMBURGO

QUARTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1940

Querido Paul,

Mamãe está em Londres, se é que você pode acreditar. Correndo atrás de lembranças. Eu estou aqui, tentando fazer as perguntas certas ao meu tio desagradável, correndo atrás da mesma coisa.

Ela me escreveu, finalmente, e me deu uma espécie de explicação. Paul, minha mãe era a “Sue”. Aquelas cartas eram todas para ela. Um grande amor, no meio da última guerra. Com um norte-americano! Não sei como minha mãe foi conhecer um americano na ilha de Skye. E, o que quer que tenha acontecido, isso motivou o irmão dela a ir embora.

Quando peguei a caneta para escrever para ela e fazer todas as perguntas que ainda estavam rodando na minha cabeça, percebi que ela não me dera um endereço. Apenas “Londres”. Eu poderia mandar uma carta para todos os hotéis em Londres sem jamais encontrá-la. Não consigo deixar de pensar que, se eu descobrir onde ela esteve, isso me levará ao lugar em que está agora.

Paul, será que estou errada em vasculhar a vida dela? Devo simplesmente deixar o passado para lá, como ela quer? Como o meu tio quer? Como todos parecem querer que eu faça?

Margaret



16 DE AGOSTO DE 1940

Querida Maisie,

Todos os voos de reconhecimento noturnos aqui me fazem perceber quão pouco o passado ajuda quando estamos numa situação de perigo. Ter lembranças é muito bom, porém é a promessa de ter coisas novas de que lembrar que me ajuda a seguir em frente.

Eu nunca lhe contei, mas meu avião foi derrubado na França, pouco antes das evacuações. Eu sabia que, se falasse disso em Plymouth, você ficaria tão preocupada que nunca me deixaria entrar novamente naquele trem. Não foi tão ruim – eu saltei antes de atingir o solo – e, como você viu, não saí muito ferido.

Juntei-me a todos os que estavam fugindo para as praias em Dunkerque. E não vi nenhum dos nossos aviões por lá. Só a maldita Luftwaffe, tentando impedir que nossos rapazes chegassem aos navios.

Apesar do que todos disseram, nós – a Força Aérea Real – estávamos na França, só que não nas praias. Ficamos no interior, tentando impedir os alemães de avançarem até a costa. Mas os homens que estavam esperando para serem evacuados, os que estavam no meio do bombardeio na praia, eles não sabiam disso. Fiquei esperando com eles naquela praia, com meu uniforme, tentando ignorar os olhares furiosos e os resmungos de “onde está a Força Aérea Real?”.

Se eu parasse para me lembrar da sensação de me abaixar durante um tiroteio, sem nada entre mim e as balas senão meu capacete e as mãos cruzadas sobre o pescoço, se eu parasse para recordar o que era caminhar quilômetros para no fim ver os garotos à minha frente tropeçarem numa mina, se eu parasse para pensar em como é ficar agachado no escuro, sem saber se o sibilo da bala seguinte trazia o meu nome, se eu parasse para pensar nos comentários resmungados à minha volta por garotos que não sabiam que eu tinha estado lá em cima, fazendo meu trabalho, eu nunca seguiria adiante. Tenho apenas que continuar dizendo a mim mesmo que voltarei a estar com você em dois tempos. Não há mais nada que eu possa fazer.

No entanto, por mais que eu tente afastar o passado para poder seguir adiante, não há nada assim que a detenha. Você tem mais perguntas do que lembranças, mais mistérios do que esclarecimentos. Tem que olhar para trás. O presente e o futuro são feitos de passado. Sei que você quer descobrir de onde veio antes de saber para onde ir.

Minha querida, não desista. Tios desagradáveis? Eles não são páreo para você.

Com amor,

Paul



EDIMBURGO

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1940

Caro tio Finlay,

Ela mencionou o senhor na carta que me mandou de Londres.

Contou-me que estava muito feliz com David, delirantemente apaixonada, mas que isso lhe custou o irmão. Que o senhor foi embora de Skye e ela gostaria que nunca tivesse partido.

Ela não explicou as razões disso, e não vou perguntar. É claro que estou curiosa – quem não ficaria, tratando-se de um cisma familiar do qual só se fala aos cochichos? –, mas sei que isso não é da minha conta. O senhor não aprovava os americanos? Os romances em tempos de guerra? Só espero que a razão tenha sido tão grande, tão ameaçadora e tão duradoura que faça com que décadas afastado da sua família valham a pena.

Mas saiba de uma coisa: quer ela se arrependa das escolhas que fez, quer não, certamente lamenta ter perdido o senhor. Se nos últimos vinte anos ela tivesse sabido onde o senhor estava, teria dito isso pessoalmente. Ela já havia perdido um irmão; o que o faz supor que poderia suportar a perda de outro?

Margaret



GLASGOW

20 DE AGOSTO

Margaret,

Ela lhe disse a verdade. Estava apaixonada pelo americano. Mais que isso – fazia aquilo soar como um conto de fadas. Uma carta fortuita que desencadeou anos de correspondência, encontrando borrões de amor entre as palavras. Dependendo mais do correio que das marés e da lua. Nem mesmo a guerra pôde impedir o que desabrochou entre eles.

Ela não mentiu sobre o americano nem sobre o que sentia. Mas não era hora de nada daquilo. Não era a hora de se apaixonar.

Quando Elspeth começou a escrever para o americano, ela já era casada.

Finlay Macdonald



EDIMBURGO

QUARTA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1940

Caro tio Finlay,

Há inúmeras mulheres por aqui com um “Sra.” antes do nome e sem nenhum homem em casa. No console da lareira, uma foto com tarja preta de um homem uniformizado sugere uma história que seria melhor esquecer. Como minha mãe sempre se recusou a responder a minhas perguntas, supus que a história dela fosse igual – um triste casamento juvenil que houvesse terminado num campo de batalha em algum lugar. Nos últimos tempos, eu havia começado a me perguntar se poderia ter sido David. Mas agora... Ela já era casada?

Quem é meu pai? Por favor, tio Finlay, eu tenho que saber! Qual é a minha história?

Margaret



LONDRES, INGLATERRA

6 DE AGOSTO DE 1940

Prezado senhor ou senhora,

Muitos anos atrás, uma família de sobrenome Graham morou no seu endereço. Não sei se eles ainda residem aí ou se se mudaram de Chicago, mas agradeceria qualquer informação que lhe fosse possível fornecer. Perdi o contato com essa família e gostaria de encontrá-la.

Se o senhor ou senhora tiver alguma informação sobre o paradeiro dela, ou se porventura fizer parte da família Graham, poderia fazer a gentileza de entrar em contato comigo? Escreva para mim no Hotel Langham, em Londres. Agradeço-lhe de antemão.

Atenciosamente,

Sra. Elspeth Dunn

Capítulo 13



Elsbeth

PARIS, FRANÇA

17 DE DEZEMBRO DE 1915

Minha Sue,

Parece cada vez mais que vamos passar o Natal sob a Torre Eiffel. Nem é preciso dizer que eu preferiria passá-lo em Edimburgo, em Skye, ou onde quer que você esteja. Harry é um ótimo companheiro, mas não é exatamente a pessoa que eu espero apanhar desprevenida com um beijo sob os ramos de visco.

Estamos morando no dormitório acima do hospital com os outros voluntários norte-americanos. Depois dos primeiros dias nos virando como possível com um francês acelerado, foi reconfortante ouvir o velho sotaque fanhoso americano. Dormimos num cômodo enorme, com camas alinhadas em todas as paredes. Há apenas um chuveiro para todos, e frio, ainda por cima. Não há luzes à noite, exceto um único abajur no centro do cômodo, de modo que estou trabalhando nesta carta furtivamente durante o dia. Aqui não é grande coisa, mas, pelo menos por enquanto, é um lar!

Acho que Harry e eu tínhamos uma visão de que sairíamos diretamente do navio para dirigir as ambulâncias até a linha de frente. Apesar de não termos sido mandados para o front, não estamos ociosos. Fui designado para uma pequena ambulância com um sujeito chamado McGee. Quando os trens hospitalares chegam do front, temos de correr até os pátios de carga no fim da Rue de la Chapelle para recolher os feridos. Alguns são casos muito graves, mas são os que foram considerados suficientemente fortes para fazer a viagem de trem. Imagino que os piores nem sequer cheguem a embarcar. Nós os carregamos e disparamos pelas ruas escuras até os hospitais improvisados,

espalhados pela cidade. Gosto de fingir que o Ceifador vai dirigindo a meu lado, disputando corrida comigo até o hospital, para ver quem fica com os homens da traseira da minha ambulância. Minha pequena caminhonete é leve e rápida, e por isso o Ceifador sempre acaba uma rua atrás de mim, com a boca cheia de poeira.

Mas o trabalho por aqui é bem leve, na verdade. Os trens parecem chegar principalmente à noite. Usamos algumas horas do dia na oficina, para manter nossos veículos em boas condições de funcionamento. Mesmo assim, sobram muitas oportunidades para explorarmos Paris durante o dia. Harry e eu fazemos turismo pelas principais atrações da cidade e assistimos a filmes no Cine Gaumont, pagando meia-entrada. Temos vasculhado as livrarias francesas com a mesma alegria com que você esteve em suas equivalentes londrinas. Sentados no nosso café predileto, avançamos com esforço pelos textos de Alexandre Dumas e Louis Henri Boussenard (no idioma original), na tentativa de sacudir a poeira do francês tão pouco usado desde os tempos do secundário.

Ainda não é propriamente Natal, mas estou enviando seus presentes. Gostaria de poder estar aí para entregá-los em pessoa. Você pode fazer uma coisa para mim? Quando a véspera se transformar no dia de Natal, exatamente ao soar a meia-noite, vá até o lado de fora e erga o rosto para a lua. Sinta o gosto dos flocos de neve na boca e imagine que eles são os meus lábios tocando os seus. Irei para o lado de fora exatamente no mesmo instante. Prometo. Não importa que eu ainda esteja em Paris ou em algum outro lugar da França, fecharei os olhos e imaginarei a mesma coisa. Talvez ela possa de fato tornar-se realidade, nem que seja por um instante. Se um milagre como o nascimento de Nosso Senhor pôde ocorrer numa noite como essa, não será uma grande proeza que nossos espíritos se encontrem.

Com amor,

Davey



EDIMBURGO

FIM DA VÉSPERA DE NATAL E INICIOZINHO DA MADRUGADA DO DIA DE NATAL, 1915

Meu amor,

É tarde na véspera de Natal, as crianças estão aconchegadas na cama e sou a única pessoa ainda de pé, à espera de São Nicolau.

Chrissie e eu ficamos acordadas até tarde, tomando um excesso de canecas de vinho quente. Foi a primeira vez que pudemos realmente nos sentar para pôr os últimos cerca de seis anos em dia, sem nenhuma criança correndo em círculos à nossa volta. Não houve muito o que contar. À parte o episódio do marido que se foi enquanto o intrépido norte-americano vem seduzir, os últimos seis anos não foram nada além de trabalhar no campo e escrever. Deixei escapar o seu nome só uma vez, mas alguma coisa no meu rosto deve ter feito Chrissie beijar minha testa, em vez de fazer outra pergunta, e ela foi se deitar.

Servi outra caneca de vinho e fiquei observando pela porta aberta, vendo-a deitar-se na cama que mantém vazia desde a morte de Alasdair, e compreendi que ela não me entenderia, mesmo que eu quisesse falar-lhe de você. Sozinha, ela continuará casada com Alasdair pelo resto da vida. Assim, recolhi-me à sala de estar, com minha vela, meu caderno de notas, meu vinho e meus segredos.

Abri a janela e pus as pernas para fora do parapeito para abrir seu presente. Ah... um frasco de perfume francês de verdade! Um presente apropriado para ser mandado de Paris por um rapaz perdido de amor. E, ah, Davey, o colar é simplesmente lindo! Uma pérola absolutamente perfeita, como uma singela gota de luar. Obrigada.

O relógio da lareira – dois minutos adiantado – está batendo a meia-noite, e por isso eu me inclino para fora da janela. Sentiu isto, meu amor? Não foi um floco de neve em sua face, mas meus lábios sentindo o seu sabor. Não foi um sopro de vento em seu ouvido, mas minha voz sussurrando “amo você”. Sentiu o leve aroma de Ambre Antique no ar? Eu estive aí.

Sei que as crianças vão acordar cedo e partir para a cozinha num tropel, para ver se São Nicolau passou por aqui, e por isso devo me deitar, embora preferisse ficar acordada com você e esta carta. Podemos estar muito longe um do outro, mas, ao menos por um momento esta noite, tentamos apagar esta distância.

Um Natal muito, muito feliz, meu Davey.

Elsbeth



PARIS, FRANÇA

1º DE JANEIRO DE 1916

Minha querida Sue,

Eu já estava ficando impaciente pela chegada da sua carta! Imagino que eu não tenha calculado a demora do correio por causa das festas. Saber disso não diminuiu minha impaciência, mas pelo menos eu sabia que a carta estava atrasada porque você havia esperado o Natal para escrever, e não por ter encontrado outro impetuoso caubói norte-americano.

O relógio de pulso é perfeito! Você se lembrou de que eu o queria para substituir meu cebolão. Este será muito mais jeitoso aqui. Levo o cebolão dentro do casaco, e não é muito fácil pegá-lo quando preciso conferir a hora (o que é muito frequente, hoje em dia).

Sua carta e seu presente trouxeram uma partícula de luz para uma semana sombria e tempestuosa. O clima não estava tão ruim assim; receio que o meu humor é que andava sombrio e tempestuoso. Eu já ficara suficientemente abatido por passar o Natal longe da minha família (sim, senti saudade até do bolo de frutas da mamãe!), mas, então, Harry foi convocado.

Ao longo de toda esta experiência, Harry e eu temos sido inseparáveis, mas agora o mandaram para a frente de batalha e me deixaram com o choramingão do McGee. Tudo porque, casualmente, Harry ficou na fila na minha frente quando nos alistamos. Longe da minha família, sem ter nem ao menos você, Sue, eu havia calculado que no mínimo teria Harry para passar o Natal comigo. Em vez disso, vi-me tendo de escolher entre sair com Johnson e o restante dos degenerados para ir à zona de meretrício ou me sentar no dormitório ouvindo McGee ler em voz alta as cartas antigas da mãe. Acabei optando por me enfiar na cama com o Dryden (que agora está ficando com uma boa quantidade de orelhas) até o apagar das luzes.

Embora Harry não tenha tido nada a ver com a decisão, fiquei muito irritado enquanto ele fazia as malas. Resmunguei e o xinguei de vários nomes, muitos tirados do exemplar do Shakespeare que estava na minha cama. Gostei

particularmente de “malfeitor monstruoso” e “cria de urso não lambida e informe”. Ele só fez rir, deu-me um soco no ombro, a versão masculina do abraço carinhoso, e jogou um par de meias na minha cama.

Esta é uma brincadeira antiga entre nós dois. Logo na época em que nos conhecemos, Harry e eu nos metemos em algum tipo de traquinagem, na volta da escola para casa. Não me lembro exatamente do que houve, mas foi alguma coisa que o deixou sem o chapéu e me deixou sem as botas ou as meias. Chegamos primeiro à casa dele, e eu lhe implorei que me emprestasse alguma coisa para calçar, pois sabia que os piores castigos imagináveis estariam à espera do menino que entrasse descalço pela porta da frente, no dia reservado pela mamãe para “ficar em casa”. Harry hesitou – nossa amizade ainda era muito recente, entenda bem –, mas acabou cedendo, depois de me fazer ficar vesgo e cuspir para trás, por cima do ombro, para jurar que devolveria as botas e as meias. Tempos depois, ele me contou ter achado que nunca mais voltaria a vê-las. Mas eu havia gostado muito dele e esperava que nos tornássemos amigos, de modo que levei as meias de volta logo no dia seguinte.

A partir daí, isso se tornou um símbolo para nós. Um par de meias era a promessa de nos revermos. Parti para a faculdade com suas belas meias sociais brancas dobradas na minha mala, e ele embarcou para a travessia do Atlântico com um par de minhas meias grossas de lã no navio. Assim, já que estou com as meias dele, suponho que *terei* de vê-lo de novo. Apesar de ele ser uma cria não lambida e informe de urso.

Consegui dar uma fugida ao lado de fora, à meia-noite da véspera de Natal, como havia prometido. Fechei os olhos e fiquei o mais imóvel que pude, tentando me lembrar do jeito exato de seus dedos apertarem meus ombros, do seu cabelo fazendo cócegas no meu queixo, do seu corpo colado em toda a extensão do meu. Captei um vago aroma de flores e tive a ideia louca de que talvez houvesse funcionado, de que, por um breve momento, nossos espíritos houvessem transcendido de algum modo a distância que nos separa.

Mas a fragrância logo foi substituída pelo cheiro de cigarros e uma risadaria estridente. Johnson, Pate e Diggins entraram cambaleando no pátio, com uma *cocotte* em cada braço. As garotas usavam saias quase na altura dos joelhos e encheram o pátio com o cheiro desagradável de perfume barato. Pate já estava com a mão embaixo daquelas saias curtas. Engrolando a língua num francês

horroroso, Diggins pediu que as mulheres esperassem e desapareceu no interior do dormitório. Se foi lá buscar um preservativo ou usar o banheiro, eu não saberia dizer. Talvez as duas coisas. Preciso dizer que o meu momento foi estragado?

Johnson me viu e quis saber por que o “maricas” estava espreitando sozinho do lado de fora, em vez de ir atrás da mulherada com eles. Ignorei-o (com enorme autocontrole!) e tentei me afastar, mas ele veio atrás, fazendo troça. Seja qual for a razão, parece achar antinatural que eu não frequente bordéis. Não sei o que há em mim que o enfurece tanto, já que não o vejo atormentar McGee, que talvez seja o arquétipo do “maricas”.

Johnson estava bêbado e decidido a arranjar briga, soltando toda sorte de insultos, muitos dos quais giravam em torno da minha sexualidade questionável e das minhas supostas escolhas de amantes em estábulos. De minha parte, eu não conseguia pensar em outra resposta que não fosse “cria não lambida e informe de urso” ou “bigodudo maluco, vermelho de tanto se encharcar”, nenhuma das quais Will Shakespeare pretendia que fosse usada numa situação desse tipo, creio eu. Em seguida, ele lançou uma granada verbal (que não vou repetir) que explodiu meio perto demais, e parti para cima dele. Acho que teríamos entrado numa briga, se a porta da enfermaria não se houvesse aberto. Vi a silhueta da enfermeira da noite no retângulo de luz e sumi no interior do prédio, correndo de volta ao dormitório. Quando olhei pela janela, Johnson, Pate e as garotas tinham desaparecido, e Diggins, muito confuso, estava no pátio, levando um carão da enfermeira.

Acredite em mim, Sue, não era sozinho nem metido em brigas que eu tivera esperança de passar meu Natal deste ano. A única coisa que tornou tudo suportável foi a possibilidade de que, ao menos por um instante, ao soar da meia-noite, nossas mãos tenham se tocado através dos quilômetros de distância.

Bem, Sue, a senhora que é dona do café está enxugando canecos e me lançando olhares expressivos. Uma consulta rápida ao meu novo relógio de pulso me mostra que estou aqui há muito mais tempo do que pensava. Vou terminar por ora, mas estarei vigiando o correio todos os dias, à espera da sua próxima carta.

Amo você,
Davey



EDIMBURGO
7 DE JANEIRO DE 1916

Davey,

O que foi que o Johnson disse que “explodiu meio perto demais”? Você não pode contar uma história de suspense dessas e deixar de fora a “tacada final”, como diriam vocês, americanos.

Acabei de receber uma carta da minha mãe. Ela finalmente deixou Willie se alistar. Faz um ano e meio que ele vem tentando vencê-la pelo cansaço. Finlay não voltará ao front, de modo que ela tem a garantia de que pelo menos um filho sobreviverá à guerra.

Quem sabe o que ela terá pensado quando desapareci? Eu não disse a ninguém que ia viajar – exceto ao Willie, é claro, que não sabia o motivo. Saímos de fininho do chalé, enquanto papai verificava as armadilhas de lagosta e a *Màthair* estava na praia, colhendo algas para usar como adubo na horta. Deixei um bilhetinho dizendo que precisava fazer uma coisa e que lhes escreveria, mas levaria pelo menos quinze dias para voltar. Sabia que eles demorariam algum tempo para decifrar os meus garranchos (como é que você *consegue*, Davey?). Tinha bastante confiança em que nenhum dos dois pensaria em me procurar no cais, e em que eu poderia estar a meio caminho de Londres antes que alguém tivesse a ideia de fazer perguntas ao condutor da balsa. Willie adora uma boa aventura e eu tinha certeza de que não revelaria o segredo tão cedo, por mais que estivesse estourando de vontade de contá-lo. Agora vou voltar direto de Edimburgo para casa, e terei toda a viagem de trem para inventar uma história convincente a respeito do que me deu coragem para atravessar o canal sozinha. Alguma sugestão?

Como eu ia dizendo, Willie vem a Edimburgo e vai se alistar. Deveria ter chegado hoje de manhã, mas o trem deve ter tido algum atraso. Terei alguns dias para lhe mostrar a cidade antes que ele ingresse oficialmente no Exército e

pare de ter qualquer diversão. Se bem que você vem pintando uma imagem diferente: puxar brigas, sair com prostitutas francesas... Talvez a guerra traga mais prazer do que eu pensava!

Você tem se divertido, meu Davey? Deixando de lado toda a seriedade e o aspecto sinistro disso, tem encontrado coisas que o façam feliz? Em suas cartas, você parece contente. Dias ociosos, lendo em cafés parisienses, apimentados pelas ondas de empolgação e aventura de que você tanto gosta, dirigindo insanamente por ruas e vielas. Uma mulher que lhe escreve cartas apaixonadas da Escócia...

Quais são os próximos livros que devo mandar? Vejamos, darei uma olhada na coleção que reuni até aqui nas minhas viagens... Há um volume fininho do Yates (que “alma peregrina” pode resistir a Yates?) e um livro de poesia de George Darley. O que mais tenho que possa lhe agradar? A-ha! Perfeito: *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. Prometa-me que nosso romance não terá um fim tão trágico. Eu não suportaria um convento.

Edimburgo é encantadora, mas estou ficando com saudade da minha bela ilha. Sinto falta da fumaça do carvão de turfa, do odor penetrante da murta nos brejos, do cheiro morno do feno no estábulo.

Willie acabou de chegar. Vou parar por aqui e pôr esta carta no correio enquanto estivermos fora. Amo você.

E



PARIS, FRANÇA

12 DE JANEIRO DE 1916

Querida Sue,

Até que enfim, até que enfim, para o front! Um sujeito chamado Quinn e eu fomos convocados. Ainda não nos disseram exatamente para onde iremos, mas fomos designados para a famosa Seção Um. Não sei se é o mesmo setor de ambulâncias em que Harry está, mas, pelo sim, pelo não, levo um par de meias para lhe devolver.

Não, Sue, por favor não pergunte o que aquele tal de Johnson disse. Não só ele usou uma linguagem que não se presta nem para os ouvidos de um pirata, como a essência do que disse foi ofensiva, mais ainda por ser verdade. Mas as verdades podem *soar* baratas e distorcidas, quando ditas por pessoas como c Johnson. Confie em mim.

Hum... será que tenho alguma ideia do que você pode dizer a seus pais? Seria o desejo ardente de ver se as ovelhas do continente têm tanta lã quanto as de Skye? A ânsia insaciável de provar um bolo inglês? A necessidade urgente de comprar um chapéu novo? O desejo indescritível de seguir americanos desconhecidos até seus quartos de hotel?

Vou viajar de manhã. Quis despachar mais uma carta para você antes de sair de Paris porque não tenho certeza de quando terei a possibilidade de mandar outra. Embora tenha sido para isso que atravessei o oceano, não posso deixar de sentir uma ferroada de nervosismo. Vejamos o que o amanhã trará!

Seu Davey



ILHA DE SKYE

22 DE JANEIRO DE 1916

Meu querido Davey,

Aqui estou eu, de volta à minha ilhota. Chrissie teve de me encaminhar a sua carta, daí a demora.

Willie partiu ao encontro do restante de vocês, nas suas batalhas tolas. Você devia tê-lo visto pavoneando-se no seu uniforme, um perfeito mandachuva. As damas parecem achar o kilt praticamente irresistível, mas é um mistério para Willie que alguém possa realmente esperar que os homens trabalhem e lutem com aquele saiote ridículo.

Durante o chá, ele me confidenciou que tem uma namorada. Não tinha dito uma palavra a nenhum de nós! Embora se recusasse a me dizer por que, vinha mantendo a coisa toda em segredo. Deixei escapar que eu também tinha um segredo. Não disse mais do que isso, porém Willie deduziu o resto. Comentou que eu vinha sorrindo fazia meses. Ah, Davey, eu não me dera conta de como

estava despreparada para responder a perguntas sobre nós, e por isso soltei a frase “não podemos escolher quem amamos”. Ele apenas sorriu e disse que eu tinha toda a razão. Eu não o via feliz assim desde que a guerra começou.

É estranho estar de volta aqui, por inúmeras razões. O chalé dos meus pais parece muito sombrio e fumarento, a noite é muito mais escura e silenciosa do que eu estava acostumada a ver, e as pessoas são mais encardidas. Embora Londres e Edimburgo tenham uma boa cota de sujeira (como pode haver tantos cavalos numa cidade e ela *não* ser suja?), isso é encoberto por toda aquela sofisticação urbana. A *Màthair* me entregou o balde de ordenha assim que cheguei e, com relutância, tirei meu tailleur elegante e vesti uma blusa de lã que espeta e uma saia larga e troquei as meias de seda e as botas abotoadas por meias tricotadas à mão e enormes botas desajeitadas. Tenho a sensação de haver duas Elspeths: uma que usa roupas caras e chiques, anda de táxi, come pato no jantar e atravessa o país num impulso, para se encontrar com belos jovens americanos. E a outra, que usa roupas surradas, feitas em casa, anda a pé, come papas no jantar e atravessa o país num impulso, para se encontrar com belos jovens americanos.

Lembra-se de todas aquelas histórias que você inventou para eu dizer a meus pais e explicar meu desaparecimento? Pois nenhuma delas foi necessária. Por incrível que pareça, Davey, minha mãe sempre soube! Atravessei a porta com uma dúzia de histórias preparadas. A *Màthair* levantou os olhos do tear e disse: “Quer dizer que você finalmente foi conhecer o seu americano?” Quase desmaiei.

Lembra-se de quando eu lhe disse que, depois que Iain foi embora e fiquei morando sozinha, eu pegava as suas cartas antigas para ler à noite? Às vezes, adormecia literalmente coberta pelas suas palavras. Eu parecia uma alma penada, e às vezes passava dias sem sair do chalé, a não ser para fazer a ordenha e buscar carvão.

Uma manhã, acordei com minha mãe cruzando a porta da frente, atijando o fogo e pondo a chaleira para ferver. Trouxera consigo uma panela grande de guisado de cordeiro, para ser aquecida para o meu almoço, e pôs umas colheradas numa tigela para que eu a levasse à velha Curstag Mór, que morava lá perto. Quando voltei, o piso estava varrido, os lençóis arejando e o ensopado

fervendo no fogo. Eu havia deixado as suas cartas espalhadas por toda a cama, e elas tinham sido cuidadosamente arrumadas numa pilha, mas, naquela hora, não dei nenhuma atenção ao assunto. Estava deslumbrada demais com a panela de comida de verdade no fogo para me preocupar com pequenos detalhes como esse!

É óbvio que a *Màthair* tinha lido toda a pilha de cartas. Não tenho certeza de quanto ela sabe – afinal, naquela época não passávamos de correspondentes amistosos –, mas não me fez nenhuma censura. Foi só o termo “finalmente” que me fez pensar em quanto ela de fato adivinhara por aquelas primeiras cartas.

É claro que, ao insistir em que Johnson não disse nada que valesse a pena repetir, você atiçou ainda mais a minha curiosidade. Precisamos mesmo ter segredos um com o outro, Davey? Algum dia já tivemos segredos um para o outro? Desde o começo nós nos revelamos coisas que nem nossos pais e irmãos sabiam. Não precisa se preocupar em me proteger de nenhum tipo de linguagem ou sentimento. Você se esquece de que estamos em tempos de guerra. Hoje em dia, nós, mulheres, somos feitas de um material mais resistente.

E

P.S.: Minna enviou a fotografia que tirou de nós dois em frente ao cartório. Você viu?

Capítulo 14



Margaret

GLASGOW

22 DE AGOSTO

Cara Margaret,

Não foi um casamento impulsivo de guerra. Elspeth era casada com meu melhor amigo, Iain. Nós três crescemos juntos nas montanhas de Skye. Descíamos as encostas descalços, corríamos pela água da praia à procura de pedrinhas. Verdade seja dita, Iain sempre teve certo medo de Elspeth. Ela gritava poemas para a espuma das ondas, tendo os cabelos indomados. Era tão mágica quanto a ilha. Um dia, estávamos balançando os pés sobre a ponte Fairy e ele a pediu em casamento. Ela me olhou, sorriu e disse sim. Achei que nós três sempre estaríamos juntos. Nunca pensei que Elspeth o trairia.

Por mais que eu desejasse ajudar, não sei as respostas. Saí de Skye cerca de um ano antes de você nascer. Mas minha *Màthair* estava lá. Escreva para ela em Skye. Sua avó saberá mais do que eu.

Finlay



NO TREM PARA FORT WILLIAM

SÁBADO, 24 DE AGOSTO DE 1940

Querido Paul,

Cansei de escrever cartas. Estou a caminho da Ilha de Skye!

Tio Finlay, é claro, não me deu o endereço da minha avó, e não imaginei que conseguiria chegar apenas perambulando pela ilha e indagando o caminho para

a casa da “Vovó Macdonald”. Metade de Skye deve se chamar Macdonald. Assim, rodei pela casa (de novo) à procura de um envelope esquecido, um antigo caderno de endereços, a certidão de nascimento da minha mãe. Nada. Nem mesmo uma das cartas que a vovó mandava todos os meses, cobertas por rabiscos em gaélico. As cartas de David devem ser as únicas que mamãe guardou.

Depois lembrei que, desde o momento em que aprendi a ler, mamãe insistiu em que eu escrevesse meu nome e endereço na parte interna da capa de meus livros, para a eventualidade de eu esquecer um valioso Robert Louis Stevenson ou um Walter Scott num banco de jardim. Imediatamente, fui à biblioteca dela e peguei da prateleira o livro de aparência mais surrada e antiga que consegui encontrar: um exemplar muito usado de *Huckleberry Finn*, com uma papoula desbotada prensada em suas páginas. Dito e feito: na parte interna da capa ela havia escrito “Elspeth Dunn, Seo a-nis, Skye, Reino Unido”. Como se, mesmo naquela época e lugar, já houvesse o perigo de bancos de jardim surripiadores.

Perguntei aqui e ali até encontrar uma família que quisesse mandar uma criança para o norte. A Sra. Calder, vizinha de Emily, estava apavorada com todos os bombardeios recentes. Consegui que eu acompanhasse sua filha Dorothy até uma fazenda nos arredores de Fort William. Isso paga minha passagem até lá, e de Fort William a Skye é só uma pequena distância. Peguei uma mala emprestada com Emily e lá fui eu!

Sabe, Paul, isto é um tanto emocionante. É claro que não é a primeira vez que saio de Edimburgo, mas, exceto por aquela ida a Plymouth para ver você, nunca me ausentei por motivos próprios. Mesmo quando você e eu saíamos para escalar ou passear pelas montanhas, nunca nos afastávamos muito da cidade. Claro que se poderia argumentar que não estou indo a Skye por mim mesma, e sim por minha mãe. E pela avó que nunca conheci! Mas, se eu puder descobrir mais coisas sobre o “primeiro volume” da mamãe, sobre a parte dela anterior ao meu nascimento, a viagem terá valido a pena em mais de um sentido. Ela não está aqui para me impedir de descobrir coisas sobre meu pai.



TREM PARA MALLAIG

MAIS TARDE

Querido Paul,

Dorothy está alojada. Uma mulher de cabelos grisalhos e um corpo que parecia um encouraçado nos encontrou na estação e se encarregou da menina e do envelope de dinheiro mandado pela Sra. Calder. Antes de ir embora, Dorothy pôs um bilhete na minha mão, escrito no verso da sua passagem de trem, e me pediu que o entregasse à mãe ao voltar para Edimburgo. Mal consegui lê-lo, por causa dos borrões, das manchas de lágrimas e da letra ruim, mas ele diz “amo você” repetidas vezes. Dorothy o havia dobrado meia dúzia de vezes e rabiscado o endereço delas em cima. Prometi-lhe que essa entrega seria a primeira coisa que eu faria ao voltar a Edimburgo.

Mas a verdade é que começo a me sentir preocupada com mamãe – e, tenho que admitir, com certa culpa. Talvez não tenham sido as cartas nem a bomba que a fizeram fugir, mas a nossa discussão. Embora eu já a tivesse pressionado para descobrir quem é meu pai, nunca chegamos propriamente a discutir por causa disso. Sempre a deixei descartar o assunto com um dar de ombros. Fui longe demais, fiz muitas perguntas e não consigo deixar de sentir que alguma coisa se rompeu naquele instante.

Será que ela estava certa, Paul? Estamos precipitando as coisas? Não faz muito tempo, você e eu éramos apenas amigos. Nunca fizemos nada mais sério do que oferecer um sanduíche um ao outro, ou a mão na subida de um rochedo. Quando você se alistou e me pediu para lhe escrever, quase dei risada. Não achava que tivéssemos palavras suficientes para escrever cartas. Depois, você me disse que tinha se apaixonado e achei que talvez nos amássemos, que talvez isso pudesse dar certo. Mas, como mamãe falou, os sentimentos se intensificam e arrebatam em tempos de guerra. Confio nos seus – sinceramente –, mas não sei se acredito nos meus.

Talvez seja desta viagem que preciso. Uma pitada de independência, um fio de distância. Uma chance de descobrir se é isto mesmo que eu quero. Talvez esta viagem sirva para solucionar mais de um mistério.

Carinhosamente,

Margaret



LONDRES, INGLATERRA

10 DE AGOSTO DE 1940

Prezado senhor ou senhora,

Há muitos anos, dois homens, David Graham e Harry Vance, moraram nesse endereço. Não sei se ainda estão aí ou se saíram de Chicago, mas agradeceria qualquer informação que lhe fosse possível fornecer. Perdi o contato com eles há tempos e gostaria muito de encontrá-los.

Caso disponha de alguma pista sobre o paradeiro deles, poderia fazer a gentileza de entrar em contato comigo? Queira me escrever no Hotel Langham, em Londres. Agradeço de antemão.

Atenciosamente,

Sra. Elspeth Dunn

Capítulo 15



Elsbeth

_____, FRANÇA
2 DE FEVEREIRO DE 1916

Estou em _____ neste momento, a caminho de _____. Não achei que levaria tanto tempo vir de Paris até aqui. Viajamos num vagão de carga e tivemos de parar mais vezes do que consegui contar. Lembro-me de ter feito quase a mesma viagem, anos atrás, num período de férias na França, mas foi num vagão luxuoso de primeira classe, tomando vinho e apreciando a paisagem da zona rural. Desta vez, estava agachado num vagão de carga, espremido junto à minha sacola de lona, bebendo um conhaque horrível que circulava entre o grupo. Espiando pelas frestas do vagão, reconheci algumas estações por onde passamos, mas nenhuma das aldeias tinha exatamente a aparência de que eu me lembrava.

Esta estação aqui é tranquila, e as ruas estão repletas de homens vestidos de azul e cáqui, em vez das roupas alegres dos turistas de outros tempos. Ficaremos mais uns dias aqui antes de seguirmos adiante. A seção a que vamos nos juntar esteve inativa (*en repos*) em _____, limpando e consertando as ambulâncias, e está a caminho de _____. Um sujeito a quem chamam de Plínio, uma espécie de motorista veterano de ambulância que estava de licença, está à espera para ir até as linhas inimigas com Quinn e comigo. Ele nos disse para aproveitarmos as massas doces e salgadas e os banhos quentes enquanto pudermos, porque vai demorar um pouco para voltarmos a ter qualquer um deles.

Então você insiste em saber o que foi que Johnson me disse? Ele tentou todas as piadas de praxe sobre por que eu não estaria correndo atrás de mulheres com eles. Continuou até me ver trincar os dentes, e aí percebeu que havia acertado

alguma coisa. “Então, é isso. Trepando com a esposa de outro, não é? Ele lá no meio do inferno, e você em casa...” Bem, não vou repetir o resto, porque não é leitura para uma dama. Digo apenas que, desse ponto em diante, o nível das palavras foi ladeira abaixo.

Agora você pode entender por que parti para cima dele. As palavras doeram, não apenas pelo que ele disse, mas pela maneira como o disse. O que nós fizemos, Sue, o que nós temos, nunca me pareceu errado. Talvez para mim seja mais fácil me sentir assim – não sou eu a pessoa casada. Não conheço seu marido. É mais fácil esquecer até mesmo que ele existe.

Será que o fato de você ser casada me fez parar para pensar, no começo? Eu estaria mentindo se dissesse que não. Eu hesitei, Sue. Por que acha que demorei tanto para dizer que a amava, mesmo quando eu seria capaz de jurar, pelos indícios salpicados nas suas cartas, que você sentia o mesmo? Você se esquece de que fui criado como um bom menino católico. Apesar da minha rebeldia infantil, os Dez Mandamentos não são algo que eu veja com leviandade.

Mas você disse que também me amava. Confiei em que sabia o que estava fazendo quando me respondeu. Minhas hesitações se diluíram. E então nos encontramos, conversamos, nos tocamos. Qualquer dúvida que ainda persistisse voou para longe. Como poderia estar errada uma coisa que trazia a sensação de ser tão certa? Foi tudo perfeito. Tudo é perfeito. Guardei aquelas lembranças – aquelas belas e delicadas lembranças – junto ao coração. E não pensei muito no seu marido nem no emaranhado confuso que é nosso futuro.

Assim foi até a véspera do Natal, quando Johnson disse o que disse e *nos* tornou vulgares, Sue. É impossível ouvir comentários depreciativos como aqueles e não começar a lhes dar crédito, depois de algum tempo, sobretudo quando se sabe que eles têm um fundo de verdade. Eu estou “trepando com a esposa de outro homem”. Foi um lembrete rude de quem eu era e do que estava fazendo.

E me fez pensar em como você se sentiria, de verdade. Você nunca mencionou pontadas de culpa nem sentimentos de insegurança. Eu não queria lhe contar o que Johnson tinha dito porque... bem, não queria que você se sentisse culpada. Não queria que reconsiderasse o assunto.

A decisão sempre foi sua, Sue, e ainda é. Você decide se quer continuar este relacionamento. Você decide para onde quer ir daqui em diante.

Seja qual for a sua decisão, saiba que eu sou, para sempre,
Seu Davey



ILHA DE SKYE
9 DE FEVEREIRO DE 1916

Meu querido,

Sua carta tinha mais buracos que um telhado de sapê na primavera. Ou você achou que sua pequena missiva precisava de alguma ventilação no longo trajeto até Skye, ou alguém não quis que você me dissesse para onde estava indo ou como chegaria lá. Com exceção de “França”, todos os outros nomes de lugares foram excluídos.

Será que me ofendo com o que Johnson disse? Quem não se ofenderia com essa linguagem? Mas estou surpresa? Na verdade, não. Quando você se recusou a me contar, calculei que fosse alguma coisa assim.

Não, isto não tem sido fácil para mim, embora eu tenha tentado não deixar transparecer quanto vem sendo difícil. Você está no front, lidando todos os dias com os efeitos confusos e terríveis da guerra. Esta é a minha guerra particular, Davey, e achei que você não precisava lidar com minha consciência confusa e terrível.

Quando você me mandou aquela carta, aquela em que me disse exatamente o que sentia, não consegui dormir. Passei noites inteiras em claro, lutando com meu coração. O que sinto por você é muito intenso e muito novo. Mas, embora meus sentimentos por Iain tenham mudado, eles continuam a existir. Ele é meu marido. Não posso descartar com tanta facilidade o que eu sentia ou os votos que fizemos.

Iain é o melhor amigo de Finlay. Quando garotos, eles nunca ficavam longe dos olhos um do outro. Cresci tendo Iain sempre por perto. Quando chegou a época de me casar, ele pareceu ser a única escolha lógica. Finlay ficou nas nuvens quando eu disse sim ao seu amigo. Mas as coisas mudaram. Nossos caminhos divergiram. Minha poesia foi publicada e eu ansiava pelo estilo de

vida literário. Queria viajar, estudar, encontrar mais alguém que houvesse efetivamente lido e compreendido Lewis Carroll. Iain não queria nada além de continuar a levar sua vida como sempre fizera. Eu ia até a praia e ficava contemplando a água, desejando estar em qualquer outro lugar que não aqui. Ele saía em seu barco com Finlay sabendo que, quando retornasse, eu ainda estaria ali.

Alguma coisa já não ia bem, Davey, antes mesmo de eu receber a sua primeira carta. Estávamos derivando para longe um do outro, levados por ambições e expectativas diferentes. Em você encontrei uma alma gêmea. Você escutava o que eu tinha a dizer; Iain não parecia ouvir. Depois, a guerra começou e ele se retirou completamente da minha vida.

Na verdade, Davey, eu não entendo isso. Ele nunca foi tão distante enquanto estava aqui, mas, agora que foi para o front, raramente recebo notícias. Tomo conhecimento do que está acontecendo pelos jornais, pelo Finlay, pelas cartas que os rapazes de Skye escrevem para suas famílias. Só não descubro nada disso pelo próprio Iain. Não sei se foi alguma coisa que eu fiz, mas ele se isolou de mim. Sempre foi essa a sua reação – ele se retrai, em vez de enfrentar seja o que for que o incomode.

Não planejei me apaixonar por outro homem. Também não planejei que meu marido me deixasse, sem nem sequer uma explicação. Não planejei nada disto, mas aconteceu, e não posso dizer que eu esteja infeliz.

Realmente amo você, Davey. E sei que esta é a minha decisão. Chame-me de idealista, mas não posso deixar de pensar que as coisas acontecem por uma razão. Você entrou na minha vida no mesmo momento em que Iain estava saindo. Ajudou quando ele não o fez. Isso tem de significar alguma coisa.

Posso lhe dizer que é difícil estar de volta ao chalé dos meus pais, de volta a esta ilha minúscula, por toda sorte de razões. Eu me sinto muito... exposta. *Màthair* sabe sobre você e eu, e não tenho certeza de quem mais sabe. Em inúmeras noites, quero ficar sozinha com meus pensamentos e minhas lembranças, deitar-me e ter aqueles sonhos trêmulos e suarentos com você. E, no instante em que começo a recordar e meu pulso se acelera, escuto meu pai roncar, ou Finlay dar um grito em seu sono, e a oportunidade se perde. O chalé não é grande o bastante para eles três e para meus sonhos e eu.

E



LUGAR UM

16 DE FEVEREIRO DE 1916

Sue,

É, os censores me pegaram! Despacharam a carta assim mesmo (depois de cortes abundantes), mas fui repreendido e lembrado das normas, sob a ameaça de nunca mais poder lhe escrever. Não querem deixar transparecer onde estamos, para onde vamos, ou quando poderemos estar num ou noutro lugar, para o caso de a carta cair em mãos inimigas. Como se os boches não soubessem precisamente onde estamos neste exato momento. Estão espiando por cima dos sacos de areia do exército francês enquanto escrevo!

Finalmente me instalei aqui no “Lugar Um” (serei um bom menino e me mantereí misteriosamente vago). Nossa chegada se deu uns dias depois do restante da seção. Nós três chegamos à noite, quando muitos dos outros estavam de serviço, alguns no posto de vigilância, numa aldeia a não mais de um quilômetro das trincheiras, num turno de 24 horas. Mostraram-nos um prédio comprido, onde arrumamos um lugarzinho no centro do cômodo, e pegamos no sono em nossos sacos de dormir. Caí num sono tão pesado que não ouvi quando a primeira leva dos rapazes chegou, de madrugada, depois de terminar suas corridas. Não percebi absolutamente nada até de manhã, quando acordei sendo acertado na cabeça por uma bola de meias e dei com Harry sorrindo para mim, aos pés da minha cama. Ele acabara de voltar de seu turno no posto de vigilância e me encontrara enroscado no lugar onde costumava dormir.

Fui designado para uma ambulância com um sujeito que eles chamam de Esquiva, um ex-jogador de futebol americano meio caladão, com um cigarro perpetuamente pendurado entre os lábios. A única hora em que ele diz alguma palavra é quando troca a guimba apagada por um cigarro recém-aceso. Esquiva está aqui quase desde a criação do American Field Service, portanto creio que não poderia ter uma dupla melhor para me ensinar o trabalho.

Puseram-me imediatamente para trabalhar quando cheguei. Temos circulado

por rotas de evacuação, transportando feridos (graciosamente chamados de *blessés*) dos postos de primeiros socorros para hospitais mais distantes da linha de frente. A maioria dos prontos-socorros fica a pelo menos alguns quilômetros do front, de modo que não vemos grande coisa além da fumaça dos projéteis detonados.

Algumas noites atrás houve um combate feroz perto daqui. Um dos meus *blessés* se encontrava em péssimas condições. Ele estava atrás de um muro quando uma bomba caiu, e quase foi esmagado pelo desmoronamento. Tive que dirigir com muito cuidado até chegar ao posto de vigilância, mas, depois de passar por ele e encontrar estradas relativamente melhores, segui numa carreira desabalada até o hospital. Um médico me disse que, em mais cinco minutos, era provável que houvéssemos perdido o paciente. Não foi grande coisa, mas foi uma declaração singela da importância do que estou fazendo aqui, na França.

Tudo bem, Sue: se você prometer parar de se preocupar comigo, farei o mesmo com você. Compreendo por que fez o que fez. Seu amor é precioso demais para que eu o afaste, justamente quando você precisa de alguém que o aceite.

Eu estava esperando o rango ser servido e vejo que os homens começam a entrar em fila, de modo que tenho de interromper a carta por aqui. Acho que ainda consigo despachá-la hoje.

Por mais cansado que eu esteja, Sue, os meus sonhos são sempre com você.

Com amor, do seu

Davey



ILHA DE SKYE

23 DE FEVEREIRO DE 1916

Meu querido menino,

Sinto muito ter duvidado de você e das razões que o levaram a se alistar. Você tem razão, Davey, isso é uma coisa que você sabe fazer e, em sua primeira quinzena aí, já provou que é capaz de fazê-la bem. Há uma grande diferença entre sair em disparada com uma baioneta, na intenção de aleijar ou matar, e

canalizar toda essa energia impulsiva para salvar vidas. Eu disse antes que você ainda era um menino, mas creio que, em poucos meses, você se revelou um homem que se destaca, mesmo estando num grupo de destaque.

Por favor, mantenha-se aquecido, alegre e, como sempre, em segurança.

E



LUGAR UM

2 DE MARÇO DE 1916

Sue,

Fui designado para buscar alimentos, o que significa que tenho a chance de tomar um banho e fazer uma refeição de fato, enquanto estou na cidade. É provável que eu esteja demorando mais do que o necessário com meu omelete, porque isso me dá a oportunidade de lhe escrever, antes de ter que voltar ao meu calhambeque.

Harry e eu conseguimos ambos tirar uma folga outro dia, o que não acontece muitas vezes, já que acabamos trabalhando quase diariamente, mesmo quando temos direito a um dia de descanso. Nós dois trouxemos livros e um pequeno piquenique de dar dó – latas de “carne”, bolachas e um bolo minúsculo de passas, mandado pela Minna, tudo regado a uma garrafa de uma perfeita água suja que alguém rotulou de “vinho”, por evidente equívoco. Creio sinceramente que, depois de lavar suas meias, Plínio tornou a encher a garrafa com a água da bacia, pois era bem esse o sabor da coisa. Apesar do vinho desprezível e da carne (seria de gato?) enlatada igualmente desprezível, foi uma tarde agradável. Quase terminei de ler *Tarzan, o filho das selvas*. Gostaria apenas de poder ter devorado o meu piquenique com a mesma satisfação!

Na verdade, comemos um banquete e tanto, dias atrás. Um dos soldados recebeu a Croix de Guerre e ofereceu um jantar para marcar a ocasião. Não poupou despesas e trouxe um chef parisiense. Comida de verdade, vinho que merecia ser chamado de francês, e tudo servido em porcelana sobre toalhas de linho. Eu juro, Sue, que me sentia imundo demais para uma mesa tão elegante, mas me aproximei dela mesmo assim, e todos nos entupimos de comida antes

que alguém pudesse dizer “Yankee Doodle Dandy”. Sue, foi um cardápio que deixaria os chefs Ranhofer ou Escoffier orgulhosos.

Estou ficando de novo com a boca cheia d’água, só de me lembrar, portanto desculpe qualquer gota ou mancha de tinta. E pensar que mal acabei de comer! Ah... a lembrança daquela refeição! Aquilo nos manterá psicologicamente alimentados durante muitas semanas de cozido de carne e sopa de nabo.

Amo você,

David



ILHA DE SKYE

14 DE MARÇO DE 1916

Ah, Davey,

Não sei mais o que sentir.

Iain está desaparecido.

Acabei de receber a carta do Ministério da Guerra e nem sei ao certo se já a internalizei. Li as palavras, soltei um grito, mas desde então não dei um pio – como se, ignorando-a, eu pudesse fazê-la ir embora. Desaparecido. Como é possível?

Finlay está arrasado. Ficou repetindo “Eu não estava lá. Não pude ajudá-lo”, e depois saiu do chalé. Voltou mancando, tarde da noite, imundo e sem a bengala, e dormiu por dois dias seguidos. Coube a mim ajeitá-lo na cama, remendar suas calças rasgadas e achar um pedaço de madeira para fazer outra bengala. Meu irmão é inútil sem ela.

Eu quero saber: por que Finlay pode desmoronar? Por que tenho que ser eu quem se mantém forte e recolhe os pedaços? Ninguém mais tem que fazê-lo. Iain é *meu* marido. Eu é que deveria estar sentindo esse peso, mais do que ninguém. Eu é que deveria estar arrasada a ponto de mal conseguir respirar.

Você sabe que não sou muito devota. Não costumo ir à igreja regularmente. Quando estou sozinha na montanha, sinto-me mais perto de Deus. Mas isso é quase pagão, muito distante dos hinos e sermões. Agora acho que negligenciei alguma coisa vital. Não dei a Deus o que lhe era devido, depois o provoquei com

minhas infidelidades, agora Iain está sendo punido pelos meus pecados.

Talvez eu tenha tomado a decisão errada. Não sei mais o que pensar. Se eu parasse, isso o traria de volta?

Elspeth



LUGAR TRÊS

21 DE MARÇO DE 1916

Sue,

Recebeu alguma notícia?

“Desaparecido” pode significar uma porção de coisas. Pode não significar nada. Até receber mais notícias, não especule. Por favor.

Já ouvi os homens na traseira do meu calhambeque falarem muito disso. Num minuto, os soldados estão agachados, compartilhando um cigarro, no seguinte estão de pé atravessando a trincheira e entrando na terra de ninguém. Com quase 35 quilos nas costas, correndo com a baioneta calada e desviando-se dos buracos de bombas, dos detritos e dos colegas. Tudo tão coberto de lama que o sujeito poderia passar por cima do próprio irmão sem reconhecê-lo. Não se pode nem parar para dar uma olhadela melhor, muito menos carregar alguém até um ponto seguro. Iain pode estar deitado em algum lugar, ferido, esperando a maca para levá-lo de volta. Pode ter se perdido na correria para avançar na trincheira. Não pense apenas no pior.

Sue, você já tem bastante com que se preocupar neste momento, sem acrescentar a tudo a culpa e o castigo divino. Sim, eu acredito em Deus. Sempre frequentei a igreja, mesmo durante meus tempos turbulentos de faculdade; só que na época eu tinha mais coisas a admitir no confessionário.

Quando éramos menores, Evie e eu tínhamos um livro de histórias bíblicas, um lindo volume ilustrado que líamos nas tardes preguiçosas de domingo. Lembro-me de uma imagem de Deus daquele livro. Ele era mostrado como um personagem sereno, de barba branca como a neve e bochechas rosadas – não muito diferente de Papai Noel, pensando bem –, contemplando com orgulho o

mundo recém-criado. Aquilo me fazia pensar no modo como um pai olharia para um filho recém-nascido. Sempre guardei na mente aquela imagem, e acho que é por isso que nunca pude acreditar num Deus vingativo. Aquela figura bondosa e paternal nunca poderia me culpar por me desviar do caminho. Nunca poderia se afastar de mim por causa das minhas pequenas transgressões.

Pense um momento, Sue. Com todas as atrocidades que o kaiser vem cometendo, com todos os combates e a matança que vêm acontecendo por aqui, você realmente acha que Deus estaria baixando os olhos e dirigindo sua raiva para uma mulher cujo único pecado foi ter tanto amor para dar?

Estou muito cansado agora. Acabo de fazer um turno de 24 horas e mal cheguei a aproveitar umas horinhas roubadas de sono. Mas não quis adiar o momento de lhe escrever. Se eu não puder estar presente (ainda que em termos epistolares) quando você precisa de mim, de que adianta eu estar com você?

Talvez você tenha notado pelo cabeçalho que tornamos a nos deslocar. Houve um Lugar Dois entre aquele primeiro e o atual, porém não passamos mais do que alguns dias por lá. Estamos um pouco mais próximos da batalha desta vez, mas não tanto que tenhamos de nos preocupar com bombas caindo sobre nós enquanto dormimos – o que é bom porque, com nossos horários de trabalho, precisamos de todas as horas de sono que pudermos usar.

E com esta nota, Sue, vou me deitar. Já mal consigo segurar o lápis. Por favor, mantenha-me informado. Apesar das circunstâncias, eu realmente me importo. Gostaria de poder estar aí para abraçá-la, mas isto é o melhor que posso fazer.

Eu a amo muito, minha garota.

David



ILHA DE SKYE
28 DE MARÇO DE 1916

David,

Como posso *não* me preocupar? Como posso não pensar no absolutamente pior?

Recebi uma carta de um homem do batalhão de Iain, um soldado chamado

Wallace. Ele disse que tinha atravessado a trincheira com Iain naquele dia. Perdeu-o de vista durante a luta. Quando soou o toque de retirada, o soldado Wallace voltou correndo e passou por Iain no caminho, “muito ferido”. Estava tão mal que não conseguiu voltar para a trincheira britânica, mesmo quando Wallace lhe ofereceu o ombro para escorá-lo. Demorou um pouco para que qualquer maqueiro conseguisse abrir caminho até lá. Mesmo com a localização aproximada que Wallace lhes deu, os maqueiros disseram não ter conseguido encontrar ninguém. Ninguém que precisasse de atendimento médico, bem entendido.

Finlay está fora de si. Ele e Iain cuidariam um do outro. Ele se culpa por não ter estado presente para ficar de olho no amigo. Culpa-se por não tê-lo trazido para casa.

É fácil você dizer que Deus não está me castigando, mas você não está passando pelo inferno particular em que me encontro. Não está sentindo a angústia e a culpa que sinto. Como *sabe* que não estou sendo castigada, de algum modo? Tudo o que Iain pediu foi o meu amor, e nem isso eu pude lhe dar de corpo e alma. Talvez seja este o meu pecado. Talvez seja por isso que estou sendo punida.

Sim, eu sei que você se importa realmente com o que sinto, mas, admita, também tem seus interesses pessoais para proteger. Não quer que eu fique me lamentando nem me remoendo por causa do meu marido desaparecido. Mas talvez lamentar-me seja o que preciso fazer. Talvez lamentar-me mostre que estou buscando alguma redenção.

Elspeth



ILHA DE SKYE

12 DE ABRIL DE 1916

David,

Eu não estava dizendo que você deveria parar de me escrever. Suas cartas ainda são uma das poucas coisas que me mantêm à tona. Lembra-se de toda aquela história do “mar de caos”?

Talvez eu tenha parecido zangada na minha última carta. Sei que você se importa de verdade. Estou apenas confusa, Davey. Estou confusa e me confrontando com sentimentos de culpa. E então me sinto culpada por não ter me sentido culpada antes. Isto faz algum sentido?

Ademais, estou preocupada. A despeito do que sinto por você, Iain é meu marido e sempre o amarei. Não suporto pensar nele sentindo dor ou sofrendo.

Estou insegura. Não sei como quero que tudo isto acabe. É claro que quero que o Iain esteja bem e em segurança. Mas há uma partezinha diabólica de mim, uma parte que vivo tentando ignorar, que olha para tudo isso com certa dose de alívio – por não ter que tomar nenhuma decisão no final, por não mais ter que ficar insegura. E aí, torno a me sentir culpada por ser tão insegura.

Por favor, responda, Davey. Sinto sua falta.

E



ILHA DE SKYE

22 DE ABRIL DE 1916

Davey,

Onde você está? Por que não escreveu? Não sei o que eu possa ter dito para afastá-lo. Aonde quer que você tenha ido, por favor, volte para mim. Não sei o que eu faria sem você.

Onde está você, Davey?

Sue



ILHA DE SKYE

25 DE ABRIL DE 1916

Não faça isso comigo! Pelo amor de Deus, não posso perdê-lo também! Será que todas as pessoas que amo estão destinadas a desaparecer?

Não tenho força suficiente para isso, Davey. Não posso fazer tudo sozinha,

sem saber que você existe no mundo. Preciso de você como preciso de ar.

Rezarei a qualquer deus a quem tenha de rezar, se isso trouxer você de volta para mim. Rezarei para as fadas e duendes que habitam minha ilha. Rezarei para você no Templo do meu Coração.

Ah, meu amor! Meu amor.

Capítulo 16



Margaret

PORTREE, SKYE

TERÇA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 1940

Querido Paul,

Está chovendo em Skye. Chove desde que a balsa atracou. Eu disse ao condutor da balsa que sou de Edimburgo; estou acostumada com precipitação. Ele apenas deu um risinho e mastigou a ponta do cachimbo.

Portree se enrosca em volta do porto, suave e borrada, como um desenho a giz deixado na chuva. É claro que eu não trouxe guarda-chuva – quem realmente carrega guarda-chuva em Edimburgo? – e por isso tive de correr pela garoa, com a mala acima da cabeça, até encontrar um pub onde me esconder. Agora estou aninhada junto a uma lareira, aquecida e sonolenta, com uma bebida quente e aquele livro velho e surrado. Fitando o endereço que não é realmente um endereço. Não há nome de rua nem número de casa. Elspeth Dunn, Seo a-nis, Skye, Reino Unido.

Sei que deveria me levantar e talvez procurar a agência do correio para indagar sobre esse endereço, mas está tão quente aqui ao lado do fogo. A chuva continua a tamborilar no vidro. Talvez eu peça outra bebida e continue aquecida por mais algum tempo.

Um momento atrás, eu estava satisfeita em ficar sentada aqui o dia inteiro, esperando a chuva passar, mas agora fui impelida à ação! Justo quando eu lhe escrevia sobre estar contente junto ao fogo de carvão de turfa, entreouvi o taberneiro carrancudo conversando com as senhoras da mesa ao lado numa língua que conheço das cantigas de ninar da mamãe.

– É gaélico que vocês estão falando? – perguntei.

Quando eles confirmaram com um meneio da cabeça, estendi-lhes o livro.

– Por favor, o que significa “Seo a-nis”?

Não vou lhe dizer como tentei pronunciar a expressão. Você ficaria sinceramente decepcionado comigo. Tenho certeza de que as mulheres ficaram.

No entanto, em vez de traduzir, a mais alta das duas apontou para o rabisco e exclamou:

– Elspeth Dunn! Aí está um nome que não escuto há algum tempo.

A outra assentiu com a cabeça:

– Ela foi embora há anos.

– Seo a-nis é a casa dela. Ela ainda é a proprietária, não?

– A família é.

Eu não fazia ideia do que pensava encontrar na antiga casa da minha mãe. Restos e fragmentos do passado? Só sabia que tinha de ir lá.

– Onde fica?

E, acredite ou não, eles me olharam de cima a baixo! O taberneiro deu um risinho de mofa:

– É mais do que um passeio, mocinha.

Mocinha? Francamente!

– Andar não é novidade para mim – receio ter dito em tom meio ríspido. – Se o senhor puder fazer a gentileza de me apontar a direção certa.

– É lá para os lados de Peinchorran. – Ele se inclinou sobre a mesa: – Posso vender-lhe um mapa e uma bússola. E um guarda-chuva.

Aceitei a oferta no tocante ao mapa – com a casa dela marcada a lápis – e à bússola. Neste momento, estou encolhida na porta de entrada da agência do correio, terminando esta carta para você e desejando também ter aceitado a ideia do guarda-chuva. A chuva continua a cair, intermitente, mas não há nenhum carro para me levar à casa da minha mãe. Pouco mais de treze quilômetros. Nós dois já percorremos quase isso! Troquei o salto alto por meus sapatos Oxford e pretendo tentar. Minha mãe tem uma casa na Ilha de Skye. Com ou sem chuva, pretendo encontrá-la!

Margaret



27 DE AGOSTO DE 1940

Querida Maisie,

Estou cruzando os dedos e lhe enviando esta carta aos cuidados do antigo endereço da sua mãe em Skye, já que é só isso que tenho. Com sorte, ela irá ao seu encontro.

Desde o momento em que nos conhecemos, você se pergunta de onde veio. Os ondes, comos e porquês de Margaret Dunn. Apenas tenha cuidado. Não é que todo pai seja um vagabundo como o meu, mas não quero que você se decepcione. Ouvi-a falar sobre quem poderia ser seu pai. Um conde? Um general? O grande ator Basil Rathbone? Não havia “ilhéu agricultor” naquela sua lista.

Mas procurar o passado não é isto? Surpreendente, chocante, talvez até um pouquinho assustador. Nunca sabemos o que vamos encontrar. Mas sei que você precisa pelo menos procurar. Nunca saberá se está no caminho certo na sua vida enquanto não vir o caminho que a trouxe até onde está hoje.

Você se perguntou se estaríamos precipitando as coisas, se podíamos confiar no que sentimos. Minha doce menina, eu não a forçaria a nada de que você não tivesse certeza. É claro, reflita o tempo que quiser. Mas me responda uma coisa: no momento em que me disse “sim” e segurou minha mão, o que você sentiu?

Para mim, foi como se meu coração fosse saltar do peito, e eu me atenho a isto. Toda vez que começo a me lembrar de quando fiquei em Dunkerque, com a água batendo no peito, sem saber se os aviões errariam os tiros contra mim, sem saber se em algum momento eu chegaria a um navio, penso em sua mão na minha e todas as inquietações desaparecem. Dentre todas as coisas do mundo, neste momento, o que sinto por você é a única em que *realmente* confio.

Cuide-se e me escreva assim que puder.

Com amor,

Paul



BEAGAN MHILTEAN, SKYE

SEXTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 1940

Querido Paul,

Parti, sim, à procura de Seo a-nis, naquele mesmo dia chuvoso da minha chegada. O que, em retrospectiva, foi um erro. Grande parte da minha caminhada foi uma travessia de mato e campos (embora eu admita que, provavelmente, isto se deveu mais à minha leitura precária dos mapas do que a qualquer outra coisa). E não foi o que se esperaria de uma trilha das Fronteiras Escocesas, salpicada de flores. Subi e desci ladeiras, atravessei trechos desolados, sem ninguém por companhia além das ovelhas. Embora estivesse com meus sapatos baixos, eles não foram páreo para a lama de Skye. Não sei quantas vezes tive que voltar, pulando numa perna só, para extrair um pé deles da lama. Eu havia trazido minha mala (quando qualquer pessoa sensata a teria deixado na cidade), por ter pensado em trocar a roupa por alguma coisa seca quando chegasse, mas não tardei a ver que era uma ideia infrutífera. Minha mala ficou completamente encharcada. Deixei-a no prado, junto a um muro de pedra caindo aos pedaços, com a intenção de voltar mais tarde para buscá-la. Ainda não a encontrei.

Por fim, passei por um senhor que passeava com um cachorro em direção a Portree (pelo menos, acho que era isso; juro que esta bússola deve estar com defeito). Ele me garantiu que eu estava em Peinchorran e apontou o caminho para Seo a-nis. Disse que era a única construção naquela margem do lago e que seria impossível eu não vê-la. Tinha razão.

Tive a impressão de que ninguém esteve no chalé em décadas. Ele é uma daquelas construções caiadas de branco que vemos aqui por toda parte, dois cômodos em cima, dois embaixo e uma chaminé em cada extremidade. Um verdadeiro telhado de ardósia, embora muitas telhas tenham caído ao longo dos anos. As venezianas estavam bem fechadas, com tábuas presas por cima. Forcei a porta, mas ela havia empenado e não se moveu nem um milímetro.

Ao lado do chalé havia outro, mais velho, uma construção baixa de pedra com um telhado de colmo inteiramente podre. Para lá desse chalé, uma cerca caída demarcava um jardim com a vegetação crescida demais, não muito mais que cardos, a esta altura. Tudo em silêncio, a não ser pelas ondas que quebravam no cascalho da praia e pelo balir distante das ovelhas.

A chuva tinha amainado, virando uma garoa enevoadada. Pensei em descer até a

praia, para ver se encontraria algum outro sinal de vida. Quando contornei a lateral da casa, fiz um bando de aves empoleiradas levantar voo do chalé que só tinha meio telhado de colmo. Dobrei a curva e ah, Paul, estaquei, imóvel.

Todo o fundo do chalé, a parede que dá frente para o mar, reluzia de cores. Parecia um afresco italiano, apanhado nas Hébridas. A parede caiada estava coberta de volutas e curvas de pinturas, algumas tiradas das lendas e cantigas de ninar gaélicas com que mamãe me embalava para dormir. Mulheres-focas despindo sua pele na praia. Um círculo de fadas dançando ao redor de uma trêmula chama verde. Uma mulher vestida de pétalas de rosa, no alto de um rochedo, suas lágrimas escorrendo para o mar. As imagens se fundiam e se superpunham. Um casal dançando uma valsa. Uma tigela cheia de laranjas. Uma pérola cor-de-rosa, cintilando numa ostra aberta. Além disso, imagens que eu sabia só poderem vir da última guerra. Uma ambulância zunindo em disparada por uma explosão, enquanto filas de rapazes marchavam. O motorista da ambulância com a cabeça para fora da janela, o rosto inclinado na direção do lago, e juro que havia um brilho em seus olhos castanho-esverdeados.

– Ela pintou isso tudo – disse uma voz atrás de mim. – Durante a Grande Guerra, quando estava esperando.

A mulher era miúda e arrumada, de olhos negros penetrantes como os de um corvo. Atrás dela roncava um caminhão muito velho.

– Soube que alguém em Portree estava perguntando por Elspeth Dunn.

Consegui apenas confirmar com a cabeça.

– E aqueles tolos a mandaram para cá. – Ela apertou o xale em volta dos ombros. – É melhor vir comigo.

Segurou meu braço, mas eu me enrijei. Tinha sido um dia difícil.

– Ora, você tem o espírito de Elspeth. Ela sempre foi obstinada quando menina. Estou vendo a mesma coisa em você, Margaret Dunn.

Devo ter mostrado surpresa, porque de repente seus olhos se abrandaram e ela sorriu:

– Sou sua avó. Estava esperando você.

E eu que achava que ela não falava uma palavra de inglês, assim como não sabia lê-lo nem escrevê-lo. Sempre a descartei como minha avó de Skye, ocupada demais com sua lavoura para nos visitar em Edimburgo. Mas isso não

queria dizer que ela não se importasse. contei a você que ela escrevia cartas em gaélico para minha mãe todos os meses, desde que me dou por gente. Mas, Paul, a mamãe escrevia para a vovó toda *semana*, cartas cobertas por linhas de texto que iam e vinham, contando cada passo que eu dava, cada sonho que eu tinha, cada desejo que eu expressava antes de me deitar. E fotografias! Meu primeiro dia na escola, meus dentes da frente faltando, meu aniversário de 10 anos, minha crisma, todas tiradas com a velha câmera Challenge de fole da minha mãe. Vovó guardou todas as cartas num baú aos pés da cama, com as fotos presas na parte interna da tampa. Embora ela estivesse longe de Edimburgo, nunca esteve longe de nós.

Passei esta semana na casa da minha avó, conhecendo uma família que eu não sabia ter e caminhando por trilhas e penhascos, pensando em você. Não consigo deixar de pensar em todos os passeios que nós dois poderíamos fazer aqui. Você me ajudaria a deslindar isto tudo, depois seguraria minha mão, e eu me sentiria tão segura quanto no dia em que lhe disse “sim” em Plymouth. Não sei o que eu faria sem você.

Com amor,

Maisie



LONDRES, INGLATERRA

16 DE AGOSTO DE 1940

Prezado senhor ou senhora,

Muitos anos atrás, uma mulher chamada Eve Hale, cujo sobrenome em solteira era Graham, morou nesse endereço com o marido e a filha. Não sei se ainda residem aí ou se saíram de Terre Haute, mas agradeceria qualquer informação que me pudesse ser fornecida. Perdi o contato com eles há alguns anos e gostaria muito de encontrá-los. Eve é irmã de um velho amigo meu.

Se o senhor ou a senhora tiverem qualquer informação sobre o paradeiro deles, poderiam fazer a gentileza de entrar em contato comigo? Queira escrever para mim no Hotel Langham, em Londres. Agradeço de antemão.

Atenciosamente,

Sra. Elspeth Dunn

Capítulo 17



Elsbeth

STE. GENEVIÈVE, PARIS, FRANÇA

28 DE ABRIL DE 1916

Minha Sue,

Peço-lhe um milhão de desculpas por não ter escrito mais antes! É provável que você tenha ficado doente de preocupação quando não recebeu nada senão aquele cartão-postal hospitalar que lhe mandei, mas eu não estava em condição de escrever muito. Agora me sinto imensamente melhor e achei que você merecia mais explicações.

Eu estava trabalhando numa rota que levava a um posto perto da trincheira da retaguarda. Perto o bastante para se “sentir o cheiro do inferno”, como dizem. Por causa do bombardeio pesado, os *blessés* ainda não tinham sido levados para esse posto específico, por isso fiquei esperando no abrigo subterrâneo. Em pouco tempo, vi os maqueiros lutando para atravessar a colina perto do abrigo. Ela é um tanto arriscada, porque fica plenamente visível para as armas dos boches. Era noite de lua, e houve um breve momento em que os maqueiros e a padiola ficaram iluminados lá no alto. Tempo suficiente para abrirem fogo.

Vi a padiola tombar e subi o morro correndo. Um dos maqueiros estava caído, mas o *blessé* parecia bem. Puxei o maqueiro ferido para um ponto mais baixo do morro e, depois disso, ajudei o outro sujeito com a maca. Tornaram a disparar contra nós. Um projétil atingiu um ponto muito próximo, perto o bastante para me deixar com estilhaços no ombro e no pé direito. De alguma forma, conseguimos pôr o *blessé*, o maqueiro ferido e eu na ambulância, embora eu estivesse sem condições de dirigir.

Meus ferimentos não eram muito graves, mas contraí uma infecção e tive muita febre. Fui deslocado para um ponto mais distante, até acabar aqui, em

Paris. Sinto muitíssimo, Sue. Sei que você deve ter ficado preocupada ao receber aquele cartão-postal que dizia que eu estava internado. Eu estava impossibilitado de escrever. Os médicos franceses puseram tubos no ferimento, para drenar a infecção, e passei algumas semanas sem poder mexer o braço. E nenhuma das minhas enfermeiras falava uma palavra de inglês, de modo que eu não podia nem ao menos ditar uma carta. Meu ombro ainda está bastante dolorido e escrevo esta carta em breves etapas. Nos meus sonhos febris, no entanto, você sempre esteve presente, sentada junto a mim.

Do seu

Davey

P.S.: Por favor, por favor, por favor, mande alguns livros! Não sei ao certo quanto tempo ainda permanecerei no hospital, mas estou quase subindo pelas paredes por falta de qualquer coisa interessante para ler.



HOTEL RÉPUBLIQUE, PARIS, FRANÇA

6 DE MAIO DE 1916

Minha querida e engraçada garota! Quando pedi livros, a intenção era que você apenas os pusesse no correio. Mas Louisa May Alcott? Você *realmente* pegou qualquer coisa em que pudesse pôr a mão, ao sair correndo porta afora. Mas o que não consigo imaginar é como conseguiu fazer uma viagem de trem de mais de dez horas sem nada além de *A rapaziada de Jô* para ler. Mas, falando sério, Sue, é nisso que dá você sair de casa correndo, sem absolutamente nenhuma bagagem! Nem mesmo um par de meias limpas. Ainda bem que lhe emprestei um par das minhas. Sei que você as devolverá um dia.

Você está sempre no meu pensamento, mas revê-la em pessoa e sorvê-la, como se fosse o mais doce remédio do hospital inteiro... isso me deu a sensação de ser um homem novo. Os médicos e enfermeiras podiam bem estar distribuindo água de cevada, em comparação a você. Meu tônico pessoal.

Partirei de volta para o Lugar Três amanhã. Então escreverei mais. Queria apenas que houvesse uma carta à sua espera quando você chegasse em casa.

Davey



EM ALGUM LUGAR DO CANAL DA MANCHA

6 DE MAIO DE 1916

Davey, Davey. Você não precisava levar um tiro para chamar minha atenção! Sabe que eu o amo de qualquer jeito. Acho que foi um stratagema muito ardiloso para me fazer entrar num barco. Se eu não tivesse visto provas contrárias com meus próprios olhos, jamais acreditaria que você tinha estado tão doente quanto sugeriu.

Sua aparência era tão patética, meu amor, estirado naquele catre de hospital, que me deixou carregada de preocupação quando o avistei pela primeira vez! Tão magro e pálido sob aquele lençol, com as ondas do cabelo caídas no travesseiro, que quase irrompi em prantos. Mas então você abriu esses seus olhos cor de montanhas e disse “Aí está você”, como se estivesse à minha espera, e compreendi que estava bem. Fiquei surpresa por lhe darem alta tão depressa, mas talvez eles quisessem se livrar de você, depois de tanto tempo. Se bem que, com os comentários que você ficou sussurrando no meu ouvido ruborizado, não é de admirar. As enfermeiras são *freiras*, Davey. É sorte sua não falarem uma palavra de inglês.

Não que precisássemos de palavras, depois de entrar naquele quarto de hotel. Os seus beijos bloquearam as minhas com muita eficiência, como tinham feito em Londres. Com muita eficiência. Nem por um instante eu desejaria evitar qualquer parte daquela longa noite emaranhada, mas, meu querido, se soubesse quanta dor você sentiria na manhã seguinte, talvez houvesse hesitado. Ou, no mínimo, comprado uma segunda garrafa de conhaque.

Ah, eu gostaria que pudéssemos ter tido mais do que aquela noite! Gostaria que pudéssemos ter nos escondido naquele quarto tanto quanto da última vez. Nove dias para trocar beijos, comer laranjas e só planejar dormir. Mas sei que você precisava se apresentar. Sei que tinha de voltar para aquela sua ambulância. Deixá-lo partir de novo, apenas meio dia depois de tê-lo de volta em meus braços – ah, Davey, foi incrivelmente difícil. Mas você tem razão. Eu me preocupo tanto com o nosso “amanhã”, com toda e qualquer despedida, que não aproveito o “agora”.

Haverá o bastante com que nos preocuparmos no futuro. Não faço ideia do que o amanhã dirá sobre Iain. Não faço ideia do que o amanhã dirá sobre coisa alguma. Mas você se sentou naquela cama, com o peito nu e lindo, e *aqui*. Davey, você é o meu “agora”.

Num momento em que me sinto tão insegura, a confiança me tranquilizou. Mas acho que vê-lo era o único tônico de que eu precisava. Eliminou todas as dúvidas e inquietações.

Devo estar de volta a Skye dentro de alguns dias. Desta vez irei direto, sem parar em Edimburgo. Escreverei mais quando chegar em casa. Queria apenas que houvesse uma carta à sua espera no Lugar Três.

Com todo o meu amor,
Sue



LUGAR TRÊS
9 DE MAIO DE 1916

Sue,

De volta ao Lugar Três. Encontrei suas outras cartas à minha espera, as dos dias 12, 22 e 25. Você estava mesmo tão preocupada? Fiquei realmente comovido. Eu devia me ferir com mais frequência. Além de funcionar tão bem fazê-la me perdoar e admitir quanto me adora, isso trouxe ainda o bônus de me permitir ver seu lindo rosto mais uma vez. E, depois de você me tirar daquele hospital sinistro, veio o *outro* bônus, que (para ser bastante franco) provavelmente fez mais mal do que bem ao meu pobre corpo depauperado, mas deixou minha mente num estado que é uma perfeita bênção.

Ainda não estou no meu estado normal, mas tenho passado melhor. Recebi uma condecoração por meus atos. E o mais extraordinário (pelo menos na nossa seção) é que finalmente ganhei um apelido! Isso é muito importante entre nós, pois significa que o sujeito se “pôs à prova” e realmente faz parte do grupo. Já lhe falei de Plínio e Esquiva. Harry já é apelido – você acredita que o verdadeiro nome dele é Harrington? Temos também, no pelotão, Caroço, Jersey, Mosquito, Engenhoca, Pinote e Verruga. Não me pergunte de onde

vieram todos esses nomes, pois nem tenho certeza se eu seria capaz de dizer! Fui apelidado de Coelho. A rapaziada diz que dou tanta sorte em todas essas vezes que escapo por um triz que é como se carregasse um pé de coelho. Não seria meu pé direito, é claro, mas o esquerdo saiu ileso – e, afinal, não é esse o da sorte?

Do seu Coelho Sortudo (sempre!)



ILHA DE SKYE

15 DE MAIO DE 1916

Davey,

Não vá se ferir de novo! Nem mesmo com uma farpa no dedão do pé. Está me ouvindo? Se for ferido, não tornarei a ir a seu encontro. Jogarei na lareira todas as cartas que me mandar e ignorarei seus gritos pueris pedindo atenção.

Você não me havia contado isto: faz parte do seu trabalho subir colinas perigosas para buscar maqueiros? Em todo este tempo, consolei-me pensando que você estava seguro, brincando de chofer bem atrás das linhas. E agora você me diz que não só dirige até a zona de perigo como *sai do seu veículo!* Por favor, prometa que não fará isso de novo.

Recebi finalmente o cartão-postal que você mandou ao dar entrada no hospital. O fato de ele haver chegado aqui quase um mês depois de ter sido enviado não recomenda muito o serviço postal. Se eu houvesse recebido aquele cartão quando era sua intenção que eu o recebesse, teria ido ao seu encontro ainda mais cedo. Maldito Correio!

Voltei a Skye e constatei que meu novo chalé está pronto. É provável que ele não lhe pareça grande coisa, mas para mim é um palácio. Dois andares, piso de madeira, uma chaminé em cada extremidade da casa, janelas com vidraças e uma porta que tranca! Luxos incríveis, pode acreditar. Aqui vai um pequeno esboço dele.

Finlay andou ajudando por lá, trabalhando na construção. Desde que recebeu a prótese da perna, aos poucos vem conseguindo encontrar uma dose moderada de paz. Papai achou uns pedaços grossos de madeira lançada à costa e Finlay os

encaixou para formar uma moldura para a lareira da minha sala de estar. Depois disso, entalhou sereias e mulheres-focas e espíritos em todo o contorno dela. É bem o console de uma ilha. O console de uma garota que, ao dominar seus medos, dominou o mar.

Mas o pobre Finlay tem andado muito melancólico. Não é só a perda de Iain que ele chora. As coisas andam azedando com a namorada, Kate. Desde que Finlay voltou, ela tem passado cada vez menos por aqui. Meu irmão ainda se agarra à esperança de que ela volte e se acostume com sua perna, tal como ele teve de se acostumar. Mas não tenho tanta certeza. Quase todas as vezes que vou ao correio, eu a vejo, e com envelopes encharcados de perfume. Não consigo me dispor a contar ao Finlay. Ele desmoronaria, Davey.

Estou retornando ao meu terreno, para começar a fazer a mudança das coisas para o chalé. Sei que a roupa de cama precisa de uma boa lavada e que o colchão tem que ser arejado. É provável que uma boa esfregada também faça bem a todo o resto, antes de ir para a casa nova e limpa. Porei esta carta no correio no caminho para lá.

Já com saudades,

E



LUGAR TRÊS

22 DE MAIO DE 1916

Sue,

Está bem, prometo solenemente. Você não terá mais nenhuma notícia de que fiz tamanhas idiotices. Juro. Isso serve?

As coisas andam diferentes por aqui. Eu lhe contei que receber um apelido é como um rito de passagem, para fazer do sujeito parte da rapaziada. Isto realmente parece ter modificado minhas relações com todo mundo. Os rapazes sempre foram afáveis comigo, mas eu não era íntimo de nenhum, com exceção de Harry. Sentia uma necessidade constante e incômoda de competir com eles e superá-los. Agora, porém, percebo que estamos todos do mesmo lado. Talvez eu

até ganhe um ou dois amigos.

Isto é novidade para mim. Eu sei, eu sei, é difícil acreditar que, com minha personalidade cativante e meu senso de humor infalível, eu não fosse o sujeito mais popular do campus, porém sempre fui um daqueles que têm muitos conhecidos e poucos amigos. Agora sinto a tal camaradagem sobre a qual sempre li.

Ontem à noite, li uns poemas de Darley e me ocorreu que há algum tempo não a ouço falar da sua poesia. Sei que a andei fazendo correr de uma ponta à outra do país, mas você tem conseguido encontrar tempo para escrever?

Outro dia, rabisquei um pequeno conto de fadas sobre uma princesa com uma coroa mágica que a faz viajar e o mandei para Florence, mas, depois de enviá-lo, fiz as contas e percebi que agora ela tem uns 4 anos. Será que está crescida demais para os contos de fadas do tio Dave? Do que gostam as meninas de 4 anos? Ela está aprendendo a desenhar e me manda os desenhos mais malucos (acompanhados, felizmente, pela descrição escrita do Hank). O último intitulava-se “Mamãe e as galinhas e o gato da tia Sally à beira-mar”.

Estou escrevendo isto durante o almoço – um guisado desolador, feito principalmente de nabo e repolho, ao que parece – e pensando em quando jantamos no Carlton. Pato feito no vapor, ostras, seu primeiro gole de champanhe. Ainda consigo visualizar seus olhos se iluminando diante das sobremesas. Nem acredito que você pediu todas elas! Isso parece ter sido há séculos, embora não tenha passado mais de um semestre. Metade de um ano, metade de uma vida. Não parece haver muita diferença entre as duas coisas quando você e eu estamos afastados.

Lembra-se do que você me disse ao nos encontrarmos pela primeira vez, na estação King’s Cross? As primeiras palavras que pronunciou? Você veio deslizando e, enquanto eu pensava em alguma observação espirituosa para fazer, disse: “Aí está você.” Penso nisso muitas vezes, Sue. Aqui estou. Não importa onde eu esteja no mundo, “aqui estou”.

Davey



Davey

Estou na minha casa e embarquei num pequeno projeto. Toda pintada de branco, a construção era uma tela tentadora demais, e por isso comprei todos os pigmentos que consegui encontrar em Portree e venho embelezando a parte externa. Empoleiro-me na escada, com os bolsos cheios de pincéis e potes, um pedaço curvo de madeira equilibrado no telhado, para servir de paleta, e deixo a imaginação e as lembranças fluírem por meus dedos. Tenho certeza de que isto parece uma bobagem a qualquer barco que passe ou às pessoas que caminham do outro lado do lago, mas tudo se encaixa na minha cabeça. Cada espiral de cor, cada pincelada é um tributo a nós.

Finlay terminou meu console, que é realmente uma obra de arte. Um capricho imenso, até os mais ínfimos detalhes. Bem no centro há uma princesa encantada cujo rosto é notavelmente parecido com o de Kate. Eu disse a meu irmão que ele estava desperdiçando seu tempo em Skye, que deveria estar na Escola de Arte de Glasgow, estudando escultura. Não devia ficar definhando aqui, como eu, desperdiçando sua arte em chalés de lavradores. Agora que não sai mais nos barcos, já não está preso à ilha como o resto de nós. Pode partir para o mundo, como sempre sonhamos quando éramos crianças.

A bem da verdade, quero que ele vá embora daqui; quero que pare de pensar em Kate. Quando despachei minha última carta para você, vi a moça no correio. O vento que vinha da porta aberta arrancou uma carta das suas mãos e eu a peguei para ela. Ah, Davey, estava endereçada a Willie. A coisa toda fedia a perfume barato. Ela viu que eu notei, mas, descarada e arrogante como é, levantou o nariz e se recusou a dizer palavra. É provável que eu devesse ter contado ao Finlay imediatamente, dito que Kate o vem enganando o tempo todo com nosso próprio irmão, mas, ah, não consegui. Não agora, que ele parecia enfim estar encontrando um pouco de paz na vida.

Mas acho que talvez ele já saiba. Willie veio para casa de licença, na semana passada, emproado como um pavão, brindou-nos com histórias de batalhas corajosas e se retirou às pressas. Alcancei-o do lado de fora do chalé, indo em direção a Portree. Falei-lhe que sabia da Kate. Sabia que era ela a moça com

quem ele vinha saindo e que ele devia parar com isso, em consideração ao Finlay. Willie apenas riu e disse que um marido não fora suficiente para me impedir, e que, de qualquer modo, eu lhe dissera que não havia nada de errado em seguir a voz do coração. Que ele só estava levando isso adiante porque eu vinha fazendo a mesma coisa. Que éramos iguais.

Davey, o que ele está fazendo parece muito errado. E vejo Finlay despedaçado com isso. Dias depois, Willie foi ajudá-lo no meu chalé. Voltou para casa com o nariz sangrando, e o Finlay só apareceu no dia seguinte. Ele deve saber. Como poderá perdoar qualquer um dos dois?

E, segundo Willie, tenho feito a mesma coisa com Iain, o tempo todo. Pensando mais em mim do que nele. Todos aqueles dedinhos de culpa que volta e meia me alcançam vieram me atacar com força total, depois das palavras de Willie. Além de ser dissimulada e infiel, levei meu irmão a agir do mesmo modo. Causei uma ruptura em mais do que o meu casamento. Causei uma ruptura na minha família.

Eu poderia ter dado um conselho diferente ao Willie. Poderia ter falado com Finlay sobre a carta de Kate quando tive oportunidade. Mas não fiz nada, e agora meus dois irmãos não se falam.

E por trás disso tudo estão meus próprios atos. Se eu não tivesse feito o que fiz com Iain, Willie nunca se sentiria justificado em suas decisões. Minha família ainda estaria unida.

Davey, meu amor, meu menino, isto tem que parar. Tenho que parar. E, acredite, meus dedos não querem escrever estas palavras. Porém não posso mais fazer isto com Iain. Quando o encontrarem, quando ele vier para casa, tenho que lhe contar. Tenho que acertar as coisas com ele, antes que possa haver qualquer relação entre nós. A situação já não estava boa entre mim e Iain; com certeza ele não discordará. Mas tenho que lidar com isto da maneira certa, Davey, ou talvez jamais consiga me perdoar.

É por isso que tenho pintado a nossa história na lateral da minha casa. Um lembrete do que existiu. Um memorial para nós, feito com pincel e tinta.

Por favor, compreenda. Saiba que amo você, mas, por favor, compreenda.

Elsbeth



LUGAR TRÊS

8 DE JUNHO DE 1916

Sue,

Você não sabe quanto eu temia essa sua carta. Sabia que ia chegar, um dia, mas tinha medo assim mesmo.

No dia em que respondeu minha carta dizendo que também me amava, Sue, você virou meu mundo de pernas para o ar. A vida nunca mais foi a mesma para mim, depois que li aquelas palavras. Mas sua última carta fez virar tudo de novo, e estou mais zozinho do que antes. Não durmo desde então.

Eu poderia implorar que você não me deixasse. É exatamente isto que o menino egoísta dentro de mim deseja fazer. E, no fundo, acho que é isto que você quer que eu faça. Mas tudo o que tenho feito aqui é um esforço para me provar um homem digno de você, digno de seja o que for que temos. Um homem assim não a afastaria daqueles a quem você ama. Não despedaçaria seu mundo.

Só o que peço, porém, é que você reflita um pouco mais. Não me afaste ainda. Tudo isso veio muito de repente. Eu não a prenderia a algo que você não quisesse, mas me dê mais tempo. Deixe-me ficar com você um pouco mais. Até que Iain regresse, por favor, fique comigo.

Sempre,

Davey



ILHA DE SKYE

19 DE JUNHO DE 1916

Querido Davey,

Recebi uma carta formal do Ministério da Guerra. Como não houve mais notícias, lamentam ter de considerar o soldado Iain Dunn morto em combate.

Eu soube no instante em que ouvi a batida na porta. Nem abri a carta de

imediatamente, apenas a coloquei sobre o console da lareira entalhado por Finlay. Engraçado, meu primeiro pensamento foi nele, em como Finlay ficaria arrasado com esta notícia. Eu tinha de me preparar. Tinha que poder apoiar meu irmão.

Não dormi nada desde que a carta chegou. Passei a noite no chalé antigo, separando os pertences de Iain. Ele deixou muito pouco, indícios escassos de que um dia existiu esse homem. Não consegui tirar nenhum dos objetos dos lugares onde ele os havia posto. Esquecido numa prateleira do velho chalé, um almanaque náutico de 1910 – será que ele algum dia o leu? – e um cachimbo entalhado. Antigamente, à noite, enquanto eu me sentava para rabiscar meus textos, Iain ficava esculpindo. Aprendera com Finlay, eu sei. Ainda me lembro dos dois quando meninos, sentados na praia, as cabeças abaixadas e unidas, desbastando pedaços de madeira trazidos pela maré, para esculpir bonecos e piões para mim. Nos últimos anos, ele havia começado a pescar em águas mais profundas, ficava fora no barco a noite inteira. Eu dizia a mim mesma que era por estar cansado de não fazer nada além de esculpir e olhar para o fogo, todas as noites. Agora, simplesmente não sei.

Ele tinha um pequeno baú de roupas, embora tenha saído pela porta vestindo praticamente tudo o que possuía. Não restava nada no baú, além de duas camisas azuis muito remendadas, que eu tinha feito logo ao nos casarmos. Eram entusiasticamente assimétricas, mas ele nunca se queixou, só fazia trazê-las para que eu as remendasse quando os remendos antigos se esgarçavam. Ainda tenho um pedaço daquele tecido azul em algum lugar. É incrível que as camisas tenham durado mais do que nós.

Enfiado no fundo do baú estava um pente de madeira quebrado. Iain sempre usou o cabelo muito comprido. Dizia gostar de sentir o vento soprá-lo em sua testa quando estava no mar. Na noite anterior à partida, ele se sentou diante da lareira, apenas de calças, e cortou o cabelo bem curto. Na hora, pensei em recolhê-lo e enfiar as mechas entre as páginas de Byron, mas ele jogou tudo no fogo. Eu não era tão sentimental assim, de qualquer modo.

No fundo do baú encontrei uma caixa de biscoitos amassada, com uma crosta de sal e emperrada pela ferrugem. Devia morar na sacola de pesca, antes que ele a esvaziasse e a arrumasse para ingressar no exército. Tive de fazer uma alavanca com a faca de carne para abri-la. E, ah, Davey! Lá dentro, um exemplar do meu primeiro livro, *Ondas em Peinchorran*. Ainda não éramos

casados quando o dei a ele, e não sabia se ele o tinha lido em algum momento. As páginas tinham manchas de água e, bem no centro, no poema sobre as noites de verão, havia uma mecha encaracolada do meu cabelo. A lápis, ele havia sublinhado o trecho “cálido como o hálito em meu rosto”. Junto com o livro estava um chocalho de bebê, esculpido em madeira.

Desde então, estou sentada aqui, embrulhada num suéter dele, olhando fixamente para o fogo. A *Màthair* passou aqui ontem e estalou a língua ao me ver suando em bicas diante das chamas, com um suéter de lã. Trouxe água para eu tomar um banho e se pôs a preparar uma torta de peixe. Enquanto a torta assava, ela me ajudou a lavar a cabeça e perguntou: “É culpa o que você está sentindo?”

Como é que eu podia lhe explicar que não era culpa por amar você, mas culpa por não ter amado Iain o bastante? Explicar que, durante todo o tempo que passei achando que ele estava se afastando de mim, ele não estava. Saía para pescar arenques no Minch, mas levava junto um pedaço de mim. Sempre me mantinha perto.

Sinto-me muito vazia, Davey. Na ocasião em que recebi a outra carta, quando soube que ele havia desaparecido, eu disse a mim mesma que Iain estava morto e derramei minha cota de lágrimas. Por que haveria de fazer algo diferente? A esperança é inútil nessas ocasiões. A esperança só nos prepara para a decepção.

Davey, não sei fazer isto. Ficar de luto. Não derramei uma lágrima quando a carta chegou e ainda não chorei desde então. Não posso sair de casa, pois quem compreenderia? Lá vai a viúva dele, a que se recusa a chorar. Lá vai a viúva dele, a que não se importa.

Mas eu me importo. Ele era meu marido. Como poderia não me importar?

Não sei o que espero que você diga. Não tenho completa certeza da razão por que estou escrevendo, exceto que é isto que sei fazer. A *Màthair* me disse para não parar. Ela me disse para continuar a escrever para o “meu americano”, que não havia melhor maneira de me fazer seguir em frente.

Por favor, não me deixe, Davey.

Sue

Capítulo 18



Margaret

BEAGAN MHILTEAN, SKYE

SÁBADO, 31 DE AGOSTO DE 1940

Querido Paul,

Depois de me achar em Seo a-nis e de me levar para sua casa, vovó percebeu as perguntas em meus olhos. Mas protelou. Disse que poderíamos conversar no dia seguinte. Tinha uma panela grande de sopa de aveia cozinhando no fogo e me instalou à mesa, de frente para meu avô e meu tio Willie, dois homens tão desgastados pela ação do tempo quanto as falésias. Vovó manteve aqueles olhos argutos de corvo cravados em mim, mas vovô passou toda a refeição sem olhar para muito mais do que a parte interna das suas pálpebras.

Sem nenhum som além do crepitar da lareira e das batidas das colheres nas tigelas, esperei que vovó dissesse alguma coisa. Uma mulher muito miúda, mas muito intimidante. Ela havia me enxugado e me dado um suéter velhíssimo e um par de calças do vovô para vestir. Minha roupa ficou secando calmamente diante do fogo. Pouco à vontade estando em um lugar estranho, usando roupas de um estranho, esperei que vovó tomasse a iniciativa.

Tio Willie tagarelou durante toda a refeição, com histórias sobre Skye, perguntas sobre Edimburgo e toda uma série de piadas horrorosas. Sobre ele mesmo ou sobre minha mãe, não disse nada. Pela boca cerrada e os olhos espremidos de vovó, percebi que Willie era a decepção da família. Solteiro, inculto e até hoje ocupando espaço na casa dela.

Durante toda a falação de Willie, vovó se manteve em silêncio, observando-me. Uma batalha de forças de vontade, e a velha senhora foi a mais teimosa de nós duas. Por fim, desisti e perguntei como ela soubera que eu viria. Num lugar como Skye, eu era perfeitamente capaz de acreditar em premonições.

– Finlay me escreveu.

A colher de Willie caiu com estardalhaço na tigela:

– Finlay escreveu?

– Pela primeira vez em uns vinte anos – retrucou ela, com um lampejo de satisfação nos olhos. – Disse que a filha de Elspeth o havia localizado e que, se continuasse com a mesma persistência, em dois tempos estaria na minha porta.

– Por que a senhora não me disse que ele escreveu?

Vovó lhe lançou um olhar furioso:

– O simples fato de você morar na minha casa e comer a minha comida não significa que eu lhe conte tudo, Willie Macdonald.

Willie nem sequer pareceu desgostoso:

– Ele é meu irmão.

– Mas não escreveu para você.

Willie empurrou a cadeira para trás e saiu da cozinha sem pedir licença.

Que decepção! Minha primeira noite aqui e já no meio de uma briga de família.

– Finlay contou que você andou perguntando coisas sobre quando Elspeth era jovem – disse vovó. – Que você queria conhecer a vida de sua mãe antes do seu nascimento.

Assenti com a cabeça.

– Ele não quis me dizer muita coisa.

– Finlay é tão teimoso quanto Elspeth, com certeza. Todos estes anos, um esperando o outro pedir desculpas. – Ela raspou o restinho da sopa de aveia da panela e pôs na minha tigela. – Os dois eram mais parecidos do que admitiriam, desde crianças. Eram os nossos sonhadores, ambos sempre insatisfeitos com a vida rústica. Ambos ansiando por conhecimento. Liam e reliam tudo o que passava por suas mãos. Os dois mantinham os olhos no horizonte, como se buscassem um modo de tocá-lo. E, quando entregaram o coração, os dois o perderam para sempre.

Lembro-me exatamente do que ela disse, porque a fiz repetir sua fala e depois a anotei, no instante em que isso foi possível.

– Mas a diferença é que a poesia estava apenas na alma de Finlay. E estava bem nas pontas dos dedos de Elspeth – acrescentou, recolhendo as tigelas e

empilhando-as ruidosamente. – Agora, para a cama, Margaret Dunn. De manhã eu lhe darei o tal “primeiro volume” da biografia de sua mãe.

Aqueles olhos negros não admitiam discussão e compreendi de onde a mamãe herdou sua teimosia.

Quando acordei de manhã, o chalé estava em silêncio; todos haviam saído para fazer suas tarefas pela propriedade. Na mesa da cozinha havia um prato de broas de aveia fresquinhas, um pote de geleia e uma pilha alta de livros de poesia de borda dourada. Todos escritos por minha mãe.

Paul, eu não fazia ideia. Sabia que havia poesia na alma dela, mas não que um dia isso houvesse fluído diretamente para a página. Minha mãe, uma poetisa!

Passei a semana inteira lendo e relendo a pilha, construindo uma imagem dela através de fragmentos de poesia. A alegria, a luz do sol, o mar. O amor se elevando às alturas, o amor desaparecendo. O amor rasgando-a ao meio. E começo a compreender o que ela está sentindo em sua perambulação por Londres. É que na poesia dela vejo alguns desses fantasmas.

Com amor,

Margaret



LONDRES, INGLATERRA

24 DE AGOSTO DE 1940

Prezado senhor ou senhora,

Muitos anos atrás, um rapaz chamado David Graham ocupou um quarto em seu endereço, quando era aluno da Universidade de Illinois. Sei que isso foi há muito tempo, mas agradeceria qualquer informação que lhe for possível fornecer.

Se dispuser de alguma pista sobre o paradeiro dele depois de sair de Urbana, Illinois, poderia fazer a gentileza de entrar em contato comigo? Queira escrever para mim no Hotel Langham, em Londres. Agradeço de antemão.

Atenciosamente,

Sra. Elspeth Dunn

Capítulo 19



Elspeth

LUGAR CINCO

30 DE JUNHO DE 1916

Querida Sue,

Sue, VOCÊ NÃO FEZ NADA DE ERRADO. Não há nada de impróprio no seu modo de reagir à morte de Iain. E como é que alguém se atreve a tentar fazê-la sentir outra coisa? Chore se quiser. Ou cante, se preferir. Use o vestido preto para ir à igreja, mas troque-o por um amarelo-vivo quando estiver em casa. Se quiser ficar sentada transpirando diante do fogo, faça exatamente isso, ora. Mas depois, na manhã seguinte, saia descalça para dar uma caminhada no frescor do orvalho.

Não se deixe desmoronar por dentro, nem por um segundo. Você não sabe a força vibrante que é neste mundo. Não foi feita para ficar de luto. Você foi feita para viver e amar. Enquanto viver, você estará prestando sua homenagem a ele. Enquanto ainda o amar, estará rendendo homenagens a ele. Apegue-se a isso, Sue.

E lembre-se, “aqui estou”. A um simples envelope de distância.

David



ILHA DE SKYE

7 DE JULHO DE 1916

Meu cavaleiro,

Mesmo quando você acha que não tem nada a dizer, aparece com as palavras

perfeitas. É claro que eu ficaria animada só por ver um envelope sujo endereçado pelos seus garranchos, mas as suas palavras dentro dele funcionam como um bálsamo para o meu coração em carne viva.

Não tenho um vestido amarelo, mas na volta do correio não pude deixar de tirar o chapéu e prender no cabelo um ramo de miosótis azuis. O dia estava tão lindo, sonolento e morno que me fez lembrar o dia do meu casamento. Você sabia que eu teria feito oito anos de casada na semana que passou? Colhi mais alguns miosótis, umas saxífragas amarelo-vivas, uns amores-perfeitos e umas silenes-vermelhas e fiz um pequeno ramalhete usando a fita do meu chapéu. Depois, levei-o ao local onde Iain e eu costumávamos brincar quando crianças e o pus no alto da colina encantada em que ele me deu meu primeiro beijo. Não consegui pensar num lugar melhor para lhe erguer um memorial.

Quando eu estava parada lá, tentando me lembrar desse homem que não via fazia quase dois anos, desse marido que de repente se tornou um completo estranho para mim, a questão de eu ainda amá-lo ou não voejou solta pelo meu pensamento.

Acho que sempre gostei de Iain, de um modo ou de outro. Eu lhe disse que o conhecia havia muitos anos. Desde a afeição infantil até a “paixonite” da adolescência. Desde o amor acanhado que chega com a idade adulta até o amor cômodo do casamento. Portanto, sim, eu ainda o amo. Acho que não posso imaginar *não* amá-lo, de tanto tempo que o faço.

É engraçado você perguntar pela minha poesia. Havia muito que eu não escrevia nada, desde o Natal. Tentei escrever alguma coisa ontem à noite, como uma forma de discernir meus sentimentos, mas soou tudo muito artificial. Minhas palavras não fluíam como quando eu estava com você. Lembra-se do poema que escrevi em Londres sobre você esparramado na cama, com um braço caído sobre o rosto? Aquele movimento já era um poema em si. As palavras estavam ali – só tive de colhê-las no ar e prendê-las à página. Mas ontem à noite... simplesmente não consegui. Será que minha musa se foi? Será que nunca mais poderei escrever?

Por mais estranho que pareça, dadas as circunstâncias, sinto-me melhor por ter falado de Iain, quase como se as minhas palavras aqui fossem um elogio fúnebre. Ao falar dele, ao depositar aquele pequeno buquê, tive a sensação de estar fechando (delicadamente) uma porta. Mas, quando se fecha uma porta,

tudo o que resta é abrir outra.

Sue



LUGAR SEIS

15 DE JULHO DE 1916

Sue,

Você parece estar bem. Eu sabia que descobriria o que precisava fazer.

Tornamos a nos deslocar. Sinto-me como um cigano, morando na traseira do meu calhambeque, sem nunca me deitar num lugar por tempo suficiente para deixar uma marca no chão. Estamos de novo oficialmente *en repos*, portanto a uma boa distância atrás das linhas, mas ainda fazendo uma ou outra evacuação, em geral de doentes (*malades*), e não de feridos (*blessés*).

O Lugar Seis é um dos mais lindos que já vi na França, mais embelezado ainda pela tranquilidade e o alívio que nos oferece. Quisera poder pegá-la pela mão para mostrá-lo a você. Ficamos num pequeno vale logo além da cidade, verdejante e salpicado de flores. Depois de passarmos tanto tempo sentindo cheiro de pólvora e sangue, além do odor enjoativo e adocicado da infecção, é impossível nos fartarmos do aroma da relva fresca e das flores silvestres. Aqui vai uma papoula para você, Sue. Imprense-a entre as folhas do seu *Huckleberry Finn* e guarde-a para mim.

Eu me lembro de quando você escreveu aquele poema em Londres. Sue, será que você poderia mandá-lo para mim? Yeats e Shakespeare vão muito bem, obrigado, mas anseio por um pouquinho de Elspeth Dunn original.

Já notou que não me preocupo quando você diz que nunca mais vai escrever? Você pensou a mesma coisa logo depois que eclodiu a guerra, e continuou a escrever. Foram textos mais sombrios, mais pensativos, porém ainda assim foi um material. Sei que você escreveu muito quando estivemos em Londres. Sua musa não a abandonou, Sue. Tenha paciência.

E você não parou de escrever, não importa o que diga. Suas palavras não se tornaram artificiais. Você continua a escrever para mim, e não me lembro de

que tenha escrito algo mais natural e franco do que as ideias que põe nestas cartas.

Ah! Lá vem a chamada para o rango. Tenho que parar, por enquanto, mas gostaria de lembrar-lhe de que há uma pessoa na França pensando em você.

David



ILHA DE SKYE

22 DE JULHO DE 1916

Davey,

Ontem fiquei muito pensativa. Enquanto cuidava dos meus afazeres, não pude parar de refletir sobre o que significa ser casada. As expectativas que a comunidade tem em relação à pessoa. As expectativas que ela mesma tem. Ainda não entendi direito o que significa ser viúva. Não sei o que me é permitido sentir ou fazer.

Tenho certeza de que a mãe de Iain acha que eu deveria passar o resto dos meus dias de luto, rezando por ele todas as manhãs e acendendo uma vela por ele todas as noites. Quando me ajoelhei no jardim, ponderando sobre isto, comecei a achar que era assim que eu deveria estar agindo.

Então sua carta chegou e eu me lembrei de que, dos homens da minha vida que me amaram a distância, ali estava um que continuava bem, são e salvo.

Tratei de desencavar aquele poema e copiá-lo para você. Num átimo, as palavras me trouxeram de volta aquela tarde preguiçosa. Lembrei-me de quando o observei na cama, com seu ar muito descontraído, muito feliz. Não havíamos comido, mal dormíamos em dias, mas você estava perfeitamente satisfeito. Lembra-se de como me deu laranjas da fruteira, partindo-as com os dedos? Não sei o que tinha o sabor mais doce, se as laranjas ou você.

O poema me fez lembrar não apenas aquela tarde, mas também que estou apaixonada por você há muito tempo. Em vez de passar minhas horas chorando alguém que jamais voltará, posso ansiar por alguém que vai voltar. Se eu rezar uma prece todas as manhãs, Davey, será por você, uma prece para que esta guerra acabe logo e eu possa tê-lo ao meu lado.

E

REPOUSO

Deita-se quieto, banhado em luz,
Em todos os músculos um toque dourado.
Tronco vergado, pernas estendidas,
A cama acaricia, o lençol embolado.
Ele relaxa – franco, nu.
O corpo sincero, sem fingimento.
Dedos que antes apertavam agora afagam,
Relaxam os músculos, tensos há um momento.
O braço pende sobre a fronte,
Os olhos semicerrados, os cílios adejando.
Ele respira e suspira, um som sereno.
Vem para cá, ouço-o murmurando.
Ele se espreguiça, bocejando – leonino.
A pose lânguida retomando.
A mão chama lentamente
E me uno a ele, repousando.



LUGAR OITO

31 DE JULHO DE 1916

Sue,

Temos pulado de um lado para outro, mas continuamos inativos. Estamos acampados no terreno de uma quinta maravilhosa, com as tendas montadas bem no jardim cercado de árvores. Não há muito o que fazer, exceto uma ou outra corrida para buscar um *malade*, e por isso vimos relaxando, lendo, caminhando, passeando pela cidade vizinha. Há dias em que quase esquecemos que há uma guerra em andamento.

O seu poema também me trouxe recordações. Sim, eu me lembro de ter-lhe dado aquelas laranjas. O sumo escorria pelos cantos da sua boca e eu a limpei com beijos. Tomamos tantos banhos! Eu sei, você gostaria de ter levado aquela

banheira para casa, como um souvenir. Por mim, eu teria trazido as laranjas. Ou talvez as flores de que você tanto gostou em Piccadilly, aquelas que me disse que tinham o perfume das Terras Altas.

Não saia ainda comprando passagens de trem, mas acho que deverei receber uma licença no início de setembro. Temos direito a uma semana livre a cada três meses, mas posso pedir duas semanas depois de nove meses. Sete dias nem de longe são suficientes para ir daqui à Escócia e voltar (razão por que não fui mais longe que Paris, até o momento), mas duas semanas nos darão tempo bastante. Portanto, fique *en garde*, minha querida, porque, se tudo correr bem, irei vê-la em setembro. Quem sabe possamos nos encontrar em Edimburgo?

David



ILHA DE SKYE

7 DE AGOSTO DE 1916

Davey, meu Davey!

Será que sequer me atrevo a ter a esperança de vê-lo em setembro? Sei como os exércitos podem ser volúveis em matéria de licenças. Isso é daqui a apenas um mês – vou começar a tirar a poeira da mala! Sim, sim, desta vez eu me lembrarei de *levar* uma mala. Edimburgo seria ótimo. Fiquei encantada com a cidade. Ou podemos tornar a nos encontrar em Londres, se for essa a viagem mais fácil. Não quero desperdiçar um minuto da sua licença. Um dia eu o trarei a Skye, mas há tempo. Há tempo.

Minha mãe apareceu à minha porta na semana passada, com Chrissie e as crianças a reboque. Dada a escassez de alimentos em Edimburgo e o ataque do dirigível na primavera, Chrissie achou que os filhos ficariam muito melhor conosco em Skye. Ela e a *Màthair* se entreolharam e a *Màthair* disse: “Com todo esse seu espaço extra...” Portanto, aqui estou eu, brincando de “mamãezinha”.

Chrissie voltou para Edimburgo logo na manhã seguinte – as enfermeiras são por demais necessárias hoje em dia para que ela tire mais que uns dias de folga –, mas as crianças se acomodaram muito bem. Tenho apenas uma cama, e

Emily dorme nela comigo. Mamãe trouxe uns forros de colchões, que enchemos de feno e palha seca. Todos pareceram achar uma grande aventura sair em busca de uma planta chamada ruiva-dos-tintureiros para fazer os colchões. Emily é a única que talvez guarde uma lembrança de ter morado em Skye. Allie mal tinha vestido calças curtas quando eles foram embora, e Robbie era só um bebezinho. Na verdade, os meninos só conhecem a vida urbana e encaram toda essa viagem para ficar na casa da tia Elspeth, nas Terras Altas, como algo parecido com a viagem de Marco Polo à China.

Sei que a *Màthair* e Chrissie tiveram a intenção de me distrair, preencher meus dias e noites para eles não serem tão solitários. Não posso censurá-las por sua consideração. Mas elas não sabem que, desde que o correio me trouxe uma carta de um americano atrevido, num dia chuvoso de primavera, há quatro anos e meio, nunca mais estive sozinha. Amo você.

E



LUGAR NOVE

14 DE AGOSTO DE 1916

Querida Sue,

Quando estamos todos à toa, sem muito a fazer, sempre entramos em um de dois assuntos. Bem, um de três, eu deveria dizer. É inevitável que o tema garotas apareça pelo menos uma vez em qualquer conversa. Os que têm namorada sempre mostram as fotos dobradas e amassadas de suas pequenas em casa. Plínio, sempre espertinho, exhibe um cartão-postal francês malicioso, que comprou em algum lugar, e jura solenemente que aquela é a sua “namorada firme”. Sabe qual é a melhor parte? A cada vez é um cartão-postal diferente.

O outro assunto favorito nas conversas, como não chega a surpreender, é quando a guerra terminará. Somos sempre otimistas e, em geral, indicamos uma data vaga do desfecho, em algum momento perto do próximo grande feriado. Nesta época do ano, todos dizemos animadamente que a guerra estará terminada no Natal. Quando chegar janeiro, estaremos todos cruzando os

dedos para um final na Páscoa.

O terceiro que sempre aparece é o que faremos depois da guerra. Haja o que houver, essa visão do futuro começa, inevitavelmente, por um banquete capaz de rivalizar com qualquer coisa que se possa encontrar no Delmonico's. Pão com manteiga de verdade, suculentas sopas de mariscos, filés grossos feito um braço de homem, bolos, tortas e roscas doces, café com leite fresco, conhaque de qualidade. Por favor, desculpe as gotículas neste papel; estou babando.

Depois que nossos futuros eus se empanturram desse tão esperado banquete (e desgastam parte da refeição, talvez, com um pouquinho de exercício com as referidas “namoradas firmes”), eles têm de escolher uma carreira ou um caminho na vida. Nosso velho amigo Verruga não quer nada além de se casar com a namorada e dar início à produção do Verruga Filho. Plínio tem planos grandiosos de concorrer ao Legislativo nos Estados Unidos. Imagina-se um figurão, com um suprimento interminável de charutos e mulheres. Engenhoca – que é o melhor de todos nós na hora de consertar e mexer nos calhambeques – quer trabalhar para Henry Ford, projetando automóveis. Esquiva quer abrir uma loja e vendê-los. Harry vai voltar para sua Minna, na Inglaterra, e talvez se torne professor. Disse já ter visto mutilações e ferimentos suficientes aqui para perder a vontade de exercer a medicina.

Mas, na verdade, é tudo tagarelice vazia. Nada disso quer dizer coisa alguma. Falar do que vamos fazer quando sairmos disto é muito bom, mas é só conversa fiada, até realmente sairmos disto. Podemos conversar sobre nosso futuro hoje e perder esse futuro amanhã.

Bem, exceto o seu Davey. Você *sabe* que vou voltar para você, não é, Sue? Fiz um pacto faustiano para garantir o reencontro com a minha Sue. Xi, talvez seja antipatriótico falar em *Fausto*, hoje em dia. Se algum dos meus camaradas lesse isto, com certeza eu seria coberto de alcatrão e penas. MALDITA PORCARIA BOCHE! Pronto, talvez eles se concentrem no pedaço em maiúsculas e ignorem o resto.

Ah, estão nos chamando para começarmos a aquecer os calhambeques. Tenho que endereçar e entregar isto para que seja despachado.

Beijos,

D



ILHA DE SKYE

22 DE AGOSTO DE 1916

Querido Davey,

O que você lhes diz sobre a *sua* “namorada firme”? Já lhes contou que sou de uma beleza de tirar o fôlego? De uma inteligência incrível? A cozinheira que mais provoca água na boca neste lado da Muralha de Adriano?

Ah, Davey! Acabo de me dar conta de que, se tudo correr bem, este ano você comerá *em pessoa* o meu bolo de Natal mundialmente famoso! Terá concluído o ano para o qual se alistou. Está vendo? Para mim, não importa realmente se a guerra vai ou não terminar no Natal, porque eu, e não o American Field Service, terei você.

Você falou de todos os outros rapazes e das esperanças que eles têm para o futuro, mas não disse uma palavra sobre si próprio. Guardando segredo? Talvez seja “tagarelice vazia”, mas sei que você tem pensado nisso. Você é otimista demais, querido Davey, para *não* sonhar com o futuro. Vai me levar para jantar no Delmonico’s? Vai me ensinar a dirigir? Vai me levar a Michigan para esquiar? Vamos nos despedir de todos com um beijo e navegar ao redor do mundo? Desde que o conheci, já fiz mais coisas do que um dia imaginei que faria. Só no ano passado, estive em Londres, Paris e Edimburgo. Jantei no Carlton, dormi no Langham e fiz compras na Charing Cross Road. Sinto que poderia aprender a esquiar ou a dirigir. Com você a meu lado, posso enfrentar qualquer aventura.

Com o amor de sempre,

Sue



LUGAR DEZ

31 DE AGOSTO DE 1916

Sue,

As coisas andam muito movimentadas por aqui. Mal tive uma folga longa o bastante para trocar de meias. Aqui servimos apenas a um único posto de atendimento, mas são tantos os homens que passam por ele que todos os vinte carros rodam sem parar. Acabo de trabalhar por quase 48 horas sem um cochilo sequer. Estou embebendo um bico de pão numa sopa morna e tentando manter os olhos abertos por tempo suficiente para responder a sua carta.

Deus do céu, estou exausto!

Não há segredos sobre o futuro, Sue. Espero começar a primeira trupe de balé das Terras Altas. E você pode ficar no barril da no e num...

Desculpe, cochilando...

Beijo...



LUGAR DEZ

1º DE SETEMBRO DE 1916

Sue,

Lamento que minha última carta tenha sido tão curta e tão truncada no final. Eu estava literalmente caindo de sono em cima dela. Enquanto minha cabeça oscilava, juro que vi uma marmota passar correndo. Estou sentado na ambulância, tentando escrever este bilhete em cima do joelho, enquanto bebo uma caneca (ou dez) de café.

Continuo em _____ e as coisas não poderiam estar mais malucas. Não há nenhuma notícia sobre a licença, mas você sabe que eu a avisarei assim que souber de alguma coisa.

Estamos aqui – há quanto tempo? – faz duas semanas, portanto imagino que não possamos ficar muito mais tempo sem receber uma folga ou uma licença. Se nos mantiverem trabalhando nesse ritmo, vamos desabar. Engenhoca ficou doente e foi levado para o hospital de campanha, de modo que estamos com um homem a menos.

Vamos esperar para pensar no Natal. Você tem razão, meu ano está quase terminando, mas posso me realistar para contratos de três meses. Quem sabe?

O futuro não vai a parte alguma. Conversaremos sobre isso quando eu a vir.
Estou cruzando os dedos pela tal licença!

Esquiva está girando a manivela para aquecer o motor, por isso tenho que
terminar por ora. Último gole de café!

D



ILHA DE SKYE

11 DE SETEMBRO DE 1916

Querido Davey,

Espero que tenha conseguido descansar um pouco. Alguma novidade sobre
sua licença? Você poderá viajar até aqui? Posso ir novamente ao seu encontro
em Londres. Deixei a *Màthair* em alerta – ela virá ficar com as crianças no
instante em que seu telegrama chegar.

Mas, ora, se isso não soa estranho: a *Màthair* vai ficar com “as crianças”. Elas
não são minhas, mas não posso deixar de sentir certa responsabilidade. Afinal,
estou participando da moldagem de suas jovens mentes!

Chrissie não vai reconhecer os filhos quando vier buscá-los. Estão todos
bastante bronzeados e cheios de sardas, por causa do sol. Os meninos ficaram
decididamente gorduchos, com todos os mingaus de aveia e o leite que tenho
posto diante deles. Emily ainda me parece magra, mas pelo menos tem um
pouco mais de energia, agora que a instiguei a sair para o sol.

Por favor, escreva, por mais cansado que esteja. Até um “amo você”, rabiscado
no verso de um cartão-postal, faz meu coração dar saltos.

E eu amo *você*,

E



LUGAR ONZE

11 DE SETEMBRO DE 1916

Minha querida, querida garota,

Lamento não ter escrito muito nos últimos dias. Estivemos numa zona realmente movimentada e correndo quase sem parar. Não havia tempo para fazer muito mais que dirigir e ficar longe de encrencas. Apesar de eu não ter tido folga nem forças para lhe escrever, Sue, você nunca está fora do meu pensamento.

Estamos finalmente descansando. Acho que eles poderiam ter nos mandado para o meio de um pântano que não nos incomodariam, de tão exaustos que estamos. Não me importa mesmo o lugar onde estou, desde que eu possa dormir e escrever para a minha Sue.

Estivemos muito perto dos combates e passamos por uma boa cota de sustos na nossa seção. Uma granada explodiu bem à frente do Harry, quando ele estava dirigindo. Ele se safou sem nada além de uns arranhões e um zumbido nos ouvidos, mas a ambulância ficou com a frente bastante avariada. Todos nos apanhamos cochilando ao volante, mas Pinote acabou saindo da estrada e se arrebetando num muro. Está um tanto estropiado, como você pode imaginar, e ganhou uma viagem para sair daqui.

Não sei ao certo quanto tempo teremos de descanso, porém, por mais que ele dure, não vai parecer longo o bastante. Pus uma pulga na orelha do meu comandante a respeito da minha licença, e vamos esperar para ver o que ele diz. Acabamos de chegar ao Lugar Onze e tenho certeza de que há coisas para pôr em ordem antes que ele possa sair assinando licenças.

Acho que vou tentar tirar um cochilo antes da chamada para o rango. Ah, como é bom esticar o corpo!

Saudades,

D



POSTES ET TÉLÉGRAPHES

PARIS

13 SET 16

E. DUNN

ILHA DE SKYE

QUATORZE DIAS DE LICENÇA VG TELEGRAFO QUANDO CHEGAR INGLATERRA PT

PARTO DE MANHA PT

D



21 RUE RAYNOUARD, PARIS, FRANÇA

13 DE SETEMBRO DE 1916

Estou mandando um cartão-postal, além do telegrama, para a eventualidade de você não o receber ou de o cartão chegar primeiro que ele.

Consegui a licença! Quatorze dias, se você pode acreditar. Recebi meu passe de viagem para Paris horas depois de lhe mandar a última carta, e em meio minuto já estava com as coisas na mala. É a prática, por ter circulado tanto por aí!

Você não precisa fazer todo o percurso até Londres. Eu começo a seguir para o norte, você começa a seguir para o sul e nos encontramos em algum ponto do caminho...

D



CORREIOS E TELÉGRAFOS

PORTREE

13 SETEMBRO 1916

D. GRAHAM

EDIMBURGO

ENCONTRO VOCE EM EDIMBURGO CATEDRAL DE SANTA MARIA E DESTA VEZ ESTAREI
LA PT MEU CORAÇÃO VOLTA A CANTAR DE POESIA PT

SUE

Capítulo 20



Margaret

3 DE SETEMBRO DE 1940

Querida Maisie,

Eu nunca teria imaginado que o segredo da sua mãe estivesse na poesia. Depois de encontrá-la naquela primeira vez na horta comunitária, eu ficaria tentado a dizer que era uma das pessoas mais centradas que eu já havia conhecido. Minha avó é uma velhota durona, mas lá estava sua mãe, cavando com a pá e xingando para todos os lados em gaélico. Mas, pense só, se eu não tivesse ficado com pena dela e da pobre pá que ela usava, e se não a tivesse ajudado a carregar aquelas cestas de repolho para casa, talvez nunca houvesse conhecido você.

Quando ela abriu a porta de casa e vi você dançando aos pinotes no meio da cozinha, com aquele suéter velho e aqueles bermudões de golfe, eu soube que a queria como minha namorada. E, se você não me aceitasse, eu seria seu melhor amigo para todo o sempre, caso isso significasse podermos estar próximos.

Mas sua mãe percebeu os meus planos direitinho. Quando me acompanhou na descida da escada para me agradecer, inclinou-se para mim e disse: “Ela pensa com o coração. Não o despedace.” Foi por isso que levei duas semanas para voltar a aparecer.

Mas imaginar que ela escrevia poemas de amor! Acho que foi por isso que me decifrou de estalo, no momento em que pus os olhos em você.

Agora, você nunca a viu mesmo escrever nem uma palavra de poesia? Depois da sua carta, fiz uma pesquisa sobre sua mãe e descobri que existem sete livros de autoria dela. Sete! Minha avó tem quase o dobro da idade dela e seria incapaz de criar uma estrofe decente, ainda que o destino do mundo dependesse disso.

O que você descobriu? Imagino que não tenha topado com um poema com o

nome e o endereço do “Davey”, não é?

Com amor,

Paul



BEAGAN MHILTEAN, SKYE

6 DE SETEMBRO DE 1940 (QUE DIA É HOJE MESMO?)

Querido Paul,

Não, não há endereços entre as folhas, mas encontrei flores, talos de grama, cachos de lã e salpicos de areia. É como se ela carregasse os livros por toda a ilha, prendendo entre as páginas tudo com que deparava.

Deixando o caos, seu último livro, cuja capa vermelha mal exhibe alguma marca, tinha fotografias enfiadas por toda parte. Numa delas sorri um rapaz animado, de paletó xadrez. Em outra, uma mulher de cabelos pretos, com um vestido claro de tecido delicado, senta-se num jardim de flores, fitando a câmera com ar pensativo. O mesmo homem ressurgue em mais outra foto, agora de toga e barrete de formatura, ao lado de uma arvorezinha miúda, erguendo orgulhosamente o queixo.

A última foto, escondida bem no final do livro, mostra um casal numa rua, com pedestres e veículos formando um borrão atrás deles. O homem segura a cintura da mulher com as duas mãos e se inclina para cochichar alguma coisa no ouvido dela. A mulher ergue uma das mãos ao lado do rosto, como se tentasse esconder-se da câmera, mas, em vez disso, ri com a cabeça jogada para trás. Num canto da fotografia, alguém escreveu à caneta: “1915. Nós.” Embora o retrato esteja granulado, o homem é o mesmo das outras duas fotos. É o mesmo que dirige a ambulância pintada nos fundos de Seo a-nis. A mulher é minha mãe.

A fotografia é muito despreocupada, muito descontraída. Apenas eles dois, captados numa foto improvável, num momento de transição de um romance secreto. A cautela dos dedos curvados junto à face dá lugar ao completo abandono daquela risada. Naquele instante, o borrão da cidade atrás deles não importa. Essa deve ser a Londres que minha mãe está tentando encontrar, a

Londres que ela gostaria de capturar outra vez. Um instante a sós enquanto a guerra se precipitava ao redor deles.

O homem é a musa dela, eu sei. Embora o nome “David” nunca apareça em nenhum dos livros, sei que os poemas foram feitos para ele. Essa pessoa para quem ela escreve, ela a chama de “meu ímã”, ou “minha noite cálida de verão”, ou aquele “para quem meu coração voa”. Vovó não diz uma palavra. Só faz menear a cabeça e dar tapinhas na pilha de livros de poesia, como se eles guardassem todos os segredos do Universo.

E talvez guardem. Na escola, eu era incapaz de encontrar o tema de um poema, ainda que a minha alma dependesse disso. O que me leva a pensar que agora possa desvendar uma vida num poema?

Havia um que mamãe recitava para mim na hora de dormir, entre os contos de fada e as cantigas de ninar em gaélico – um poema sobre o vento que vinha do mar, cortante e carregado de sal. Vinha rugindo pela água e escalando os penhascos, lançando dedos gelados sobre quem se pusesse em seu caminho. Não tenho certeza de que fosse um poema dela, já que não o encontrei em nenhum dos livros, mas foi o único que ela me ensinou.

Ao caminhar aqui por esta ilha, lembrei-me daquele poema. Paro nos morros, contemplando o mar, e grito todos os versos para o vento. Ele me açoitava o vestido, empurrando a saia por entre minhas pernas, borrifava água em meus braços nus e põe um gosto de sal em meus lábios. E sei o que aquele poema significa.

É que, por mais que o vento nos golpeie no alto dos morros, por mais que exija ser notado, ele começa a esmaecer no instante em que descemos a encosta. E não é menos intenso quando estamos embaixo, com certeza. As gaivotas lutam contra ele, os talos de grama se curvam no chão. Ele está presente, mas, depois de algum tempo, vai saindo do pensamento. É um dado, uma constante, uma expectativa. Não pensamos na sua presença, até que, um dia, de repente, ele se lança sobre nós, enche-nos a boca, os ouvidos e a alma, e então nos lembramos do que é respirar. Estivéramos respirando todos os dias, mas é naquele instante que nos sentimos completamente vivos.

Desde o dia em que entrou na minha cozinha com aquele cesto de repolhos, você esteve presente. Sempre comigo, como o vento. Mas, naquela primeira vez

que encontrei uma carta sua na caixa de correio, o meu coração deu saltos como nunca dera antes. Você se lançou sobre mim e eu compreendi que estava apaixonada.

Gostaria que você estivesse aqui comigo para sentir o vento. Ele é pura poesia.

Com amor,

Maisie



LONDRES, INGLATERRA

28 DE AGOSTO DE 1940

Prezado senhor ou senhora,

Muitos anos atrás, um jovem chamado David Graham foi aluno da Universidade de Illinois. Formou-se em 1913, diplomando-se em ciências naturais. Não sei se ele é membro atuante da Associação de Ex-Alunos da Universidade de Illinois, mas, pelo que me consta, os senhores recebem notícias frequentes dos ex-alunos e mantêm um registro do seu paradeiro, a partir do momento em que eles deixam a universidade.

Se tiverem alguma informação sobre David Graham, seria possível fazerem a gentileza de entrar em contato comigo? Queiram me escrever no Hotel Langham, em Londres. Agradeço de antemão.

Atenciosamente,

Sra. Elspeth Dunn

Capítulo 21



Elsbeth

ALGUM LUGAR ENTRE EDIMBURGO E LONDRES

22 DE SETEMBRO DE 1916

Ah, Sue!

Foi muito difícil voltar a embarcar no trem desta vez. Não que algum dia a despedida tenha sido fácil, mas ela é especialmente dura agora que sei como é estar afastado de você. Da última vez que nos despedimos e tomei aquele trem, a caminho de um barco que me levaria para o outro lado do canal da Mancha, tinha a mente repleta de você, mas, ao mesmo tempo, cheia de expectativa e incerteza. Desta vez, estou sentado contemplando a paisagem da zona rural inglesa, que passa em borrões pela janela, e só consigo pensar que cada sebe e cada campina verde e bem cuidada por onde passamos é mais uma sebe e mais uma campina verde entre nós.

Vou pôr esta carta no correio antes de deixar a Inglaterra, para poder escrever com um pouco mais de liberdade do que escrevo sob o olhar vigilante dos censores. Não pude dizer-lhe isto frente a frente, mas começo a ficar um tanto cansado disto tudo. O último posto de atendimento em que estivemos, nas imediações de Château Billefont, foi sumamente estafante e exaustivo ao extremo, porém eu tinha pelo menos a sensação de estar envolvido na guerra, mais do que tenho em alguns outros postos. Parecemos estar sempre em deslocamento ou *en repos*.

Ouvimos as bombas, às vezes as vemos, quando elas caem nas estradas, mas isso é o máximo que nos aproximamos da ação. Vivemos por meio das histórias que escutamos dos *blessés*. Às vezes tenho a impressão de estarmos parados do lado de fora de um cinema, tentando reconstituir o filme a partir dos fragmentos que entreouvimos quando o público sai da sala de projeção.

Naquela vez que subi correndo até o cume para ajudar aquele maqueiro ferido, em plena vista dos boches e seus canhões, o conhecido arrepio do perigo e da empolgação se apossou de mim. Senti-me extremamente vivo. Foi como se voltasse a escalar a parede com aqueles esquilos. A *fazer* alguma coisa, em vez de apenas aguardar e ver os outros fazerem. Foi muito difícil, acredite, voltar para o meu trabalho de praxe, depois que saí do hospital.

Você compreende por que não pude lhe dizer tudo isto, Sue? Você teria posto esses seus braços surpreendentemente fortes em volta de mim e não me soltaria. Não que me incomodasse tanto assim ser mantido cativo por tal carcereira, mas, como eu lhe disse, preciso concluir o meu ano. Tenho de realizar alguma coisa na vida. Se eu não conseguir aguentar firme por um ano inteiro, o que poderei conseguir? Você não vai querer um homem que não seja capaz de concluir coisa nenhuma.

Por falar no futuro, nem acredito que você arranjou um apartamento em Edimburgo! Só por uma semana, mas, assim mesmo... Você sabia o que isso significaria para mim. Para um sujeito que tem morado numa ambulância, entrar e ver aquelas cortinas nas janelas foi exatamente como voltar para casa.

Ainda estou cansado, mas prefiro estar cansado por fazer amor em excesso do que por excesso de trabalho. Eu não quis desperdiçar um instante do meu tempo com você para dormir. É para isto que serve esta viagem de volta a Londres.

Apesar da fadiga, realmente me sinto um novo homem. Limpo, bem alimentado, com a roupa lavada e consertada e um sobretudo novo e quente. Corpo e espírito saciados. Você riu de mim, mas eu tinha que economizar minhas “saciedades”! Passei tanto tempo sem elas, que queria guardar um estoque extra, com lembranças para evocar e saborear conforme a necessidade.

Nem mesmo aquele incidente conseguiu estragar as coisas para mim. Sei que você ficou nervosa, Sue, mas você não fez nada errado. Ele não deveria ter dito as coisas que disse, mas tenho certeza de que aquilo não significou nada. Espero que vocês tenham superado o assunto.

Com esta nota, acho que vou encerrar por ora, para poder fechar os olhos e puxar uma das ditas lembranças. Que tal a da banheira?

David



ALGUM LUGAR ENTRE EDIMBURGO E SKYE

22 DE SETEMBRO DE 1916

Davey,

Detesto isto! Detesto não ter nada além destes dias roubados com você! É difícil eu me perder completamente neles, porque fico ouvindo o tique-taque da aproximação da sua partida, como aquele maldito despertador do nosso hotel de Paris.

E ter uma parte das nossas preciosas férias estragada por meu irmão. Ah, ele me deixa furiosa! Não tem estado bem desde a baixa do exército, mas a isso é preciso somar os problemas dele com a Kate e com a morte de Iain. Nada disso é culpa minha, mas Finlay jogou tudo em cima de mim. Repito para mim mesma que ele não quis dizer o que disse, que aquelas foram apenas palavras proferidas num momento de raiva, que chegarei em casa e sairemos caminhando juntos pela praia, à procura de pedrinhas, como sempre fizemos. Mas, do jeito que ele cuspiu nos meus pés, como se eu não fosse nada, e do jeito que estava quando se afastou, receio que alguma coisa tenha se rompido naquele instante, e não faço ideia de como consertá-la.

Não que eu seja muito boa em consertar coisas. Mas em relação a você, pelo menos, posso fazer algo.

Ah, Davey, se você soubesse o bem que estava fazendo, mesmo longe da linha de frente! Quanto tempo você sacrificou comigo, só para estar lá! Se soubesse a importância do seu trabalho, o que você *significa*, não se preocuparia com a ideia de que deveria fazer mais. Não invejaria os que estão na terra de ninguém.

Você não sabe a alegria que sinto por você estar longe do perigo. Não sabe a alegria que sinto por tê-lo são e salvo para outra viagem a Edimburgo. Naquela primeira noite, depois da sua chegada, passei um tempo longuíssimo acordada a seu lado, apenas observando. Seus cílios estremecendo, suas inspirações e expirações. Pousei os dedos sobre o seu peito nu, apenas para sentir as batidas do seu coração e saber que você estava *ali*. E, Davey, como agradeci a Deus, naquele exato momento, por tê-lo trazido de volta para mim. Eu não suportaria perdê-lo também.

Eu já podia perceber essas dúvidas em você, no seu jeito de descartar o que vem acontecendo no seu setor, no jeito de encolher os ombros quando falei da nossa sorte de estarmos juntos aqui. E foi por isso que Finlay me deixou com tanta raiva, por ter incitado as suas dúvidas daquela maneira, por tê-lo feito achar que estava fazendo algo errado por estar aqui comigo.

Porque, Davey, não há lugar mais importante para você estar. Você é minha respiração, minha luz, é aquele para quem meu coração voa. Você disse ter medo de tirar algo do que eu tinha com Iain. Disse que não queria competir com uma lembrança. Que não queria ser um homem inferior ao que ele era. Mas, Davey, ele se foi. E eu não estou lá na minha casa, sentindo saudade dele. Passei a semana inteira bem aqui. Com você.

Sue



21 RUE RAYNOUARD, PARIS, FRANÇA
25 DE SETEMBRO DE 1916

Sue,

Cheguei de volta a Paris, e quem você imagina que encontrei? Plínio, Harry, Esquiva, Verruga e mais alguns dos rapazes, todos acampados na sede aqui da Rue Raynouard. Chegaram do front ainda ontem.

Justamente quando eu pensava que as coisas iam ficar maçantes por aqui, surge uma oportunidade. Os franceses pediram uma seção para deslocá-la para _____, perto de _____. Pelo que nos disseram, tem sido meio puxado para os maqueiros manobrar os *blessés* a pé até o *poste de secours*. Desde que os boches tomaram o morro próximo, a estrada que leva ao posto ficou exposta e tem sido bombardeada. Os franceses querem uma frota de ambulâncias velozes, que corram quase até a linha de frente e voltem. Essa rota se aproximará mais das trincheiras do front que qualquer outra. E o trajeto terá que ser feito à noite.

Em vez de mandar a Seção Um para lá, eles criaram uma seção nova, promovendo nosso velho amigo Plínio para o comando. Vão lhe encaminhar uns novos recrutas para preencher as fileiras, mas Plínio insiste em conseguir

os veteranos mais rápidos e audaciosos que puder encontrar. Deram-lhe permissão para escolher um punhado de rapazes da Seção Um, e os demais serão designados das outras seções ou do grupo de novos recrutas que estão chegando. Todos ouvimos histórias e sabemos como será difícil o trabalho nesse setor. É preciso ser veloz e ágil.

Uma vez que este seu humilde criado é veloz e ágil (e audacioso, suponho), Plínio pediu que eu me transferisse para sua seção. Já imaginou, Sue? Além de parecer a solução perfeita para o que tem me incomodado, Harry e todos os meus velhos companheiros estarão lá. Acho que vai ser esplêndido!

Os franceses devem estar planejando uma grande investida, pois querem os carros preparados uma semana depois de encerrado o ano. Estamos esperando a chegada do resto da seção e a entrega das nossas ambulâncias novinhas. Por enquanto, vamos descansando.

Outras notícias mais tarde!

David



21 RUE RAYNOUARD, PARIS, FRANÇA
27 DE SETEMBRO DE 1916

Querida Sue,

Acabo de receber sua carta, a que você escreveu no trem. Não se preocupe com seu irmão – já fiquei com um olho roxo antes. Ele só estava sendo protetor. Afinal, você é a única irmã dele. Eu compreendo. Que irmão não perderia a cabeça ao ver a irmã com um americano? Você se esquece de que somos todos bandidos e caubóis. Espero que tenha conseguido acertar as coisas com ele na volta a Skye. E vai conseguir. Irmãos não podem ficar zangados para sempre. Principalmente Finlay e você.

E, Sue, embora eu tenha ficado desiludido, acredite que não foi com você. Nunca, nem em um milhão de anos. É verdade que eu estava farto do American Field Service e da minha inatividade atrás das linhas. E é verdade que as coisas pareceram diferentes nesta viagem, com a morte de Iain e tudo o mais. Muitas das suas últimas cartas foram sobre ele. O que é compreensível. Mas é

engraçado que nessa viagem eu o tenha sentido entre nós mais do que nunca.

Acredite, aquelas decepções desapareceram no momento em que deitei a cabeça no seu colo. Eu lhe disse que ver o seu nome do lado de fora do apartamento me trouxe a sensação de estar chegando em casa. E para mim, Sue, isso é o bastante. Saber que estou fazendo algo valioso aqui e que você está à minha espera na Escócia. É só disso que preciso.

Bem, depois de toda aquela preocupação com os novos recrutas, mandaram-nos os melhores do bando. Entre outros, estamos com Rex Redman, o acrobata do ciclismo. Leo Nickles, um exímio piloto que foi integrante da *Escadrille*. O meu favorito, Roy Jansson, piloto de corridas. Cheguei inclusive a assistir a uma corrida dele no Speedway Park, em Chicago. Você acredita que ele chegou a atingir uma velocidade de 160 quilômetros por hora?

Os homens das outras seções começaram a chegar aos poucos. Qualquer um que tenha feito nome em sua seção foi recomendado para o que já é oficiosamente conhecido como “Os Garotos do Plinston”. Prometeram-nos um setor agitado após outro.

Devemos sair daqui amanhã ou depois, de modo que não sei direito quando poderei escrever de novo. Harry está com uma pilha de cartas para Minna; vou tentar encaixar meu envelope nela.

David



4 DE OUTUBRO DE 1916

Ah, Sue,

Foi para isto que eu nasci! Você nem pode imaginar a minha satisfação. Sim, estou trabalhando mais do que nunca e chego ao fim do dia arrasado de cansaço, e, sim, reconheço que o meu trabalho é só uma canja, comparado ao que aquela rapaziada da terra de ninguém está fazendo, mas era disto que eu precisava.

Fazemos corridas para apenas dois *postes de secours*, ambos acessíveis por uma única estrada – reta como uma régua e quase igualmente estreita. Praticamente

não temos cobertura e, nos últimos tempos, os boches ocuparam uma posição que lhes dá uma mira perfeita de qualquer um que seja apanhado ali. Anteriormente, as macas eram retiradas no braço por essa estrada, e foi preciso os boches acertarem um bom número de maqueiros para que os franceses finalmente entendessem o recado.

Quando recebemos um chamado e partimos em direção aos postos, há um ponto próximo de um celeiro abandonado que marca a fronteira não oficial entre a zona bombardeada e a zona segura. Ao nos aproximarmos desse celeiro, há um instante em que jogamos todos os temores para o alto e aceleramos a ambulância até o limite que ela possa alcançar.

Não podemos pensar ao guiar por esse Corredor da Morte, não podemos nos concentrar, não podemos raciocinar. Apenas olhamos para a crista marrom da trincheira da retaguarda, que marca o fim do corredor, e esquecemos o resto. São apenas 26 segundos para atravessar essa estrada, mas a sensação é de 26 minutos, e por isso adquirimos o hábito de contar em voz alta. Ontem eu a cruzei em 25.

Santo Deus, não sei como Esquiva poderá se contentar em vender automóveis, depois que tudo isto houver terminado. Não sei como Harry poderá se contentar em dar aulas para alunos lamurientos de faculdade. Não sei como qualquer um de nós poderá se contentar em fazer qualquer coisa que não nos dê a sensação de sermos invencíveis.

David



ILHA DE SKYE

4 DE OUTUBRO DE 1916

Davey,

Meu irmão foi embora.

Quando se afastou de mim em Edimburgo, ele se afastou da família inteira. Nem sequer mandou um telegrama de despedida para a *Màthair*. Faz dias que ela não sai da cama.

Do jeito que Finlay sempre manteve os olhos no horizonte, acho que todos

nós tínhamos certa expectativa de que esse dia chegaria, sobretudo depois que ele recebeu baixa. No fundo do coração, sempre achei que um dia ele iria embora. Mamãe disse que ele só ficou em Skye por minha causa e que, ainda jovem, ao ver que eu nunca poria os pés naquela balsa, guardou seus desejos num canto e deixou papai levá-lo para o barco de pesca. Se eu não podia partir, ele também não iria.

Mas agora foi embora! Zarpou sem olhar para trás. Eu deveria ficar contente por ele haver escapado da vida de pesca e lavoura pela qual nunca ansiou, mas não consigo deixar de chorar. Depois de tanto tempo, ele fez isso sem mim. Pior: fez para me magoar.

Escrevi-lhe uma carta, mesmo sem ter para onde mandá-la. Disse-lhe que sentia muito, mas que ele estava errado, que o “meu americano”, como ele diz, tinha me feito uma promessa. O meu americano não vai me esquecer aqui na minha ilha. Não vai voltar para os Estados Unidos sem nem olhar para trás. “Aqui estou”, ele me disse certa vez. E está. Está presente, haja o que houver. E, dentro de mais um mês, o contrato dele terá acabado e ele virá aqui e me arrebatará para longe.

Você me prometeu o Natal, Davey. Sei que não irá embora como meu irmão. Por favor.

Sue



FRANÇA

18 DE OUTUBRO DE 1916

Sue,

Detesto ter que dizer isto, mas não sei se estarei em casa no Natal. Sei que é provável que você já tenha atirado esta carta do outro lado da sala, mas, quando a pegar de volta, preste atenção no que tenho a dizer.

Eu não estava satisfeito na ocasião em que lhe disse que só ficaria aqui até dezembro. O fascínio disto tudo, a empolgação que eu sentira no último outono, ao me inscrever como voluntário, haviam começado a desaparecer. Eu não vinha fazendo grande coisa, além de me sentar atrás das linhas de combate,

à espera do setor seguinte. Não queria nada além de entrar *en repos* permanentemente com você.

Mas agora, com a nova seção, sinto-me vivo. Você não imaginaria quanto. Pela primeira vez, Sue, eu sou importante.

Lembre-se de que não consegui dar certo como estudante. Não consegui dar certo como professor. Diabos, não consegui dar certo nem mesmo como filho. Meu pai ainda me considera uma decepção. Mas agora, usando a intrepidez que só me arranjava encrencas quando eu era garoto, estou tendo sucesso. Homens que de outro modo não sobreviveriam agora sobrevivem. E todos na traseira da minha ambulância. Da minha.

Por isso, entenda, não posso ir embora agora. Não quando realmente comecei. Você entende, Sue? Você iria querer me tirar de tudo isto, justamente quando sou mais necessário?

David



ILHA DE SKYE

1º DE NOVEMBRO DE 1916

“Você iria querer me tirar de tudo isto, justamente quando sou mais necessário?” Sim, sim, eu o tiraria, especialmente quando você é ainda mais necessário aqui. Davey, estou grávida. Portanto, pare com todo esse absurdo e venha para casa.



FRANÇA

12 DE NOVEMBRO DE 1916

É assim que você dá uma notícia dessas? Isto não era para acontecer. Foi por isso que levei os preservativos. Não estamos em condições de tomar uma decisão como esta. Uma família, Sue? Você ainda está de luto. Eu ainda estou

“brincando de guerra”. Há uma distância de mais de mil quilômetros entre nós. E veja como o seu irmão agiu em Edimburgo. Mereci cada soco daqueles. Afinal, eu sou o americano que se intrometeu entre você e seu marido. Sou aquele que provocou a desavença com seu irmão. Por que a sua família haveria de me acolher depois disso?



ILHA DE SKYE

29 DE NOVEMBRO DE 1916

Nesse caso, venha me tirar daqui! Leve-me embora para a América, onde não há guerra nem irmãos reprovadores. Os vizinhos já estão começando a falar e, ah, Davey, só quero ir embora com você e iniciar aquele futuro de que vivemos falando.

Sim, isto é colossal. É atordoante. É até meio assustador. Mas, como pode a ideia da paternidade iminente assustá-lo mais do que dirigir todos os dias em disparada pelo “Corredor da Morte”?

Isto também me apavora. Do jeito que já dilacerei minha família, dividindo-a ao meio, não me sinto apta a criar um filho. Talvez eu estivesse certa, anos atrás, quando disse que não deveria ser mãe. Acho que não sou capaz disso.

Davey, preciso que seja você o lado forte. Preciso que você seja corajoso por nós dois. Por favor, venha e me leve daqui. Eu me sinto invencível quando estou com você.

Agora estou cansada. Não quero brigar por causa disto. É um fato, não vale a pena contestá-lo. Em meio a toda esta guerra, toda esta morte, nós produzimos vida. O bebê é só mais uma aventura. E, lembre-se, posso enfrentar qualquer aventura tendo você a meu lado.

Sue



3 DE DEZEMBRO DE 1916

Querida Elspeth,

Queria não estar lhe escrevendo. Meses atrás, Dave me deu este envelope e me disse que o despachasse, se um dia acontecesse alguma coisa.

Estávamos numa missão, quatro noites atrás. Ao chegarmos lá, descobrimos que o abrigo subterrâneo acabara de ser atingido. Médicos, enfermeiros, *blessés*, todos mortos. Havia um oficial tentando pôr alguma ordem na situação, orientando os que vinham da primeira linha da trincheira.

Tendo um pouco de prática na medicina, comecei a verificar os *blessés* que chegavam, decidindo quem conseguiria pelo menos voltar para o posto de triagem. Os maqueiros que ainda estavam de pé largavam suas cargas e voltavam aos tropeços para buscar outras, o mais depressa que conseguiam. Tolo como é, Dave pulou na trincheira e foi atrás deles. Voltou algumas vezes, ignorou meus gritos e tornou a partir. Numa das vezes, não regressou.

Ele não tinha nada que estar na linha de frente, mas você conhece o Dave. Nunca foi de dar ouvidos à prudência. Mas fazia o que tinha de ser feito.

Passei os últimos quatro dias debatendo se devia ou não lhe enviar esta carta. Continuei com a esperança de que ele saísse capengando da terra de ninguém, com uma história divertida sobre como, mais uma vez, escapara por um triz. Mas não era para ser.

Daqui não há muito que eu possa fazer por você, mas, por favor, escreva para a Minna se precisar de alguma coisa. Estou a par da sua situação. Dave me contou naquela noite, quando seguíamos em alta velocidade para o posto. Sim, ele estava assustado e com medo. Mas, naquela noite, estava também esperançoso. E muito feliz.

Portanto, para satisfazer o último desejo do melhor amigo que eu esperaria ter...

Harry Vance



Sue, minha doce menina.

Esta é a carta que você nunca deveria ler. Se a está lendo, isso significa que é a última que mandarei.

No momento em que escrevo, estamos em maio e acabo de voltar do encontro com você em Paris. A sua pilha de cartas cada vez mais frenéticas estava à minha espera quando retornei. Ao lê-las, comecei a perceber com exatidão quanto você devia ter ficado preocupada e com medo, tão longe de tudo o que acontece por aqui. Não quero que tenha de passar por tudo isso de novo – não saber – e por isso faço o que funciona melhor para nós. Escrevo-lhe uma carta.

Não sei quando você lerá isto. Talvez seja no mês que vem, talvez daqui a seis meses, talvez um ano. Espero que nunca. Não sei como estará o mundo até lá. Não sei sobre que tipos de coisas teremos escrito. Não sei se você terá encontrado outro belo motorista de ambulância americano.

O que posso dizer com certeza (mesmo olhando para o futuro) é que nunca achei nem acharei outra Sue. Você é a razão de eu franzir o cenho ao nascer do sol e sorrir na hora do poente. Franzir o cenho porque tenho de enfrentar o dia sozinho, sem você a meu lado. Sorrir porque é menos um dia que teremos de passar afastados.

Numa de suas cartas, você escreveu que não se considerava suficientemente forte. Disse: “Não posso fazer tudo sozinha, sem saber que você existe no mundo.” Você é forte, Sue. Olhe só para você – atravessou o canal da Mancha por minha causa! Quando vejo as coisas que fez por mim, sinto vontade de ser um homem mais forte para você.

Sei que você gostaria que eu nunca me envolvesse nesta guerra, gostaria que, ao chegar a Londres, eu simplesmente houvesse permanecido naquele trem e seguido direto para Skye, para nunca mais deixá-la. Mas eu tinha que fazer isto. Não podia me aproximar de você como um fracasso, Sue. Tinha de provar que eu era *alguém*. Você sempre me chama de menino. Eu precisava crescer e me tornar homem.

Eu a conheço, minha querida. Sei que, neste exato momento, está balançando a cabeça, com raiva das minhas palavras, e dizendo: “Mas você *não* fracassou. Fez eu me apaixonar por você! O seu sucesso *sou eu*.” Você é o meu sucesso, Sue. Sei disso. Não sei o que fiz de certo na vida, mas deve ter sido alguma coisa muito digna, para eu haver conquistado você. Minha pérola.

Lamento não ter dito isto a você. Quero ser a primeira coisa que seus olhos

sonolentos focalizam ao amanhecer. Quero vê-la lavar o rosto e calçar suas meias. Quero preparar seu café da manhã e limpar o ovo do canto da sua boca com um beijo. Quero me enroscar junto à janela, com você aninhada no meu colo, lendo, escrevendo, conversando, respirando. Quero aquecer os seus pés gelados na cama, entre os meus joelhos. Quero adormecer com seu cabelo fazendo cócegas no meu queixo.

Eu me disporia a me mudar para Skye e suportar toda a reprovação dos seus vizinhos e familiares, se fosse isso que você quisesse. Iria para os mais remotos confins da Sibéria, se fosse o que você desejasse. Sei que agora estou num lugar que nenhum de nós teria escolhido.

Certa vez você me falou, há muito tempo, que era muito clichê dizer que se podia amar alguém para sempre. Existe alguma palavra que signifique “por mais tempo do que para sempre”? É por esse tempo que eu a amarei.

Agora, para sempre, e depois. Amo você.

David

Capítulo 22



Margaret

GLASGOW

6 DE SETEMBRO

Margaret,

Há anos carrego o peso de ter sido a causa da tristeza da minha irmã. Tenho certeza de que ela ainda me culpa.

Sabe, eu tinha uma namorada chamada Kate. Quando fui servir como soldado, ela fez uma roseta com um cacho do seu cabelo e a costurou na minha camisa, perto do coração, para estar sempre comigo.

Então veio a batalha em Festubert e voltei para casa com uma perna mais curta, não querendo outra coisa senão afundar o rosto no ombro dela. Mas, naquele primeiro momento, quando tentei envolvê-la em meus braços, ela se encolheu. Literalmente. Aos poucos, parou de ir lá em casa – o que, na verdade, tornou as coisas mais fáceis. Quando ela não estava presente, eu não tinha que vê-la espiar com o rabo do olho a perna dobrada da minha calça, não tinha que sentir o vazio entre nós, quando ela chegava para o lado para me deixar passar.

Julguei compreendê-la. Que garota iria querer um aleijado para marido? Mesmo quando recebi minha prótese, eu soube que não faria diferença. Ela já dava a sensação de estar muito distante.

Aí Willie veio para casa em licença. Eu estava no chalé novo de Elspeth, entalhando um console de lareira. Ele me encontrou sentado atrás da horta, com o colo cheio de aparas de madeira, e tirou a túnica para me ajudar. E ali, costurada em sua camisa, bem acima do coração, estava uma roseta feita de fios de cabelo dourados.

Partimos para a briga. Ele ficou repetindo que não podemos escolher quem amamos. Acho que quebrei o nariz dele. A *Màthair* ficou furiosa e Elspeth

chorava sem parar. Willie foi embora no dia seguinte e nunca mais voltou para casa nas licenças.

Achei que havia acabado por ali. Eu estava fervendo de raiva, mas Willie fora embora e eu podia entalhar o console de Elspeth e tentar esquecer que algum dia conhecera Kate. Mas a paz não dura muito. Elspeth recebeu uma carta do Ministério da Guerra. Iain fora oficialmente declarado morto.

Aqueles meses passaram feito um borrão. Iain era mais próximo de mim do que meu próprio irmão e estava morto. Havíamos partido para a França cheios de bravatas e prometendo cuidar um do outro. Eu havia falhado. Foram dias sombrios, com certeza. Elspeth estava melhor do que eu. Os filhos de Alasdair tinham ido ficar com ela, para preencher os seus dias. Desde que Kate me deixara, eu não tinha ninguém. Passava o tempo sozinho, caminhando pelas montanhas com minha bengala e um cantil. Quando fui a Edimburgo verificar como estava a minha prótese, o médico me repreendeu por eu abusar tanto dela nas subidas dos morros. Não me incomodei. Eu precisava da dor.

Mas, no trajeto de volta para a estação Waverley, vi Elspeth. Ela não estava em Skye, chorando a morte de Iain. Estava bem ali, na rua, abraçada com um estranho.

Sei que não fui justo quando a confrontei e lhe disse poucas e boas. O homem se colocou entre nós, como se aquilo fosse assunto dele. Nem ao menos era daqui; era só um americano. Como é que ela podia esquecer Iain daquela maneira? Só fazia alguns meses desde a morte dele, e ali estava minha irmã, atirando-se em outra pessoa. Como podia traí-lo, ainda por cima com um americano?

Ela manteve a cabeça baixa e me deixou dizer o que eu tinha a dizer. Murmurou que não havia esquecido Iain e que jamais o esqueceria. Mas então começou a chorar, e o americano tornou a se colocar entre nós. Parti para cima dele e perguntei o que estava fazendo, correndo atrás de mulher dos outros, enquanto havia soldados morrendo nas trincheiras. E os olhos de Elspeth se incendiaram.

Sim, havia homens morrendo nas trincheiras. Mas, em casa, havia pessoas que estavam vivas. *Ela* estava viva. E eu nunca mais deveria me intrometer em sua vida. Elspeth se empertigou, daquele jeito teimoso que eu conhecia tão bem, e disse que não podemos escolher quem amamos. Igualzinha ao Willie.

Quer dizer que o coração tem mais importância que o sangue? Na hora entendi por que Willie pensava daquela maneira. Mas ele era só um garoto. Elspeth era quem deveria ser a inteligente. A leal. A que nunca viraria as costas para a família nem para as promessas que tinha feito. Era para sermos sempre Elspeth, Iain e eu, juntos. Eu disse à minha irmã que escolhesse. Com o queixo levantado, ela pegou o braço do americano. Eu cuspi, disse que ela era uma tola, que só havia tolos na família. Um dia aquele homem a enganaria, mas eu não ficaria por perto para juntar seus pedaços. E não fiquei.

Escrevi para a *Màthair* uma vez, algumas semanas depois. Perguntei se Elspeth dera ouvidos ao que eu tinha dito. Perguntei se ela ainda estava com o americano. A *Màthair* respondeu que eu devia saber muito bem a hora de desistir e que, nos últimos tempos, Elspeth não se importava muito com o que ninguém dizia. Acabara de receber a notícia de que o americano havia morrido, e a *Màthair* tinha precisado de todas as suas forças para impedir que ela o seguisse.

É claro que, depois disso, eu me senti detestável. Quem não se sentiria? Mas eu era jovem e idiota, e achei que era tarde demais para qualquer desculpa. O que passou passou, a *Màthair* sempre dizia, e por isso eu me afastei de tudo. Se um dia Elspeth resolvesse me perdoar, ela me encontraria. Pelo menos, foi o que pensei na época. E, jovem como eu era, isto fez sentido.

Agora sei que foi teimosia – uma teimosia estúpida – e estou velho demais para continuar esperando o perdão. Por eu ter despedaçado o coração dela, por ter despedaçado a nossa família, talvez esse perdão não venha nunca.

Agora eu o estou pedindo. Sei que, na guerra, as coisas podem mudar num instante. Sei com que rapidez as coisas podem se perder. Se você voltar a ter notícias da sua mãe, por favor; me avise. Preciso escrever para ela. Depois de todo este tempo, preciso dizer que sinto muito.

Com amor,
Tio Finlay



2 DE SETEMBRO DE 1940

Prezado senhor,

Muitos anos atrás, um jovem chamado David Graham foi voluntário do American Field Service, logo no início da Grande Guerra. Pelo que eu soube, a Associação de Veteranos dessa instituição organiza reuniões das seções de ambulâncias e mantém uma publicação com notícias e informações sobre os antigos membros.

Se o senhor tiver alguma informação sobre David Graham, por mais vaga que seja, poderia ter a bondade de entrar em contato comigo? Queira escrever para mim no Hotel Langham, em Londres. Agradeço-lhe de antemão.

Atenciosamente,

Sra. Elspeth Dunn

Capítulo 23



Elspeth

KRIEGSGEFANGENEN-SENDUNG, CARTÃO-POSTAL

2 DE JANEIRO DE 1917

Sue,

Se receber uma carta de Harry, *não a abra!* Jogue-a fora. Nunca a leia.

Sei que você deve ter ficado preocupada, sem ter notícias minhas por tanto tempo, mas, acredite: não pude escrever até agora.

Eu estou bem, mas fui feito prisioneiro. Não sei ao certo quanto me será permitido escrever nem com que frequência me deixarão enviar cartas, mas você pode escrever para mim, usando o endereço do outro lado deste cartão.

Poderia fazer o favor de escrever a Harry, para lhe contar o que aconteceu e lhe dar este endereço?

Sinto muito não ter estado com você no Natal, mas, como vê, não quebrei a promessa que tinha feito. Só precisei adiar seu cumprimento.

Eu a amo. Mais do que você poderia imaginar.

David



ILHA DE SKYE

22 DE JANEIRO DE 1917

Davey,

Mal consigo escrever por entre as lágrimas. Seu cartão-postal – que pedacinho precioso de cartolina! – está amarrotado no meu punho, enquanto lhe escrevo com a outra mão. A *Màthair* tentou arrancá-lo de mim para ler, mas não o

soltei. Ela viu a sua letra e pôs todo mundo para fora da sala.

Eu sabia que você não podia ter morrido. Acho que todos dizem isso sobre as pessoas a quem amam. Mas eu continuava a senti-lo! Enquanto meu coração estivesse inteiro e batendo, eu sabia que você ainda devia existir na face da Terra.

E você existe! Todos os dias em que pensei em você e chorei por sua causa, você estava pensando em mim com a mesma intensidade.

Ah, meu querido, meu amor. Meu menino admirável. Eu – a poetisa – não encontro palavras.

Sua Sue



ILHA DE SKYE

24 DE JANEIRO DE 1917

Davey,

Encontrei-as. As minhas palavras, quero dizer.

Como está você? De verdade? Precisa de alguma coisa? Está bem aquecido?

Não suporto imaginar você numa prisão. Deve ser terrivelmente frio e desconfortável, se houver alguma semelhança com o que os livros dizem. Posso lhe mandar pacotes?

Passaram-se alguns meses lúgubres, por uma porção de razões, mas agora vejo um raio de sol atravessar as nuvens. Posso amassar os poemas que vinha escrevendo desde dezembro e atirá-los às chamas.

Esta é a época lenta do ano. A de muito sentar diante do fogo, lendo e escrevendo. Venho tentando fazer as crianças se interessarem por poesia, mas, infelizmente, sem sorte. Você pode ter livros aí?

Por mais que saber que você está na prisão me cause arrepios, não consigo deixar de me alegrar por você estar vivo e porque, se Deus quiser, estará de volta em meus braços dentro de pouco tempo.

Sua,

Sue



7 DE FEVEREIRO DE 1917

Sue,

Só posso enviar duas cartas por mês (que não ultrapassem seis páginas) e quatro cartões-postais. Decerto devo mandar uma ou outra correspondência para minha mãe, para Evie e Harry, por isso você não poderá receber nem de longe a profusão de cartas que recebia antes. A profusão de pensamentos, porém, se manterá sem redução.

Ao que eu saiba, você pode mandar todos os pacotes e cartas que quiser. Se isso lhe for possível, há muitas coisas de que preciso. Eu não estava com minha sacola de lona quando fui capturado, de modo que necessito de uma porção de coisas básicas: pente, escova de dente, sabonete, um par de meias extra e uma camisa. Tenho pedido estas coisas emprestadas a alguns dos outros. Seria possível você me mandar um cobertor? E livros! Todo e qualquer material de leitura em que possa pôr as mãos. Tenho lido e relido as suas duas preciosas cartas (o restante ficou na minha sacola de lona – preciso escrever ao Harry sobre isto). Tudo o que eu tinha comigo quando cruzei a trincheira eram o seu retrato e “Repouso”, enfiados no bolso do casaco, mas eu seria capaz de viver anos sem nada além de areia e água, se tivesse estas duas coisas.

O que eu não daria para que tudo voltasse a ser como em Edimburgo! Só você, eu e um lugar sossegado. Só você e eu.

Amo você,

Davey

P.S.: Como tem se sentido? Você não mencionou nada sobre o bebê.



ILHA DE SKYE

28 DE FEVEREIRO DE 1917

Eu queria mandar o embrulho o mais depressa possível, por isso espero ter encontrado tudo de que você precisa: mais uns pares de meias (tricotei um

cesto inteiro para você, de modo que não lhe faltarão meias, meu amor!); as únicas camisas de homem que consegui encontrar em Portree; pente, escova de dente e pó dentifrício; sabonete; uma caixa de lenços. Fiquei pensando se você precisaria de apetrechos para se barbear, mas não sabia se lhe seria permitido receber isso. O cobertor é da minha própria cama.

Harry já cuidou da sua sacola. Quando achou que você não voltaria, embalou todo o conteúdo e mandou para sua mãe. Separou seu exemplar do *Huckleberry Finn* e sua Bíblia, que mandou para mim. Ele não é bobo: sabia o que eu queria, mais do que tudo, para recordar você. Sei que você tem uma necessidade maior da companhia do *Huckleberry* do que eu. De qualquer modo, tenho meu próprio exemplar. Devolvo o seu.

Vasculhei rapidamente o meu estoque e incluí também alguma coisa de Byron e Plutarco, suplementados por umas coisas horrorosas e baratas que achei na cidade. Lamento não ter podido fazer caber mais nenhum livro neste pacote. O cobertor ocupou quase todo o espaço. Pus um pouco de papel de carta para você dentro do Byron, e também uns lápis.

Quero ficar com a Bíblia, por enquanto, se não se importa. Considere-a o seu par de meias.

Nunca paro de pensar em você e de desejar que esteja aqui.

Com amor,

Sue

P.S.: Já não estou grávida. Talvez seja melhor assim.



16 DE MARÇO DE 1917

Minha querida Sue,

Muito obrigado pelo pacote. Foi tudo muito apreciado, as meias em especial.

É bastante confortável aqui. O único inconveniente que vejo é que sou o único americano neste campo. Não há nem mesmo um inglês com quem conversar. Franceses e russos e poloneses. Alguns franceses falam um pouquinho de inglês e estou começando a aprender umas palavras em russo, mas não é a mesma coisa.

Por falar nisso, os livros são perfeitos, Sue, não se preocupe. Até os “horrorosos baratos”. A falta de uma biblioteca estava me deixando louco. Aqui, os que têm inclinação literária devoram (depois tornam a devorar) qualquer coisa que tenha palavras. Tenho pedido emprestado tudo o que posso em francês. Quando você tiver um espacinho num embrulho, minha querida pequena, mande um par de volumes para mim. Toda e qualquer coisa é bem-vinda. O que eu não daria por um *Chicago Tribune*! Mais uma vez, outro “ai de mim!”.

Pensando em você,

David

P.S.: Talvez seja melhor assim. Está tudo muito incerto neste momento. Um sujeito na prisão não é exatamente o que se deseje como pai. Podemos conversar direito sobre isto quando eu chegar em casa. Amo você.

Capítulo 24



Margaret

LONDRES

7 DE SETEMBRO DE 1940

Ah, *Màthair*,

Não sei mais o que fazer. Estou em Londres há dois meses, com a mala cheia de cartas, lendo e relendo os rabiscos de Davey. Escrevi para todos os endereços em que consegui pensar – a casa dos pais dele em Chicago, o apartamento que ele dividiu com Harry, a casa em que alugou um quarto quando estudante, a casa da irmã dele, até a organização de ex-alunos da universidade e a Associação de Veteranos do American Field Service – todos os endereços que consegui encontrar que pudessem levar a alguém, qualquer pessoa, capaz de saber o que aconteceu com ele. Com o “meu americano”.

E não recebi uma resposta que fosse. Sei que, depois de décadas, não devia esperar nenhuma. As pessoas seguem em frente, a vida continua. Eu não deveria esperar que ainda morassem nos mesmos endereços. Não deveria esperar que soubessem nada sobre Davey. Não devia esperar que pudessem pôr um curativo em meu coração.

Passei estas longas semanas de espera apenas perambulando por Londres. Indo a todos os lugares por onde andamos, todas as grades em que roçamos, todas as esquinas de rua em que ele parou para afagar meu rosto. Algum dia eu lhe contei sobre o Natal que passei com Chrissie em Edimburgo, em que, à meia-noite, Davey e eu fomos para o lado de fora, só para sentir um ao outro a quilômetros de distância? Achei que, se fosse a todos os lugares certos em Londres, poderia senti-lo: o hálito dele no meu rosto, sua voz no meu ouvido, sua mão na minha. Achei que poderia encontrar aqueles momentos e segurá-los entre meus dedos.

Mas esta não é a Londres em que entreguei meu coração. Esta é uma cidade que se prepara para ser sitiada. Tudo está um pouco mais apagado, um pouco mais cinzento. As vitrines em que nos encostávamos estão cheias de comida em lata e máscaras contra gases. Os vãos de porta em que fizemos uma pausa para trocar um beijo estão protegidos por sacos de areia. Não há romance sob os candelabros do Langham. Hoje em dia, ele está repleto de uniformes e intromissões. A guerra está em toda parte.

Houve um momento em que saí do hotel e seria capaz de jurar que o vi do outro lado da rua, parado nos degraus da igreja anglicana próxima ao hotel. Mas passou um ônibus e a imagem se foi. Mesmo aqui, não existe nada além de fantasmas.

Màthair, aqui não há nenhum indício do Davey. Não mais. Nem mesmo em nosso antigo quarto no Langham. Achei que ficar onde estivéramos um dia o atrairia para mim. Que eu enviaria essas cartas e finalmente receberia respostas. Queria enfim descobrir o que aconteceu com o meu americano.

Estou cansada. Passei metade da minha vida esperando, parece, e não sei por mais quanto tempo posso fazer isso. É exaustivo.

Permanecerei por mais uma semana no Langham, só para ter certeza de que não chegou carta nenhuma, depois voltarei para Edimburgo, voltarei para tornar a empregar minhas lembranças e prosseguir na espera. Não sei ser diferente. Sinto uma saudade enorme da Margaret.

Com amor,
Elspeth



9 DE SETEMBRO DE 1940

Maisie,

Teve notícias da sua mãe? Por favor, diga que sim. Ela está bem?

No momento em que tive notícia das bombas em Londres, torci para que ela já estivesse fora da cidade. Em nenhuma das reportagens que li aparece ao certo quantos foram os aviões, quantos prédios foram atingidos. Centenas? Milhares? Mas Londres continua em chamas, dizem. Estão chamando esse tipo de ataque

de *blitz*.

Vou descobrir mais informações, mas, por favor, diga que a sua mãe saiu de lá a tempo.

Com amor,
Paul



BEAGAN MHILTEAN, SKYE

SÁBADO, 14 DE SETEMBRO DE 1940

Paul,

Mamãe enviou uma carta que chegou junto com a sua, só que a dela tinha sido escrita dois dias antes.

Ah, Paul, nós não fazíamos ideia! Passamos dias sem correio, muito menos jornais. Um ataque que deixou Londres inteira pegando fogo? Vovó me mandou direto a Portree, em busca de notícias e para enviar um telegrama a Emily, para o caso de mamãe ter deixado Londres mais cedo e chegado a Edimburgo.

Mal consigo acreditar no que estou lendo, Paul. Centenas de bombas pela cidade inteira! É claro, já tinha havido ataques aéreos a Londres. Todos sofremos ataques aéreos. Mas tantas bombas, tão depressa, em uma única cidade... simplesmente não consigo compreender. Quando elas caem, não fazem discriminação. A Londres que minha mãe conheceu realmente acabou.

E, desde então, quase todos os dias! Uma cidade sitiada. Rezo para que ela não esteja lá, mas Emily disse que a casa em Edimburgo continua fechada, de modo que estou fazendo o que ela tem feito durante todos estes meses: esperando. E vigiando o correio.

Sei que você está aí, voando em meio a isso tudo. Paul, por favor, tome cuidado. Por mim.

Com amor,
Maisie



LONDRES CONTINUA FIRME
APÓS DÉCIMA NOITE DE ATAQUES

Londres, terça-feira, 17 de setembro

Depois que centenas de aviões alemães sobrevoaram Londres como um enxame ontem à noite e hoje pela manhã, no pior ataque aéreo já desferido até agora, a cidade continua firme, com danos mínimos e uma única baixa.

Durante o dia, Londres ouviu vários alarmes, inclusive um que durou quase quatro horas – o mais longo até hoje entre os alertas diurnos. O ataque foi dificultado pela neblina baixa que pairava sobre a cidade. As sirenes recomeçaram com insistência pouco depois das oito horas da noite, quando o céu desanuviou, e continuaram sem diminuição até as 2h42, quando as baterias antiaéreas finalmente conseguiram rechaçar os agressores nazistas. Mas os cidadãos de Londres não descansaram em seus abrigos por muito tempo, pois um novo alerta soou às 3h52 e outra onda de ataques atingiu a cidade sitiada.

Bombas explosivas foram lançadas sobre a região central de Londres em ondas sucessivas, danificando prédios e estilhaçando vidraças num raio de oitocentos metros. Bombas incendiárias caíram sobre uma área de comércio popular e vários bairros residenciais, o que manteve as brigadas de incêndio atarefadas em sua luta corajosa. Em Portland Place caiu um grande projétil, que destruiu uma tubulação de gás de iluminação na rua e causou danos ao elegante Hotel Langham. (...)

Capítulo 25



Elspeth

ILHA DE SKYE

6 DE ABRIL DE 1917

Meu amor,

Não sei ao certo se também posso mandar alimentos, mas não suporto a ideia de você sentir fome enquanto eu tenho muito mais. Maçãs, pão, linguiça defumada, queijo, feijão, arroz, arenque defumado, cebolas, geleia. Ainda não há muitas coisas brotando na minha pequena horta, por isso incluí umas ervilhas desidratadas. Espero que tudo chegue a você sem problemas.

No ano passado, nesta época, você estava hospitalizado e eu, louca de preocupação. Não digo que agora não me preocupe com você, pois me preocupo todos os dias em que ficamos separados, mas pelo menos sei que você está em segurança e inteiro, e sentindo uma enorme saudade de mim.

Também comecei a escrever para Minna. Você sabia que ela teve um bebê? Uma gracinha de menino, com uns fiapinhos de cabelos claros, como os de Harry. Ela mandou uma fotografia. Você teve alguma notícia de Harry? Deve ser difícil para Minna ficar sozinha.

Estou inserindo um beijo neste envelope, junto com a carta. Trate de agarrá-lo com firmeza, para que ele não fuja num pinote!

Com amor,

Sue



KRIEGSGEFANGENEN-SENDUNG, CARTÃO-POSTAL

23 DE ABRIL DE 1917

Sue,

Ontem vi um pôr do sol belíssimo. Ele me fez pensar naquela vez que fomos de bonde a Portobello e vimos o sol se pôr na praia. Embora a água estivesse gelada, você me desafiou a arregaçar as calças e entrar. Depois, sentou-se no meu colo e enterrou os dedos dos pés na areia, e dividimos aquela torta horrorosa que você fez. Horrorosa ou não, eu gostaria de ter aquela torta comigo agora. E a areia. E o pôr do sol. Mas, acima de tudo, gostaria de ter você.

Davey



ILHA DE SKYE

2 DE MAIO DE 1917

Davey,

É claro que me lembro daquele pôr do sol. Acho que foi a primeira vez que me sentei apenas para ver o sol baixar da linha do horizonte. Senti de verdade a terra girando embaixo de mim. Ou talvez isso tenha sido o beijo.

Amo você,

E



ILHA DE SKYE

18 DE MAIO DE 1917

Dave,

Faz algum tempo que não tenho notícias suas. Gostaria de não estar começando a sentir os primeiros dedos do desassossego tangendo meu coração, como eles sempre fazem quando me faltam uma ou duas cartas suas. Você precisa admitir que o seu histórico nesse aspecto não tem sido exemplar. Quando você não escreve, em geral é por uma razão que me obriga a me sentar para ler a carta quando ela finalmente chega – estar ferido e hospitalizado, ter sido feito prisioneiro. O que é agora? O que foi que sobrou?

Desta vez, fiz uma coisa diferente. Deixei Emily com os meninos e fui à igreja. Não à abafada igreja presbiteriana da minha juventude, mas à pequena capela católica de Portree. Lembrei-me da calorosa sensação de mistério da catedral de Santa Maria e, além disso, achei que, se eu queria fazer um pedido especial a Deus que o mantivesse em segurança, talvez devesse apelar para o Deus católico para quem você reza.

Não fui a única na capela, nesse dia. Havia outras mulheres lá, usando véus e lenços de cabelo, murmurando preces e acendendo velas. Levei comigo a sua pequena Bíblia e tracei o seu nome com a ponta do dedo. Acendi uma vela e, não sabendo quais seriam as orações apropriadas, apenas fechei os olhos e pensei em você. Quando os abri, havia uma mulher sentada a meu lado, observando-me em silêncio. “Você rezou uma novena por ele?” Com certa expectativa de que ela me mandasse sair dali, admiti que eu não era católica. Em vez disso, ela pôs a mão na minha e disse: “Não se preocupe. Eu rezo uma novena extra por você.” Deu-me de presente seu rosário de contas de madeira entalhada e prometeu me ensinar as orações da próxima vez que me vir.

Senti-me muito melhor ao sair de lá. Embora seja meio longo o trajeto até Portree, agora conheço um lugar ao qual posso ir quando quiser me sentir perto de você.

Com amor,
Sue



ILHA DE SKYE
22 DE MAIO DE 1917

Davey,

Por favor, aplaque estes medos dentro de mim. Tenho ido quase todos os dias de bicicleta a Portree, para rezar por você, e preciso de alguma confirmação de que minhas preces foram atendidas. Aprendi essas orações católicas há pouco tempo; quero ter certeza de estar fazendo algo certo.

Qualquer coisa, Davey! Um cartão-postal. Uma frase. Uma palavra, até. Por favor.

Sue



1º DE JUNHO DE 1917

Sue,

Debati por algum tempo qual seria a melhor maneira de lhe escrever isto. Você não sabe quantas versões terminaram no fogo. Suponho que o melhor seja simplesmente falar de uma vez.

Iain está vivo.

Ele não morreu, Sue. Está aqui, neste mesmo campo de prisioneiros.

Semanas atrás, estávamos fazendo nossos exercícios do lado de fora. Um grupo de britânicos tinha sido recém-transferido para nosso campo e estava aglomerado num dos lados do pátio. Palavra, minha querida, que me vieram lágrimas aos olhos ao ouvir frases no meu idioma, depois de nada além de francês e fragmentos indecifráveis de russo durante seis meses! Corri para um dos homens e implorei para entrar na conversa, qualquer que fosse.

Um deles perguntou de onde eu era. Respondi “Illinois”, e outro se manifestou:

– Illinois? Não diga! Tenho família por lá. De que parte?

Os europeus nunca parecem se dar conta da vastidão dos Estados Unidos, e por isso, quando eu disse “Chicago. Urbana, durante algum tempo”, um sujeito me falou:

– Olhe, o meu primo mora em Chicago! Frank Trimball. Você deve conhecê-lo, com certeza! Vou perguntar a ele. Como é o seu nome?

Eu lhe disse meu nome e ouvi um berro de algum lugar no meio do grupo:

– David Graham, de Urbana, Illinois?

Devo ter respondido que sim, Sue, porque, quando dei por mim, estava no chão, com o rosto ardendo e poeira nos olhos.

Ouvi alguém perguntar “Por que você fez isso, parceiro?”, então me levantei, ainda zozado, e vi um estranho de punhos cerrados, com a boca retorcida:

– Isso foi por você se apaixonar pela minha mulher.

Zonzo, não reagi depressa o bastante para evitar o segundo soco.

– E isto é por ter feito com que ela se apaixonasse por você.

Cuspi sangue.

– Quem diabos é você? – perguntei, já adivinhando a resposta.

– O marido de Elspeth. Ou será que você correu atrás de tantas mulheres casadas que perdeu a conta?

Você não acha mesmo que eu poderia deixar passar esse comentário, acha, Sue? É claro que parti para cima dele. O que veio em seguida só poderia ser descrito como uma briga antiquada de pátio de escola.

Pareceu durar séculos, mas é provável que tenha sido apenas questão de minutos, até ouvirmos gritos em alemão e os outros finalmente conseguirem nos separar.

Desabamos na terra, arfantes, e o grupo se dispersou. Verdade seja dita, estávamos cansados demais, famintos demais e abatidos demais para fazer grande coisa além disso.

– Por que você a deixou? Por que não escreveu para ela? – tive de perguntar, pensando em você. – Ela achou que você estivesse morto.

Iain passou as costas da mão pelo nariz. Seus dedos saíram ensanguentados:

– Elspeth tinha você.

Ele sabia, Sue. O tempo todo. Encontrou suas cartas, soube que fazia anos que você me escrevia em segredo. Percebeu nas entrelinhas todos os indícios que só descobrimos depois. Entendeu o que sentíamos antes que qualquer um de nós o admitisse. Por que você acha que ele se apressou a se alistar? Por que acha que ficou tão ansioso para ir para o front? Ele acreditava que não tinha mais nada a perder.

Ainda não sei o que isto significa para nós. Continuo a lutar com a minha própria consciência, de modo que entenderei se você não responder prontamente. Se quiser escrever para Iain, ele está no mesmo endereço.

David



18 DE JUNHO DE 1917

Que piada horrível foi essa, Davey? Caí desmaiada no chão quando comecei a ler sua carta. O bravo Allie já estava de casaco, pronto para ir correndo à cidade buscar o médico, embaixo de chuva, quando voltei a mim e lhe garanti que não era nada além de uma brincadeira de mau gosto.

Foi isso, não foi? Iain não pode estar vivo. Todas aquelas cartas que recebi, confirmando a morte dele. A minha pensão militar que eu recebia por ele estar longe da família se transformou em pensão por viuvez. Como o Ministério da Guerra poderia estar errado?

Como devo me sentir? Meu marido se alista e parte para a batalha, numa grandiosa tentativa de suicídio. Não escreve; não vem me ver. É prisioneiro há mais de um ano, sem dizer uma palavra a mim ou à mãe dele para contar que está vivo. E fica surpreso por eu ter me apaixonado por outro homem? Será que qualquer outra mulher não faria o mesmo?

Ah, Davey! Não aguento passar por isto. Não aguento passar por tudo isto.

Sue



KRIEGSGEFANGENEN-SENDUNG, CARTÃO-POSTAL

23 DE JUNHO DE 1917

Sue,

Amanhã vou bater asas. Talvez demore um pouco para lhe escrever de novo, mas não se preocupe comigo. Você é o botão de flor para o qual estou voando.

Sinto falta do seu sorriso,

Davey



24 DE JUNHO DE 1917

Sue, minha querida garota,

Se está lendo isto, significa que Iain conseguiu passar. Sei que deve ter sido um choque deparar com ele à sua porta, ressuscitado da sepultura, por assim dizer. Mas um dia eu lhe prometi que não atrapalharia, se ele voltasse para casa.

Escrevi um conto de fadas para você, Sue. Confio em que ele deixe claro o que não consigo expressar. Saiba sempre que eu amo você.

Eternamente seu,

David

A MULHER DO PESCADOR

Era uma vez um pescador que tinha uma linda esposa, chamada Lucinda. Ele passava semanas no mar, seguindo os peixes, e Lucinda ficava esperando na praia, balançando os pés descalços na água e tecendo as redes do marido. Ela tecia e trançava os fortes fios prateados, e ia cantando enquanto trabalhava. Entoava canções solitárias do mar, canções animadas de marinheiro e melodias dolorosamente belas, que soavam como o canto de sereias. Mas, enquanto seu olhar corria pela água e se fixava no horizonte, à procura do barco do marido, todas as suas canções tinham um toque de tristeza.

Lucinda era tão bela e sua música era tão pura que um espírito das águas se apaixonou por ela. Todos os dias, enquanto ela se sentava à beira-mar, tecendo suas redes, o espírito marinho flutuava pelas cercanias, observando-a e apaixonando-se mais e mais. A cada lágrima cristalina que Lucinda derramava no mar, o espírito nadava um pouco mais para perto, desejando que houvesse um meio de fazê-la sorrir. Enfim ele decidiu conquistar o amor de Lucinda e levá-la para viver no mar em sua companhia.

O espírito das águas nadou para o oceano, à procura dos presentes mais preciosos que pudesse encontrar, coisas que Lucinda nunca tivesse visto em sua terra humilde, coisas que a fizessem perceber que havia muito mais no mundo do que seu trequinho de praia e o horizonte vazio. Quando visse até onde se estendia o oceano e tudo o que havia escondido sob as ondas, ela o acompanharia.

O espírito das águas mergulhou nas mais recônditas profundezas

e encontrou a mais linda concha, que era grande e de um branco cremoso, com um leve brilho rosa e azul pálido irradiando-se do interior. Levou-a para Lucinda com um sorriso tímido e se alegrou ao receber outro em resposta.

Mas ela recusou o presente, dizendo:

– Se eu quiser uma linda concha, só preciso caminhar pela praia e escolher entre as que se espalham por lá.

– Nenhuma será tão linda quanto esta, que veio de muito longe.

– Será mais linda, por estar bem à minha porta.

No dia seguinte, o espírito das águas dançou pelas ondas até encontrar o peixe mais deslumbrante, com barbatanas de um azul e um amarelo luminosos. Colheu-o num aquário de vidro e o levou para Lucinda, que sorriu, mas respondeu como antes:

– Se eu quiser ver um peixe deslumbrante, bastará olhar para os baixios da baía.

– Nenhum será tão deslumbrante quanto este, que veio de além das ondas.

– Será ainda mais deslumbrante, por estar bem à minha porta.

Sem se deixar dissuadir, o espírito das águas nadou dia e noite até uma praia de uma terra exótica, que era margeada por palmeiras que oscilavam ao vento e recendia a um aroma de frutas. A areia da praia cintilava num branco puro. Ele colheu um punhado dessa areia cintilante e o levou a Lucinda. Mas, como antes, ela respondeu:

– Se eu quiser ver areia cintilante, bastará olhar para esta praia.

– Ela não será tão cintilante nem de um branco tão puro quanto esta areia que achei para você.

– Será ainda mais cintilante, a meu ver, por estar bem diante da minha porta – retrucou, dando um sorriso bondoso ao espírito, e prosseguiu: – O mar lhe pertence. Você segue a corrente e navega pelas ondas até locais longínquos. Mas o mar não é meu, nem jamais será. Minha casa na praia é mais preciosa para mim do que qualquer dos tesouros do mundo.

O espírito das águas se afastou, nadando furiosamente. Não compreendia que, com todos os tesouros magníficos que lhe havia oferecido, com a vida que poderia lhe dar sob as águas, Lucinda ainda preferisse a companhia de um mero pescador e sua vida simples naquela praia singela. A canção que ela entoava na praia, elevando-se ao vento, era de saudade e de perda.

Rejeitado, o espírito bateu na superfície da água e, em sua raiva, fez surgir uma tempestade. A chuva desceu em torrentes, escondendo a praia atrás de uma cortina cinzenta. No mar, um minúsculo barco de pesca subia e descia na superfície encapelada. Ao se elevarem as águas, um cavalo do mar – peito nu, presas afiadas, algas marinhas emaranhadas na crina – cavalgou sobre a crista de uma onda. Com a espuma branca às suas costas, lançou-se direto para o barco.

Se fosse puxado para debaixo da superfície, o pescador nunca mais poderia voltar para casa. O gênio nunca mais teria de lutar pelo amor de Lucinda. Mas a canção dela se elevou acima do trovão e do bater das ondas, e o espírito das águas soube o que tinha de fazer. Mergulhou.

Chegou à lateral do barco no exato momento em que o cavalo do mar empinava, com a água salgada pingando de seus cascos fendidos. O espírito bateu as pernas e saltou da água como um peixe, entre o cavalo do mar e o pescador, que se agachava no fundo da embarcação. As garras do cavalo se cravaram no espírito das águas.

Com todas as suas forças, o espírito fez soprar um vento que empurrou o pequeno barco de pesca para a praia. Sabia que nenhum presente conseguiria tirar Lucinda do seu lar. Mas, ao lhe devolver o pescador, ele havia descoberto o único presente que importava.



Davey,

Esse homem – esse estranho que apareceu à minha porta – não é meu marido. Quando partiu, há três anos, meu marido era forte, arrogante e preocupado. A chama que vi em seus olhos e tomei erroneamente por fanatismo, sei agora que era a chama do ciúme. Mas esse homem, esse estranho que você me mandou, ele é magro, nervoso, faminto, cheio de desculpas, hesitante. Não é nenhuma das coisas que Iain era. Não sei quem ele é.

Ele disse que vocês planejaram uma fuga grandiosa. Que costuraram uniformes falsos e planejaram simplesmente sair andando pelo portão de entrada do campo de prisioneiros. Que ele foi o único a conseguir.

Quero saber: que direito tinham você e Iain de tomar minha decisão por mim? O que o levou a pensar que eu optaria por aceitá-lo de volta? O que o fez pensar que eu não estaria esperando por *você*?

Não sei o que fazer com ele. Esse homem passa o dia inteiro sentado dentro de casa, parecendo desconfortável. Fuma e estremece e chora quando tenta fazer amor comigo. Quando calço as botas para sair, ele se agarra ao meu avental, como se esperasse me ver sair pela porta e nunca mais voltar.

Tenho pensado nisto. Mas, na verdade, para onde eu iria? Não sei se você ainda é prisioneiro. Não sei por que soou tão frio na carta que mandou por Iain. Não sei se ainda está apaixonado por mim. Não sei se vai sequer abrir e ler esta carta.

Toda vez que vou a Portree, paro na capela católica. Rezo para que você esteja em segurança onde estiver e para que tudo se corrija. Neste momento, nada está como deveria.

Davey, preciso de você. Não faz ideia de quanto. Nada está certo sem você. Preciso fazer a *minha própria* escolha.

Sue

Capítulo 26



Margaret

LONDRES

SEXTA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 1940

Vovó,

Encontrei-a! Como estava miúda e pálida na cama de hospital. O médico disse que ela estava no Langham quando ele foi atingido. Quebrou umas costelas, torceu o tornozelo e sofreu um leve esgotamento nervoso. Temeram uma pneumonia, mas disse ela parece ter escapado.

Fui primeiro ao hotel, achando que não fariam ideia de onde ela estava. Mas mamãe passou dois meses lá, saindo todos os dias para caminhar, parando na recepção quando entrava, para saber se havia chegado alguma coisa pelo correio. Eles a conhecem. O recepcionista me deu o nome do hospital e desejou melhoras para ela.

Mamãe estava sentada na cama quando entrei, com as mãos apertando as têmporas, chorando. Mas, no instante em que me viu, disse “Minha Margaret, aí está você”, e se deitou prontamente. As enfermeiras contaram que ela não conseguia sossegar desde que fora internada, mas, depois de me ver, dormiu quase um dia inteiro.

Vou lhe fazer companhia e torno a escrever para contar como ela está passando, mas o médico não parece temer que ela corra qualquer perigo. Ficou contente por saber que há uma pessoa da família para cuidar dela. Agora, mamãe só precisa de tempo e das nossas orações.

Com amor,

Margaret



LONDRES

SEXTA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 1940

Querido Paul,

Finalmente a encontrei. Ela está tão bem quanto possível. Estava no Langham quando o hotel foi atingido, mas não sofreu ferimentos graves. Parece aflitíssima para voltar a Edimburgo. Com tantos feridos que chegam diariamente por causa dos ataques aéreos, precisam da cama na enfermaria, e estão dispostos a lhe dar alta, desde que ela não fique sozinha.

Neste momento, ela está dormindo. Deitou-se assim que cheguei e adormeceu com um sorriso nos lábios. A freira que chefia as outras percebeu que eu tinha vindo de longe – ainda estava com meu casaco cinza de viagem – e me deixou ficar sentada ao lado de mamãe, desde que eu permanecesse quieta e não perturbasse as outras pacientes. Ela acha que minha mãe dormirá melhor comigo aqui.

Disseram que, quando ela foi retirada do prédio, estava agarrada a uma mala. Só uma. Deixou a outra para trás, mas se recusou a soltar a mala marrom. Mesmo sem abri-la, eu sabia por quê.

Mamãe roncou e murmurou durante o sono, e aquela mala marrom ficou me olhando debaixo da cama estreita. Eu sabia que não devia fazê-lo. A filha obediente em mim se sentiu culpada até mesmo por pensar em abrir a mala. Mas a parte de mim que jogou a cautela para o alto e escreveu para um tio desconhecido, que partiu para a Ilha de Skye sem nada além do nome de uma casa rabiscado num livro, que se precipitou para Londres para buscar a mãe no meio dos destroços e levá-la para casa, esta parte de mim beijou a mão flácida de mamãe sobre o cobertor e abriu a mala.

Eles se corresponderam durante anos, Paul. Minha mãe e Davey. E todas as cartas dele estavam lá. Desde a primeira, de 1912 – a carta de um fã, um impetuoso estudante universitário –, até a última, de 1917: um bilhete rabiscado e sujo enviado de um campo de prisioneiros, que pôs fim ao relacionamento. Sem mais nem menos. Num momento eles estavam olhando para o futuro, no seguinte ele rompeu com ela, usando um conto de fadas sobre a mulher de um pescador.

A história era sobre ela. Seu marido, Iain, foi pescador em Skye. Desapareceu

durante a guerra, foi declarado morto e reapareceu. Surgiu na porta dela com a carta do Davey na mão. Ela nem teve escolha.

Manhã seguinte

Escrevi este primeiro trecho para você e, enquanto o sol nascente se alaranjava pela janela, também adormeci. Quando acordei, mamãe estava sentada, escorada pelos travesseiros, vendo-me coberta com as suas cartas.

– Você leu a minha história – disse.

Perguntei-lhe se estava zangada, mas ela balançou a cabeça.

– Não agi bem ao escondê-la. Esta também é sua história.

Minha mente estava cheia de perguntas, mas, ao vê-la ali, pálida contra os travesseiros, com os olhos ainda pousados nas cartas, não consegui fazê-las. Em vez disso, perguntei como estava se sentindo.

Ela se empertigou, mas notei um estremecimento:

– Muito melhor. Acho que logo irei para casa.

Retruquei que eu não tinha certeza disso, que talvez o médico achasse melhor ela ficar em repouso um pouco mais, porém ela piscou os olhos e suspirou:

– Só quero ir para casa, Margaret. Fiquei longe por muito tempo.

Enxugou os olhos com o polegar.

– Eu nunca deveria ter saído. Preciso voltar para Edimburgo, fazer minhas caminhadas, ficar sentada no silêncio da catedral. Não conheço maneira melhor de recompor minhas forças. Em casa.

– Elspeth – disse uma voz aos pés da cama –, eu a levo para casa.

Se você consegue acreditar, Paul, era o tio Finlay. Ele veio.

Com amor,

Margaret



LONDRES

SÁBADO, 21 DE SETEMBRO DE 1940

Querida vovó,

Tio Finlay veio até aqui, a Londres. Chegou hoje de manhã e passou o dia inteiro com mamãe, pondo as duas últimas décadas em dia, sem falar muito de

coisa nenhuma. Vai levá-la para casa amanhã, de volta para Edimburgo.

Não sei como a senhora fez isso, como o convenceu a vir a Londres para finalmente falar com mamãe, mas obrigada. Pela primeira vez em muito tempo, vejo um momento de paz no rosto dela.

Com amor,

Margaret



LONDRES

DOMINGO, 22 DE SETEMBRO

Querido Paul,

Ontem à noite, antes de adormecer, mamãe me disse que eu só tinha metade da história. Eu tinha as cartas do Davey, mas não as dela.

Assim, em vez de ir para a estação de trem com ela e tio Finlay, hoje de manhã, fui ao Langham ver se eles teriam desenterrado a outra mala. Dentro dela, mamãe me disse, estavam os seus cadernos, onde ela fizera rascunhos de todas as suas cartas. A eterna escritora.

Tinham guardado sua outra mala, cheia de cadernos. A metade dela da história. Mas, ah, Paul, também tinham guardado uma carta para mamãe.

Alguém mandou uma resposta a uma das muitas cartas que ela enviou durante os meses de espera em Londres.

E eu não sei o que fazer. A carta é dela, com certeza, mas eu a vi estirada naquela cama de hospital, cansada e vencida, e a vi capengar para a estação de trem apoiada no braço do irmão, querendo apenas deixar Londres para trás. E se essa resposta não for nada? Ou então, Deus nos livre, se for uma notícia ruim?

Vou voltar para Edimburgo no próximo trem. Terei sete horas e meia para decidir se lhe entrego a carta ou se eu mesma devo abri-la.

Com amor,

Margaret



DETROIT, MICHIGAN
10 DE SETEMBRO DE 1940

Prezada Sra. Dunn,

Peço desculpas por não ter respondido antes, mas sua carta me foi encaminhada pela secretária do nosso escritório central da Associação de Veteranos do American Field Service. Acharam que eu estaria em melhores condições de responder às suas perguntas.

Gostaria de ter uma notícia melhor para lhe dar, mas não disponho de nenhuma informação de contato sobre David Graham. Ele nunca mandou atualizações nem notícias para nosso boletim, nem compareceu a nenhum dos jantares em que nos reunimos.

No entanto, tenho uma pequena informação que talvez possa ajudá-la. Alguns dos outros homens se mantiveram em contato depois da guerra. E eu o vi em Paris. O bom e velho Dave tinha sobrevivido ao conflito. Sempre foi um sujeito de sorte.

Dave – nós o chamávamos de “Coelho” – passou alguns anos num campo de prisioneiros. Deve ter sido capturado em 1916, antes que os Estados Unidos entrassem na guerra e a Cruz Vermelha assumisse as remoções de feridos. Enquanto estava nesse campo, ele não escreveu para nenhum de nós, exceto para seu grande amigo Harry. Mas sei que saiu depois do armistício. Depois da guerra, todos o vimos em Paris.

Eles o internaram num hospital parisiense para recuperar as forças, antes de o mandarem para casa, mas Coelho fugiu. Procurou-nos na nossa sede, na Rue Raynouard. Imagine a nossa surpresa! Estava em boa forma, para quem tinha passado um bom tempo num campo de prisioneiros. Implorou por uma muda de roupas de que alguém pudesse dispor, pediu nossos poucos trocados e todas as barras de chocolate que conseguiu carregar, e disse que não ia para casa. Ainda não. Tinha de ir à Escócia, atrás da sua pequena.

Sabe, Sra. Dunn, reconheci seu nome. Não tome isto por desrespeito, mas é que Coelho não conseguia parar de falar na senhora. Estava completamente apaixonado. Quem o ouvisse falar pensaria que a senhora era a soma de todas

as princesas de contos de fadas. Harry guardou silêncio sobre a história toda, mas sabíamos que alguma coisa dera errado nos anos que ele passou no campo de prisioneiros. E aí Coelho apareceu na Rue Raynouard pedindo dinheiro para ir à Escócia se desculpar por alguma coisa. Imagino que essa também tenha sido a última vez que a senhora o viu.

Mas alguns dos outros rapazes mantiveram contato, depois que retornamos para os Estados Unidos. Coelho voltou a lecionar. Passou um tempo em Chicago, depois foi para Indiana, para ficar perto da irmã; não sei ao certo onde foi parar depois disso. Mas sei que ele publicou um livro de contos de fadas para crianças. A senhora devia ter nos visto, todos os velhos sorrindo feito meninos, quando alguém levou o livro para o jantar de reunião da associação. O nosso Coelho, um escritor com um livro publicado!

Lamento não ter o endereço dele, mas achei que a senhora gostaria de saber que ele estava bem, até a última vez que tive notícias, e que havia lançado um livro. E, embora eu não tenha o endereço do Coelho, aqui vai o de Harry Vance. Ele é muito melhor que Coelho em matéria de manter contato. Harry leciona em Oxford. Não é muito longe de Londres, é?

Desejo-lhe toda a sorte do mundo, Sra. Dunn. E, se voltar a ver Coelho, por favor, mande lembranças minhas.

Atenciosamente,

Billy Ross, o “Esquiva”

Secretário, Filial do Centro-Oeste

Associação de Veteranos do American Field Service



EDIMBURGO

TERÇA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 1940

Caro Sr. Vance,

Escrevo em nome de minha mãe, a Sra. Elspeth Dunn. Ela vem tentando descobrir o paradeiro de David Graham, a quem conheceu anos atrás. Obtive seu endereço com Billy Ross, da Associação de Veteranos do American Field Service. Ele achou que o senhor poderia dispor de informações atualizadas para

nosso contato com o Sr. Graham.

Por favor, qualquer coisa que o senhor possa me dizer será bem-vinda. Faz algum tempo que minha mãe está à procura do Sr. Graham. Ambas ficaríamos mais agradecidas do que o senhor poderia imaginar.

Atenciosamente,

Margaret Dunn



OXFORD

27 DE SETEMBRO

Prezada Srta. Dunn,

Perguntei a mim mesmo se deveria ou não lhe enviar o endereço de David. Como velho recluso que é, ele valoriza sua privacidade. Mas já passou tempo de sobra sozinho, sentindo pena de si mesmo. Já passou tempo de sobra desejando poder mudar o passado.

O endereço dele vai abaixo. Ele mora em Londres, num apartamento perto da esquina do Hotel Langham. Sempre disse que Londres era repleta de lembranças.

Harry Vance

Capítulo 27



Elsbeth

ILHA DE SKYE

1º DE MAIO DE 1919

Querido David,

É provável que você se surpreenda ao receber esta minha carta, mas, lançado o meu mais novo livro de poesia, como eu poderia esquecer alguém que um dia foi meu “fã”?

Sem ter recebido notícias suas nestes últimos dois anos, não faço ideia do lugar do mundo em que você possa estar. Minha esperança é que, ao enviar este pacote para a casa de seus pais, de algum modo ele chegue até você.

Como tem estado, depois da guerra? Eu lhe escrevi para o endereço do campo de prisioneiros, logo depois que Iain voltou para casa, mas você nunca respondeu. Tem passado bem?

É muito estranho, porém pensei tê-lo visto parado na rua, faz alguns meses, em frente à casa dos meus pais. Baixei os olhos por um instante e a imagem se foi. Você sabe que esta ilha é povoada pelos espíritos e fantasmas de lembranças, não é?

Iain faleceu recentemente. Uma grande ironia: ele, que sobreviveu a Festubert, ao cativeiro na Alemanha, à fuga e à perseguição, foi morrer de gripe em sua cama, em casa. Mas não tinha forças desde que voltou, e adoecia com muita facilidade. Não foi grande surpresa quando aconteceu.

Sabe, acho que ele estava esperando a hora de morrer. Sempre acreditou que devia ter tombado junto com os amigos em Festubert. As coisas simplesmente não foram as mesmas para ele, na volta para casa. Acho que não se sentia em seu lugar. Nunca parecia saber o que fazer, sobretudo quando se tratava de mim. Nós tentamos. Realmente tentamos, Davey. Era tudo diferente, mas

tentamos.

Faz anos que não consigo escrever poesia. “Repouso” foi um dos últimos poemas que escrevi. Eu não conseguia descobrir qual era o problema, porém acabei percebendo.

Era você, Davey. *É* você. Não existe poesia em minha vida sem você. Você sempre foi minha musa. Antes de conhecê-lo, eu escrevia poesia com a caneta, e meus leitores adoravam. Ela significava algo para eles. Depois que o conheci, porém, passei a escrever com minha alma, e *eu* adorava. Significava tudo para mim.

Entendo que nada sei da sua vida atual. Faz dois anos desde a última vez que tive alguma notícia sua. Pelo que sei, você pode estar casado, ter uma família. Mas vou fazer como você faria. Vou fechar os olhos e cruzar a trincheira.

Davey, não posso ficar sem você. Não posso *existir* sem você. Lembra-se de todas aquelas promessas que fizemos e sonhos que tivemos durante a guerra? Venha trazê-los todos para mim.

Iremos para onde você quiser, viveremos onde você quiser. Edimburgo? Skye? Urbana, Illinois? Com você ao meu lado, posso ir a qualquer lugar. Serei sua esposa, sua amante, sua amada. Desde que seja sua.

Estou fechando minha casa e rumando para Edimburgo. Nada tem corrido bem para a *Màthair* desde que Finlay foi embora. Se eu partir, talvez ele volte. Posso fazer ao menos isto por ela. Você irá a Edimburgo? Irá me buscar?

Irei todas as manhãs à catedral de Santa Maria para esperá-lo. Não sei quando você receberá esta carta, mas prometo que vou esperar. Vou esperar todas as manhãs, pelo tempo que for. Abri mão de você uma vez, naquele dia em que Iain, em vez de você, entrou pela porta. Não farei isso de novo.

Nunca deixei de amá-lo, Davey.

Sue

Capítulo 28



Margaret

EDIMBURGO

TERÇA-FEIRA, 1º DE OUTUBRO DE 1940

Prezado Sr. Graham,

Espero que não me considere atrevida, mas quis escrever-lhe para expressar minha admiração por seu livro *Contos de fadas favoritos para crianças favoritas*. Embora faça muitos anos desde que eu era pequena o bastante para ler contos de fadas, alguma coisa me fez ver além das suas palavras nas páginas. Cada qual tem por trás uma história. Alegoria, sem dúvida, mas também magia e poesia. Não se trata apenas de histórias para crianças.

Fiquei especialmente comovida com a última história do livro, “A Mulher do Pescador”. Essa me pareceu muito verdadeira, como se tivesse sido escrita com o coração. Muito parecida com a vida real, na qual tateamos às cegas no amor, para no final descobrir que ele é mais simples do que pensamos.

Achei interessante o senhor ter modificado o final de “A Mulher do Pescador”. Originalmente, a história terminava com o espírito das águas sacrificando-se para que o pescador pudesse navegar em segurança para a praia. Um final muito nobre. Mas aqui, na versão publicada, o senhor faz o gênio das águas lutar pelo amor de Lucinda. Ele lhe dá a chance de escolhê-lo por sua própria vontade. Talvez não seja tão nobre, mas é real, impregnado de tristeza e esperança.

É claro que os contos desse livro não são sua primeira obra. Há mais de duas décadas, escreveu uma história de amor em cartas, uma história de amor tão mágica quanto os contos de fadas – mais até, porque era verdadeira. Mas foi uma história sem final. Uma história que se interrompeu num momento de nobreza, deixando perguntas sobre todos os momentos que vieram antes.

Perguntas que persistem, 23 anos depois.

Sei que o senhor pode concluí-la. É um dos dois melhores escritores que conheço.

Com muita admiração,

Margaret Dunn



LONDRES, INGLATERRA

5 DE OUTUBRO DE 1940

Prezada Srta. Dunn,

Parece fazer uma vida inteira desde a primeira vez que iniciei uma carta com estas mesmas três palavras. Uma vida que me fez atravessar um oceano, cruzar as trincheiras, entrar no inferno e voltar dele. Mas escrever aquele “final nobre” foi, de longe, a coisa mais difícil que fiz. Não é de admirar que eu tenha mudado de ideia.

Houve apenas um exemplar do manuscrito original. Por favor, como está ela?

David Graham



EDIMBURGO

TERÇA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 1940

Caro Sr. Graham,

Ela está intrigada. Passou os últimos 23 anos se perguntando por que o senhor parou de escrever. Por que nunca respondeu às cartas que ela lhe mandou depois que Iain voltou para casa. Por que desapareceu.

Minha mãe nunca me falou do senhor nem da vida dela antes de eu nascer. Mas eu via o peso da tristeza nos seus ombros, de tanto se intrigar e esperar durante anos. Esta guerra a abalou. Fez com que se lembrasse da outra, disse ela. Levou-a a recordar o que tinha ganhado e o que tinha perdido. A guerra é impulsiva, ela me disse, e o que nos resta não passa de fantasmas.

Talvez não me caiba escrever desta maneira a um estranho, mas tenho a sensação de conhecê-lo – depois de ler todas as cartas, que ela guardava dentro de uma parede, desde que a última guerra terminou. Apesar de nunca havermos nos encontrado, eu o compreendo. Sou igualmente irrequieta, destemida e ávida de encontrar meu lugar no mundo. Compreendo as dúvidas, mas não a partida sem olhar para trás. Por que o senhor fez isso?

Atenciosamente,

Margaret Dunn



LONDRES, INGLATERRA

11 DE OUTUBRO DE 1940

Cara Margaret,

Não parei de escrever para ela. Nunca poderia fazê-lo. Arrependi-me daquele “final nobre” no momento em que o redigi. Mande-i-lhe uma carta após outra, mas não obtive resposta. Por que haveria ela de me responder, quando tinha o marido de volta em casa? Quando eles tinham uma segunda chance? Por que iria querer escrever para mim, quando tinha você?

Ela nunca mais escreveu outra carta, porém ele sim: Iain me pediu que parasse. Pediu-me que não escrevesse nunca mais.

Depois que ele voltara, disse-me, ela estava feliz. Os dois estavam recomeçando e tentando fazer as coisas funcionarem. Haviam constituído uma família, o que ela queria tanto. E aquilo fez sentido. Por que ela escolheria um garoto como eu? Um garoto que não conseguia parar quieto. Que não queria se comprometer com uma família do mesmo modo que ela. Não era de admirar que ela ficasse feliz com a volta de Iain.

Tentei pedir desculpas uma vez, cara a cara. Apesar de Iain não querer que eu tornasse a falar com ela, e apesar de eu imaginar que ela também não quisesse falar comigo, Sue valia a pena. Quando saí do campo de prisioneiros, depois do armistício, mendiguei, pedi emprestado e roubei para chegar a Skye. Tinha que ouvir as palavras diretamente dela.

Alguém me indicou o caminho da casa dos pais dela. Quando cheguei lá, ouvi

risos e parei na rua. Eu nunca me esquecera do som da risada da Sue. Olhei para os fundos da casa e a vi. Ela estava com Iain e com uma menininha. Você. Iain tinha balançado você por cima de um riacho, e você gargalhava. Os três estavam rindo. Hesitei. Sue levantou os olhos, só por um instante, e achei que tinha me visto, mas você recomeçou a rir e não consegui dar um passo. Não consegui me intrometer naquele momento feliz em família. Não consegui me intrometer na nova vida dela. Fui embora e nunca mais tentei procurá-la.

Todas aquelas cartas não respondidas, de quando eu estava no campo de prisioneiros. E, em todos esses anos, ela nunca tentou me encontrar. Por que mexer nessas coisas agora?

David Graham



EDIMBURGO

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1940

Caro Sr. Graham,

Examinei todas as cartas que ela guardou, e elas cessaram no dia em que Iain voltou para casa. O senhor disse que lhe escreveu. Se as cartas tivessem chegado, por que ela não as guardaria?

E se ela nunca as tiver visto? É possível que Iain as tenha queimado todas. O senhor havia conquistado o coração dela sem nada além da sua pena. Por que Iain deixaria as cartas serem recebidas?

Minha mãe disse que o senhor sempre foi o único: o amor, a musa, a poesia dela. Quando Iain morreu, ela se arriscou, assim como o senhor faria. Mandou-lhe uma carta e cruzou os dedos. Escreveu dizendo que ia se mudar para Edimburgo e que o esperaria todos os dias, na catedral de Santa Maria – o antigo ponto de encontro de vocês – até o senhor chegar. Porque o senhor chegaria. Receberia a carta e viria buscá-la. Disso minha mãe tinha certeza.

Tanta certeza que está lá esperando agora, como sempre fez desde então, todos os dias. Ela nunca desistiu do senhor. Não pôde aceitar o final nobre.

Margaret Dunn



LONDRES, INGLATERRA
17 DE OUTUBRO DE 1940

Cara Margaret,

Esperando na catedral de Santa Maria, todos estes anos?

Sabe, isso não me surpreende. Ela sempre foi obstinada como uma mula. Elspeth nunca desistiu de nada – mesmo quando deveria ter desistido de mim.

Nunca havia recebido a última carta dela, a tal em que ela falou de se mudar para Edimburgo. Agora a encontrei. Não foi outra coisa senão minha própria cabeça dura que me impediu de lê-la antes. Sabe, ela a mandou presa entre as páginas de *Deixando o caos*, seu último livro. Deixando o caos. O título me pareceu descrever Iain ao pé da letra. Ele havia escapado das trincheiras e de um campo de prisioneiros. Deixara seu rival atrás das grades. Voltara para a paz do próprio lar.

Desde o momento em que Iain e eu nos conhecemos, naquele campo de prisioneiros, ficamos num impasse. Ele se deu conta de que nem tudo estava perdido – não comigo atrás de uma cerca – e eu percebi que as coisas não seriam muito fáceis com Elspeth, não com seu marido ainda vivo. Eu lhe prometera certa vez que, se Iain voltasse para casa, eu me afastaria.

Particpei de um plano de fuga com alguns outros homens. Fabricamos “uniformes de boches” com forros de paletós, pedaços de cobertores, lençóis. Nosso plano era vesti-los e sair andando pelo portão do campo. Audacioso, mas eu era assim naquela época. Iain soube do plano e quis participar. Os outros homens me pouparam de ter que lhe dizer alguma coisa. Disseram que não havia lugar para ele. Disseram-lhe “não”, para que eu não tivesse que fazê-lo.

Mas não me pareceu certo. Ali estava eu, escrevendo para Sue, sonhando com o dia de revê-la, enquanto seu marido se fechava cada vez mais em si mesmo, sabendo que não a veria. Mais uma vez, ele tinha desistido. Ficar sentado observando aquilo, sabendo que era eu a causa... Não consegui.

Na noite anterior à fuga, escrevi “A Mulher do Pescador”, com o final que você leu. Dobrei o conto dentro de uma carta, na qual lembrei à Sue a promessa que lhe fizera de não atrapalhar se um dia Iain voltasse. Enfieei a carta e o conto

no uniforme falso e os deixei embaixo do travesseiro de Iain.

Só quando ele chegou a Skye e Sue escreveu, perguntando que direito tínhamos de tomar a decisão por ela, foi que comecei a questionar o que havia feito. Escrevi para ela, ah, quantas vezes! Continuei a escrever até Iain me pedir que parasse. Até ele me dizer que ela não se importava mais.

Por que acreditei nele? Não sei. A história de que ela estava feliz em casa na sua companhia fazia sentido. Iain havia passado por muita coisa, só para estar com ela. Tinha saído do caos. Daí o título do livro. E eu não podia ler um livro sobre Iain, para Iain. Ele me tirara aquilo de que eu mais precisava no mundo.

Mas eu estava errado. Ela havia tornado a me escrever. E não apenas aquela carta enfiada entre as folhas, ao lado de “Repouso”. Ela me escrevera um livro inteiro. Todos os poemas de *Deixando o caos* – do rubor ao anseio e à saudade – falavam de nós. Se eu tivesse aberto aquele livro, décadas atrás, teria visto que ela não desistira de mim. Seu último apelo, sua última prece, encadernada em couro cor de jaspe. Ela nunca havia esquecido.

Bastaria eu ter aberto o livro, lido tudo o que ela escreveu para mim ao longo dos anos. Mas não o fiz. Mais uma vez, decepcionei-a. Mais uma vez, mostrei-me um covarde no momento mais importante.

David



EDIMBURGO

SÁBADO, 19 DE OUTUBRO DE 1940

Caro David,

Há uma carta que encontrei nos cadernos dela, uma que ela nunca remeteu, e que estava escrevendo no dia em que Iain voltou e entrou por sua porta. Uma carta que revela mais do que todas as outras. Leia-a, e depois venha a Edimburgo. Leia-a e venha para casa, para nós...

Com amor,

Margaret



ILHA DE SKYE

10 DE AGOSTO DE 1917

Querido Davey,

Sei que não escrevo há muito tempo, mas, por favor, acredite: tive bons motivos. O que vou confessar talvez o deixe aborrecido, mas, por favor, não se zangue. Tive minhas razões. Eu lhe falei que tinha perdido o bebê. Mas, como diz a mamãe, “o problema das coisas perdidas é que um dia a gente pode reencontrá-las”. Eu não sofri o aborto, Davey. Eu tive o bebê.

Ah, eu tentei abortar. Depois de receber a carta de Harry dizendo que você estava morto, eu não queria aquele lembrete, aquela bofetada no rosto a zombar de mim com a família que eu poderia ter tido. Assim, tentei abortar. Fiz tudo o que dizem que não se deve fazer durante a gravidez – lavar janelas, pisar na sepultura de um suicida, comer ameixa verde, ficar em pé ao ar livre sob a lua nova, beber uísque durante um banho quente. Nada funcionou.

E depois, você estava vivo e ficou tudo perfeito. Tive meu bebê, eu o tive, Davey. Mas me lembrei de como você se sentira antes, de como ficara assustado com a ideia da paternidade iminente. Eu não podia admitir que achava a ideia da maternidade iminente igualmente assustadora. E assim, adiei o momento de lhe contar. E adiei de novo. E mais uma vez. Cheguei a um ponto em que não podia confessar minha mentira sem que ela soasse profundamente fictícia. “Espero que você tenha gostado do pacote com mantimentos. Ah, a propósito, ontem eu dei à luz.”

Gostaria de ter contado. Queria você a meu lado durante o parto. Queria que você beijasse a minha testa e me dissesse que eu estava indo bem, que era a sua garota valente. Queria que você segurasse sua filha e fosse a primeira pessoa que ela visse ao abrir os olhos.

Dei-lhe o nome de Margaret, que quer dizer “pérola”. Ela é mesmo um tesouro.

Mas as coisas têm sido difíceis. Não posso mentir, Davey. Todos os vizinhos sabem. Viram minha barriga crescer por baixo da roupa de luto e cobriam a boca para cochichar às escondidas. Tinham visto todos aqueles anos de cartas

provenientes dos Estados Unidos, e as três significativas ocasiões em que Elspeth Dunn havia posto os pés numa balsa. Não ficaram surpresos com a chegada de uma criança, um ano depois da carta que dizia que Iain morrera.

Estou pensando em ir embora, em amarrar Margaret nas minhas costas e pisar naquela balsa pela última vez. Longe de Skye, posso criá-la sem cochichos. Longe de Skye, talvez Finlay volte para casa. A *Màthair* sente uma enorme saudade dele.

Uma vez você disse que aquele apartamento em Edimburgo dava a sensação de ser a sua casa. Será que podemos transformá-lo nisso? Venha para casa, para a Margaret. Venha para mim. Venha para a sua família, Davey.

Esperando,

Sue

Capítulo 29



Elspeth

EDIMBURGO

25 DE OUTUBRO DE 1940

Querida *Màthair*,

Margaret andou vasculhando o primeiro volume da minha vida; quanto a mim, estive sempre à espera do segundo.

No trem da volta de Londres, resolvi dar um basta. Chega de esperar. Chega de segundo volume. O que isso me trouxe? Nove mil dias esperando na catedral, uma filha que não conhecia o passado e um irmão que não queria conhecê-lo. No trem, vi-me com Finlay a meu lado e Margaret vindo logo atrás, com as cartas. E os dois eram mais importantes do que esperar por um fantasma.

Depois, porém, Finlay me deixou em Edimburgo e esqueci todas as minhas promessas. Sem que me desse conta, meus pés refizeram o trajeto habitual para a catedral de Santa Maria. Não fiquei surpresa ao erguer os olhos e ver aquelas portas entalhadas. Não sei se minha espera é uma droga ou uma rotina, mas não pude parar, sem ter nada além de palavras intrépidas.

Na quarta-feira, lá estava eu no meu banco de praxe, com a pequena Bíblia marrom no colo, com “David Graham” rabiscado na parte interna da capa, em letras redondas e infantis. Como sempre, corri o dedo sobre o “d” no final do nome e prometi que seria a última vez. Nove mil dias são muita coisa, porém dez mil são demais. Era preciso parar. Sabe, *Màthair*, naquela tarde eu tinha começado a ver fantasmas.

Apenas minutos antes, ao cruzar a York Place, em frente à catedral, eu havia esbarrado num homem, bem ali na rua. E, ah, *Màthair*, meu coração dera um salto.

O mesmo cabelo cor de areia, os mesmos ombros recurvados, a mesma unha

do polegar subindo furtiva até a boca. Olhos castanho-esverdeados, como as montanhas no inverno. Eu teria jurado por minha própria alma que era ele.

Mas um ônibus passou com estardalhaço, buzinando alto, e ele levou a mão ao chapéu e atravessou a rua correndo. Fiquei imóvel por mais um instante, perguntando a mim mesma como podia ter me enganado tanto. Eu tivera *certeza* de que era ele. Mas o trânsito, a correria para casa, antes que as ruas escurecessem, tudo isso rodopiou à minha volta, e compreendi que tinha que desistir.

Na catedral, correndo o dedo sobre o nome na Bíblia, jurei que seria a última vez. E estava falando sério, *Màthair*.

Fiquei ali até a igreja escurecer, até alguém sentar-se de mansinho no banco a meu lado: minha Margaret, com um novo chapéu verde pousado na cabeça. Ela se mudou lá de casa, e já estou sentindo sua falta. Na semana passada, quando Paul recebeu uma licença, eles se casaram. Uma cerimônia rápida, uma lua de mel mais curta ainda, nas Fronteiras Escocesas, e agora ela é dona da própria casa. Nessa noite, ao se esgueirar de mansinho para o meu lado no banco, ela exibia um sorriso secreto.

– Vim só entregar uma coisa – disse, pondo um envelope novinho e quadrado sobre a minha Bíblia. – Uma entrega especial.

Envelopes. Há sempre envelopes na minha vida. Comecei a tremer antes mesmo de ver o nome do lado de fora.

Para Sue.

Minhas mãos ficaram trêmulas e eu o deixei cair duas vezes, antes de conseguir enfiar o dedo sob a aba. Quase rasguei o envelope ao meio.

A carta era curta, escrita num dos lados de uma folha, em garranchos feitos a lápis, uma letra tão conhecida quanto a minha.



Londres, Inglaterra

23 de outubro de 1940

Querida Sue,

Foi com cartas que começamos e com cartas que terminamos. Quem sabe se com uma carta poderemos recomeçar? Mas não tenho papel suficiente para 23 anos de histórias a lhe contar.

Nunca deixei de amá-la.

Davey



As palavras se embaralharam.

Margaret segurou minhas mãos:

– Mãe... – disse, fazendo sinal com a cabeça para os fundos da catedral.

Uma garota das Terras Altas acredita em visões com fantasmas. A senhora me ensinou isso. E, mesmo assim, quando ele pisou no corredor iluminado pelas velas, minha respiração ficou presa. De todas as coisas que eu esperava, não era essa, não ali, não naquele momento.

Era ele. Eram aqueles olhos, arregalados de surpresa. A unha do polegar já se aproximando furtivamente da boca. Com a mesma aparência do dia em que nos encontramos. O meu Davey. Ah, *Màthair*, ele veio. Ele veio!

Os olhos castanho-esverdeados como as montanhas no inverno, fixados nos meus. O meu eu no espelho. De repente, não me senti nem um dia mais velha.

Levantei-me e a Bíblia caiu do meu colo. A carta amarrotada na mão. Caminhei em direção a ele, esquecida da Margaret, da guerra e de todo o resto do mundo.

– Oi, Sue. – Ele estendeu a mão. – Aqui estou.

Caí em seus braços.

– Aí está você, Davey. Aí está você.

FIM

Sobre a autora



©Sarah Lyn Acevedo



JESSICA BROCKMOLE tem 35 anos, é casada e tem dois filhos. Nasceu nos Estados Unidos, mas morou por algum tempo na Escócia, onde escreveu seu romance de estreia à luz de velas, enquanto a família dormia.

QUERIDA SUE teve os direitos de publicação adquiridos em 22 países.

www.jabrockmole.com